RELATO VERBAL DE PALESTRAS, PERGUNTAS E RESPOSTAS POR

KRISHNAMURTI

AGENCIA DO
THE STAR PUBLISHING TRUST
Rua do Rosario, 149 sob.
RIO DE JANEIRO

OJAI — 1934

Relato Verbal de Palestras e Perguntas e Respostas, por:

Krishnamurti

OJAI — 1934

PRIMEIRA PALESTRA EM OAK GROVE

16 de Junho de 1934

E' proposito meu, durante estas palestras, não tanto o proporcionar-vos um systema de pensamento, como o despertar pensamento, e para isto fazer vou dar certas explicações, naturalmente não dogmaticas, sobre as quaes espero reflectireis e, ao tomal-as em consideração, hão de surgir muitas perguntas; se tiverdes a bondade de m'as formular, tentarei respondel-as, e assim poderemos discutir mais para deante o que tenho para vos dizer.

Eu pergunto a mim mesmo o porque a maioria dentre vós aqui vêm? E' de presumir que estejais buscando algo. E o que é portanto que buscaes? Naturalmente não podeis responder a esta pergunta, porque a vossa busca varia, o objecto de vossa pesquisa muda; o objecto de vossa busca está sempre mudando, e por isso não sabeis por maneira definida o que buscaes, o que quereis. Desafortunadamente, porem, haveis adquirido o habito de ir de um para outro supposto instructor espiritual, de vos filiar a varias instituições, sociedades e de seguir certos systemas; por outras palavras, esforçaes-vos por averiguar o que é que vos proporciona satisfação e excitamento cada vez maiores.

A este processo de ir de uma para outra escola de pensamento, de um systema de pensar para outro, de um para outro instructor, denominaes busca da verdade. Por outras palavras, ides de uma ideia para a outra, de um systema de pensamento para outro systema de pensamento, accumulando, esperando compre-

hender a vida, esforçando-vos para aprofundar seu significado, suas lutas, a cada instante declarando que haveis encontrado alguma coisa.

Ora, eu espero que, ao fim de minhas palestras, não direis que haveis encontrado alguma coisa, pois que a partir do momento em que houverdes encontrado alguma coisa, estareis já perdidos; o que digo não é uma ancora a qual a mente se agarre e, em consequencia do que, esse movimento eterno, essa verdadeira busca de que vos vou falar, cesse. Como a maioria das mentes estão á busca de um escôpo definido, com o definido desejo de encontral-o, uma vez firmado este desejo, *achareis* alguma coisa. Porem não será algo vivo, será uma coisa morta o que achareis, e por isso tereis que deital-a fóra e voltar-vos para outra; e a este processo de escolher de contínuo, de continuamente vos desvencilhardes denominais acquisição da sabedoria, da experiencia ou da verdade.

Provavelmente a maioria de vós aqui viesteis com esta attitude, consciente ou inconscientemente, e por isso vosso pensamento gasta-se na mera busca de eschemas e confirmações, no desejo de adherir a um movimento ou de formar grupos, sem a claridade do que é fundamental ou sem vos esforçardes para comprehender o que significam essas cousas fundamentaes da vida. Assim, como disse, não vou apresentar um ideal para ser imitado, uma meta para ser encontrada, pois que meu proposito é, antes, despertar esse pensamento por meio do qual a mente pode libertar-se a si mesma dessas cousas que estabelecemos, que tomamos por admittido como sendo verdadeiras.

Ora, cada qual procura immortalisar o producto do ambiente; cousas que são resultantes do ambiente,

nós nos esforçamos por tornal-as eternas, isto é, os varios temores, esperanças, anceios, preconceitos, predilecções opiniões pessoaes, ás quaes glorificamos como sendo o nosso temperamento — e essas cousas são, no fim de tudo, o resultado, o producto do ambiente, o producto das reacções do ambiente, tornando-se esse conjuncto a consciencia a que chamamos "Eu". Não é isto assim? A luta em seu conjuncto, tem logar entre o resultado do ambiente, com o qual a mente se identifica e se torna o "Eu", entre esse resultado e o ambiente. No fim de tudo o "Eu", a consciencia com a qual a mente se identifica, é o resultado do ambiente. A luta tem logar entre esse "Eu" e o ambiente sempre em mutação.

Estaes de continuo buscando a immortalidade para este "Eu". Por outras palavras, a falsidade esforça-se por se tornar real, por se tornar eterna. Quando comprehendeis o significado do ambiente, não mais ha reacção e portanto não ha mais conflicto entre a reacção· isto é, entre o que chamamos "Eu" e o creador da reacção, que é o ambiente. Assim, esta busca da immortalidade, esta ancia de certificar-se, de perdurar, é denominada processo de evolução, processo de adquirir a verdade, Deus, ou o entendimento da vida. E quem quer que vos ajude em direção a isto, que vos auxilie a immortalizar a reacção a que chamamos "Eu", vós o consideraes como vosso redemptor, vosso salvador, vosso mestre, vosso instructor e seguis o seu systema. Vós o seguis, com pensamento ou sem elle; com pensamento, quando imaginaes estar seguindo-o com intelligencia, porque elle vos conduz á immortalidade, á realisação do extase. Isto é, pretendeis que um outro para vós immortalise essa reacção que é o resultado do ambiente, que, em si mesma, é visceralmente

falsa. Em virtude do desejo de immortalizar o que é falso, vós creaes religiões, systemas sociologicos e divisões, metodos politicos, panaceias economicas e padrões moraes. E assim, gradualmente, neste processo de desenvolver systemas, de tornar o individuo immortal, perduravel, seguro, perde-se a creatura por completo e entra em conflicto com as creações de sua propria busca, com as creações nascidas de seu desejo de estar seguro a que elle chama immortalidade.

No fim de tudo, para que existem as religiões? As religiões tomadas como divisões do pensamento, cresceram, foram glorificadas e nutridas por um conjunto de crenças, afim de que obtenhaes a realisação, afim de attingirdes, para que haja a immortalidade.

Uma vez mais o digo, os padrões moraes são mera creação da sociedade, para que o individuo fique encerrado nesse captiveiro. Para mim, a moral não póde ser padronizada. Não podem existir ao mesmo tempo a moral e os padrões. Só pode haver intelligencia a qual não é, não pode ser padronizada. Trataremos, porem disto, em minhas palestras ulteriores.

Portanto, esta continua busca pela qual cada um de nós está empolgado, a busca da felicidade, da verdade, da realidade, da riqueza — este desejo continuo, é cultivado por parte de cada um de nós afim de ficarmos seguros, permanentes. E por causa desta busca de permanencia, tem que haver conflicto, conflicto entre o resultado do ambiente, isto é, o "Eu" e o proprio ambiente.

Ora, se vos derdes ao trabalho de reflectir, o que é o "Eu"? Quando falais em "Eu", em "Meu", minha casa, meu goso, minha esposa, meu filho, meu amor,

meu temperamento, que significa isso? Nada mais que o resultado do ambiente e dá-se um conflicto entre esse resultado, que é o "Eu" e o proprio ambiente. O conflicto só pode e deve inevitavelmente existir entre o falso e o falso, não entre o verdadeiro e o falso. Pois não é assim? Não pode haver coufiicto entre o que é verdadeiro e o que é falso. Porem pode haver e tem que haver conflicto entre duas cousas falsas, entre graus de falsidade, entre oppostos.

Portanto não penseis que esta luta entre o eu e o ambiente, a que chamaes verdadeira luta, seja realmente verdadeira. Pois não tem logar uma luta em cada um de vós, entre vós e o ambiente, aquillo que vos rodeia, vosso esposo, vossa esposa, vosso filho, vosso proximo, vossa sociedade, vossas instituições politicas? Não ha em acção uma batalha constante? Consideraes esta batalha necessaria afim de vos ajudar a realizar a felicidade, a verdade, immortalidade ou extase. Para exprimir isto diversamente: o que considerais a verdade não é mais que a eu-consciencia, o "Eu" que a todo o instante se esforça para tornar-se immortal, e o ambiente que eu digo ser o movimento continuo do falso. Este movimento do falso torna-se o vosso ambiente, sempre mutavel que é chamado progresso, evolução. Assim, pois, para mim, a felicidade, a verdade ou Deus não pode ser encontrada como a expressão resultante do ambiente, do "Eu", das condições sempre mutantes.

Uma vez mais me esforçarei por expressar isto differentemente. Ha conflicto do qual cada um de vós é consciente, conflicto entre vós mesmos e o ambiente, e as circumstancias. Ora, dizeis a vós mesmos: "Se puder vencer o ambiente, sobrepujal-o, dominal-o, hei de

encontrar, hei de comprehender;" portanto, trava-se essa continua batalha entre vós e o ambiente.

Ora, o que sois "vós"? Nada mais que o resultado, o producto do ambiente. E que é que, portanto, fazeis? Lutais contra uma cousa falsa por meio de outra cousa falsa, e o ambiente será falso emquanto o não comprehenderdes. Portanto, o ambiente está produzindo essa cousa a que chamais o "Eu" e que de continuo se está esforçando para tornar-se immortal. E, para a tornar immortal, tem que haver muitas vias, tem que haver muitos meios e por isso tendes religiões, systemas, philosophias, todos os aborrecimentos e barreiras que haveis creado. Dahi, tem que haver conflicto entre o resultado do ambiente e o proprio ambiente; e, como disse, só pode haver conflicto entre o falso e o falso; nunca entre a verdade e o falso. Ao passo que em vossas mentes existe esta ideia firmemente estabelecida de que nesta luta entre o resultado do ambiente, que é o "Eu", e o proprio ambiente, estão o poder, a sabedoria, o caminho para a eternidade, a realidade, a verdade, a felicidade.

Nossa vital preoccupação deveria ser este ambiente, não o conflicto, não o como vencel-o, não o como fugir delle. Interrogando o ambiente e esforçando-nos para comprehender seu significado, acharemos o seu verdadeiro merecimento. Não é assim? A maioria de nós acham-se enredados, apanhados no processo de tentar sobrepujar, de fugir ás circumstancias, ao ambiente; não nos esforçamos para averiguar o que elle significa, qual a sua causa, o seu significado, o seu valor. Quando averiguaes o significado do ambiente, vêdes que elle significa acção drastica, um tremendo revolver de vossa vida, uma completa e revolucionaria mutação das ideias, em a

qual não existe autoridade nem imitação. Porem mui poucos são os que querem ver o significado do ambiente de que elle significa mudança, mudança radical, mudança revolucionaria e poucas pessôas querem isso. Assim, a maioria das pessôas, grande numero dellas, preoccupam-se com esta evasão ao ambiente; disfarçam-no ou esforçam-se por encontrar substituições, libertando-se de Jesus Christo e estabelecendo um novo salvador; buscando novos instructores em logar dos antigos, porem nem sempre inquirem se de modo absoluto necessitam de um guia. Pois só isto seviria de auxilio, só isto proporcionaria o verdadeiro significado dessa pergunta especial.

Onde, pois, houver a busca de substituição, tem que haver autoridade, o seguir uma leaderança, por essa forma o individuo torna-se nada mais que um dente de engrenagem no mechanismo religioso e social da vida. Se olhardes as cousas acuradamente, haveis de verificar que a vossa busca nada mais é que busca de conforto e segurança, portanto uma escapula; não é busca de entendimento, não é busca da verdade, porem antes a busca de uma evasão; é, portanto, uma busca para vencer todos os obstaculos; no fim de tudo, uma conquista nada mais é que uma snbstituição de cousas na substituição, não existe entendimento.

Ha as evasões por meio das religiões, por meio dos edictos, dos padrões moraes, dos temores, das autoridades. E ha evasões por meio da auto-expressão — pois o que chamais auto-expressão, o que a grande maioria das pessôas chama auto-expressão, nada mais é que reacção contra o ambiente, nada mais é que esforço para expressar a si mesmo por meio da reacção contra o ambiente, a auto-expressão por meio da arte, da sciencia, por varias formas de acção. Não inclúo

aqui as verdadeiras e espontaneas expressões da belleza, da arte, da sciencia; ellas são por si mesmas completas. Falo do homem que busca essas cousas como meios de auto-expressão. Um artista verdadeiro não fala da sua auto-expressão, expressa aquillo que intensamente sente; ha porem tantos artistas espurios, como ha pessôas espirituaes espurias, que a todo o instante buscam a auto-expressão como um meio de obter algo, certa satisfação que não podem encontrar no ambiente em que vivem.

Em virtude dessa busca de segurança e permanencia, estabelecemos religiões, com suas insignificancias, suas divisões, suas explorações e meios de evasão; e estes meios de evasão tornam-se muito vitaes, muito importantes, porque, o dominar o ambiente, isto é, as condições que nos rodeiam, exige acção formidavel, acção voluntaria, dynamica e muito poucos querem tomar a si esta acção. Ao contrario, desejam ser forçados á acção pelo ambiente, pelas circumstancias; isto é, se um homem se tornar altamente moral e virtuoso por uma depressão, dizeis vós: que excellente homem elle é, como elle mudou. Para esta mudança, vós dependeis do ambiente; e emquanto houver uma dependencia do ambiente para a recta acção tem que haver meios de evasão, de substituições, chamae-lhe religião ou o que vos approuver. Ao passo que, para o verdadeiro artista que é tambem verdadeiramente espiritual, ha espontaneidade de expressão, a qual, em si mesma, é sufficiente, completa, integra.

Assim, pois, que é que estaes fazendo? Que está acontecendo a cada um de vós? Que vos esforçaes para fazer em vossas vidas? Buscaes; e que é que buscaes? Ha um conflicto entre vós e o movimento cons-

tante do ambiente. Estaes buscando meios de vencer esse ambiente, de modo a perpetuardes vosso proprio ego que nada mais é que o resultado desse ambiente, ou então, por tantas vezes haverdes sido torcidos pelo ambiente, que vos impede de vos expressardes a vós proprios, como costumaes dizer, buscaes novo meio de auto-expressão por meio do serviço á humanidade, por meio dos ajustes economicos, e tudo o mais.

Cada qual tem que averiguar o que é que está buscando; se não estiver buscando, então ha satisfação e decadencia. Se houver conflicto, ha o desejo de vencer o conflicto, de escapar a esse conflicto, de dominal-o. E, como disse, o conflicto pode existir somente entre duas cousas falsas, entre essa supposta realidade que chamamos o "eu", que, para mim, nada mais é que o resultado do ambiente, e o proprio ambiente. Por consequencia, se vossa mente estiver meramente preoccupada em vencer esta luta, então perpetuareis a falsidade e dahi, haverá maior conflicto, mais tristeza. Se, porem, comprehenderdes o significado do ambiente, isto é, a riqueza, a pobreza, a exploração, a oppressão, as nacionalidades, as religiões e todas as trivialidades da vida social na existencia moderna, não tentando vencel-as, porem verificando o seu significado, então tem que haver acção individual e completa revolução de ideias e pensamento. Então não mais haverá luta, porem antes uma treva que se dissipa. Não ha conflicto entre a luz e a treva. Não ha conflicto entre o verdadeiro e o falso. Só ha conflicto onde existem oppostos.

SEGUNDA PALESTRA EM OAK GROVE

17 de Junho de 1934

Haveis de lembrar-vos que hontem falei acerca do nascimento do conflicto e de como busca a mente uma solução para elle. Quero tratar esta manhã, da ideia de conflicto em seu conjuncto e bem assim da desharmonia, e demonstrar a completa futilidade da mente ao buscar solução para o conflicto, pois que a simples busca da solução não o afastará. Ao buscardes uma solução, um meio de dissolver o conflicto, apenas vos esforçaes para super-pôr ou collocar em seu logar um novo conjuncto de ideias, um novo conjuncto de teorias, ou então tentaes fugir por completo ao conflicto. Quando as pessôas desejam uma solução para o seu conflicto, é isto o que ellas buscam.

Haveis de observar que, quando ha conflicto, immediatamente ides á busca de uma solução para elle. Quereis logo encontrar uma sahida desse conflicto e, geralmente, *encontraes* essa sahida; não tereis, entretanto, solucionado o conflicto apenas o haveis evitado astutamente buscando a substituição por um novo ambiente uma nova condição que, por seu turno, produzirá um conflicto ulterior. Encaremos, portanto, esta ideia de conflicto, vejamos de onde elle surge e o que della podemos fazer.

Ora, o conflito é uma resultante do ambiente, pois não é? Para dizer as cousas por maneira differente, o que vem a ser o ambiente? Quando é que do ambiente sois conscientes? Só quando ha conflicto e resistencia a esse ambiente. Portanto, se fordes ob-

servadores, se contemplardes as vossas vidas, verificareis que o conflicto está de continuo torcendo, pervertendo, moldando as vossas vidas; e a intelligencia, que é a perfeita harmonia da mente e do coração, absolutamente não toma parte em vossas vidas. Isto é, o ambiente vos modela de continuo, amolda as vossas vidas á acção e, naturalmente, em virtude desse torcer continuo, desse amoldar, modelar a perversão, nasce o conflicto. Assim, pois, onde houver este constante processo de conflicto, não pode haver intelligencia. E no entanto imaginamos que entrando continuamente em conflicto, chegaremos a essa intelligencia, a essa plenitude, a essa plenitude de extase. Porem, pelo accumulo de conflictos não nos é possivel verificar como viver intelligentemente; só podereis verificar o como viver intelligentemente quando comprehenderdes o ambiente que está creando o conflicto, e a mera substituição, isto é, a introducção de novas condições, não irá solver esse conflicto. No entanto, se observardes, vereis que quando ha conflicto a mente busca uma substituição. Nós, então, ou dizemos "é a hereditariedade, são as circumstancias economicas, é o ambiente do passado" ou affirmamos nossa crença no Karma, na reincarnação, na evolução; desse modo esforçamo-nos por dar desculpas pelo presente conflicto no qual a mente é sobrecolhida e não tentamos a verificação da causa do conflicto, o que seria inquirir o significado do ambiente.

O conflicto, pois, só pode dar-se entre o ambiente — tomando a este como sendo o conjuncto das circumstancias sociaes e economicas, o dominio politico e os visinhos — entre esse ambiente e a resultante do ambiente, que é o "Eu". O conflicto pode existir somente enquanto houver reacção para com o ambiente,

o qual produz o "Eu", o ego. A maioria das pessôas são inconscientes desse conflicto — o conflicto existente entre nós mesmos, que nada mais é que o resultado do ambiente, e o proprio ambiente; mui poucos tem consciencia desta batalha continua. Tornamo-nos conscios desse conflicto, dessa desharmonia, dessa luta entre a falsa creação do ambiente, que é o "Eu" e o proprio ambiente, somente por meio do soffrimento. Não é assim? Só por meio do soffrimento agudo, da agudeza da dôr, da agudeza da desharmonia, é que vos tornais conscios do conflicto.

Que acontece quando vos tornais conscios do conflicto? Que acontece quando nessa intensidade de soffrimento vos tornaes plenamente conscios da batalha, da luta que vae proseguindo? A maioria das pessôas desejam um allivio immediato, uma immediata resposta. Querem pôr-se ao abrigo desse soffrimento e para isso acham varios meios de evasão, os quaes mencionei hontem, taes como sejam religiões, incitamentos, coisas vasias, e as multiplas e mysteriosas veredas de fuga que havemos creado pelo nosso desejo de nos protegermos contra esta luta. O soffrimento torna-nos conscientes deste conflicto, e apezar disso o soffrimento não levará o homem a essa plenitude, a essa riqueza, a esse extase de vida de que tenho falado, porque o soffrimento, no fim de tudo, só pode despertar a mente dando-lhe grande intensidade. E ao ficar a mente aguda, começa ella a interrogar o ambiente, as condições actuaes, e nesse interrogar funcciona a intelligencia, e é somente a intelligencia que hade levar o homem á plenitude da vida e á descoberta do significado da tristeza. A intelligencia começa a funccionar no momento em que se dá a agudeza do soffrimento, quando a mente e o coração não mais se evadem pe-

las varias avenidas que tão habilmente haveis aberto e que tão apparentemente razoaveis effectivas e reaes são. Se cuidadosamente observardes, sem preconceito, vereis que emquanto existir uma escapula, não tereis solucionado, não tereis defrontado face a face o conflicto e, portanto, o vosso soffrimento é mero accumulo de iguorancia. Quer isto dizer que, quando cessamos de nos evadir pelos canaes já bem conhecidos, então, ao dar-se a agudeza do soffrimento, principia a intelligencia a funccionar.

Por favor, eu não vos pretendo dar exemplos e similes, pois quero que penseis sobre isto e se eu fornecer exemplos pensarei tudo por mim mesmo e vós meramente escutareis. Ao passo que, se principiardes a pensar sobre o que estou dizendo, verificareis, observareis por vós mesmos o como a mente, estando acostumada a tantas substituições, a tantas autoridades, evasivas, jamais chega a esse ponto de agudeza no soffrimento que exige que a intelligencia entre em funcção. E é somente quando a intelligencia está funccionando plenamente que pode ter logar a completa dissolução da causa de conflicto.

Desde que haja falta de comprehensão do ambiente, tem que haver conflicto. O ambiente dá nascimento ao conflicto e emquanto não comprehendermos o ambiente, as circumstancias, o que nos rodeia, e meramente buscarmos substituições para essas circumstancias, estaremos evadindo-nos de um conflicto e indo ao encontro de outro. Se, porem, nessa agudeza do soffrimento que em sua plenitude produz um conflicto, se nesse estado começarmos a interrogar o ambiente, então comprehenderemos o verdadeiro merecimento do ambiente e a intelligencia, então, funcciona natural-

mente. Até aqui a mente tem-se identificado, com o ambiente, com as evasões, e, portanto, com o soffrimento; isto é, dizeis: "eu soffro". Ao passo que naquelle estado a que me refiro de agudeza de soffrimento, naquella intensidade de soffrimento em que não mais ha evasão, a propria mente torna-se intelligencia.

Dizendo ainda isto por forma differente — emquanto estivermos buscando soluções, emquanto buscarmos substituições, por causa e para allivio do conflicto, tem que dar-se a identificação da mente com o que é particular. Ao passo que, se a mente estiver nesse estado de intenso soffrimento em o qual todas as vias de evasão ficam bloqueadas, então a intelligencia despertará, funccionará natural e expontaneamente.

Se fizerdes experiencias neste sentido haveis de verificar que vos não estou offerecendo teorias, porem sim algo que é pratico. Tendes multiplos ambientes, que vos foram impostos pela sociedade, pela religião, pelas condições economicas, pelas distincções sociaes, pelas oppressões e explorações politicas. O "eu" foi creado por essa imposição, por essa compulsão; ha em vós os "eu" que luta contra o ambiente e dahi provem o conflicto. De nada serve crear um novo ambiente porque a mesma cousa continuará a existir. Se, porem, nesse conflicto houver tristeza consciente e soffrimento — e ha sempre soffrimento em todo o conflicto, o homem é que pretende fugir a essa luta e por isso busca substituições — se nessa agudeza de soffrimento deixardes de buscar substitutos e realmente fizerdes frente aos factos, verificareis que a mente, que é a summula da intelligencia, começa a descobrir o verdadeiro merito do ambiente e vos apercebereis de que a mente está liberta do conflicto. Na agudeza, mes-

ma, do soffrimento está a sua dissolução. Portanto, dentro della o entendimento da causa do conflicto.

Deveriamos tambem ter em mente que o que chamamos accumulo de tristezas, não conduz á intensidade; nem tão pouco a multiplicação do soffrimento, leva á sua dissolução; pois que a agudeza da mente no soffrimento só vem quando a mente cessa de evadir-se. E nenhum conflicto desperta esse soffrimento, essa agudeza de soffrimento, quando a mente está tentando evadir-se, pois na evasão não ha intelligencia.

Para resumir novamente isto, antes de responder ás perguntas que me foram feitas direi: Em primeiro logar todos estão colhidos pelo soffrimento e pelo conflicto, porem a maioria das pessôas são inconscientes desse conflicto; buscam apenas substituições, soluções e evasivas. Ao passo que, se deixassem de procurar evasivas e começassem a interrogar o ambiente que causa esse conflicto, a mente tornar-se-ia aguda, viva, intelligente. Nessa intensidade a mente torna-se intelligencia e, portanto, enxerga o pleno merecimento e significado do ambiente que cria o conflicto.

Desculpae-me, eu estou certo que metade de vós não comprehendem isto, porem não importa. O que podereis fazer, se o quizerdes, é pensar sobre isto, reflectir sobre isto, realmente, e verificar se o que estou dizendo não é verdadeiro. Porem, reflectir sobre isto, não é intellectualizal-o, isto é, sentardes-vos e deixar que se apague através o intellecto. Para verificar se o que estou dizendo é verdade, tendes que o levar á acção e para o levardes á acção tendes que interrogar o ambiente. Isto é, se estiverdes em conflicto, naturalmente tendes que interrogar o ambiente, porem, a

maioria das mentes perverteram-se tanto que não se apercebem que estão buscando soluções, evasivas, por meio de theorias maravilhosas. Raciocinam perfeitamente, porem o seu raciocinio está baseado na busca de escapula, da qual são inteiramente inconscientes.

Portanto, se ha conflicto e se se quizer averiguar a causa desse conflicto, naturalmente a mente tem que descobril-a por meio da agudeza do pensamento e, portanto, interrogando tudo, aquillo que o ambiente ao redor de vós colloca — a vossa familia, vossos visinhos, vossas religiões, vossas autoridades politicas; e pelo interrogar haverá acção contra o ambiente. Ha a familia, o visinho, o estado, e, pelo interrogar sobre o seu significado, verificareis que a intelligencia é espontanea, que ella não se adquire, mas sim cultiva-se. Haveis semeado a semente do apercebimento e esta produz a flôr da intelligencia.

PERGUNTA: Dizeis que o "eu" é o producto do ambiente. Quereis significar que um perfeito ambiente poderia ser creado de modo a não desenvolver essa "eu" consciencia? Se assim é, a perfeita liberdade de que falaes é assumpto de crear um recto ambiente. E' isto correcto?

VOZES DO AUDITORIO: — «Não.»

KRISHNAMURTI: Esperae um pouco. Pode haver sempre um recto ambiente, um ambiente perfeito? Não pode. As pessôas que responderam "não" não reflectiram plenamente sobre isto, por isso raciocinemos juntos, e entremos no assumpto plenamente.

Que é ambiente? O ambiente, foi creado, esta

estructura humana em sua totalidade foi creada, pelos temores humanos, pelos seus anceios, esperanças, desejos, attingimentos. Ora, não vos é possivel crear um ambiente perfeito, porque todo o homem cria de accordo com suas phantasias e desejos novas condições em conjuncto; tendo, porem, mente intelligente, podereis atravessar todos estes falsos ambientes e portanto libertar-vos dessa "eu-consciencia". Attentae, por favor, a "eu-consciencia", o sentido do "meu", é resultado do ambiente; pois não é? Penso não ser necessario discutir, tão obvio isto é.

Se o estado vos desse a vossa casa e tudo que necessitasseis, não haveria necessidade da "minha" casa — haveria qualquer outro sentido do "meu", porem estamos a discutir particularisando. Como não é este o caso que se dá comvosco, ha então o sentido do "meu", do espirito de posse. Isto é, o resultado do ambiente, este "eu", mais não é que a falsa reacção do ambiente. Ao passo que, se a mente começar a interrogar o proprio ambiente, não mais haverá reacção contra o ambiente. Portanto, não estamos preoccupados com a possibilidade de jamais haver um ambiente perfeito.

No fim de contas, o que é um ambiente perfeito? Cada homem vos dirá o que, para elle, é um ambiente perfeito. O artista dirá uma cousa, o financista outra, a actriz de cinema outra; cada homem pede um ambiente perfeito que o satisfaça, por outras palavras, que nelle não crie conflicto. Não é possivel, portanto, haver um ambiente perfeito. Se, porem, houver intelligencia, então o ambiente não terá valor, não terá significado, porque então a intelligencia estará livre de circumstancias, funccionando plenamente.

Do que se trata não é da possibilidade de criarmos um perfeito ambiente, porem sim, de como despertarmos essa intelligencia que se liberta do ambiente quer elle seja imperfeito quer seja perfeito. Eu digo que podeis despertar essa intelligencia pelo interrogar o pleno valor de qualquer ambiente em o qual vossa mente esteja presa. Então vereis que estaes libertos de todo o ambiente particularisado, pois que então estareis funccionando intelligentemente sem serdes torcidos, pervertidos, modelados pelo ambiente.

PERGUNTA: Seguramente que não podeis ter em mente aquillo que as vossas palavras parecem transmittir. Ao ver o vicio rastejante no mundo, sinto um intenso desejo de lutar contra esse vicio e contra todo o soffrimento que elle cria nas vidas de meus semelhantes os seres humanos!! Isto implica um grande conflicto, pois ao tentar prestar auxilio soffro, —frequentemente, a opposição viciosa. Como podeis, então, dizer que não ha conflicto entre o que é falso e o que é verdadeiro?

KRISHNAMURTI: Disse hontem que só pode haver conflicto entre duas cousas falsas, entre o ambiente e o resultado do ambiente, que é o "eu". Ora, entre estes dois elementos ha numerosas vias de escapula creadas pelo "eu", e ás quaes chamamos vicio, bondade, moral, padrões, temores, e todos os demais e multiplos oppostos; e a luta só pode ter logar entre os dois, entre a falsa creação do ambiente que é o "eu" e o proprio ambiente. Porem não pode haver luta entre o que é verdadeiro e o que é falso. Seguramente isto é obvio, pois não é? Podeis soffrer opposição viciosa por ser o vosso antagonista ignorante. Não quer isto dizer que não devais lutar — porem não

assumaes uma attitude de rectidão ao lutar. Sabeis que existe uma maneira natural de fazer as cousas, uma maneira espontanea, suave, sem essa aggressiva e viciosa attitude de rectidão.

Primeiro que mais nada, para poderdes lutar, precisaes conhecer o que estaes combatendo, porisso tem que haver entendimento do que é fundamental e não o entendimento das divisões entre as cousas que são falsas, entre a resultante do ambiente e o ambiente, afim de as combatermos; e é por isso que queremos reformas, queremos modificar, queremos alterações, mas sem fundamentalmente modificar a estructura, em seu conjuncto, da vida humana. Quer isto dizer que ainda pretendemos conservar a consciencia do "eu" que é a falsa reacção do ambiente; pretendemos conserval-a e, apezar disso, pretendemos alterar o mundo. Por outras palavras, pretendeis ter a vossa conta corrente num banco, vossos bens, pretendeis conservar o sentimento do "meu" e apezar disso alterar o mundo, para que não haja mais essa ideia do "meu" e do "teu".

Portanto, o que ha a fazer é averiguar se nos estamos preoccupando com o que é fundamental, ou se meramente o fazemos com o que é superficial. Para mim, o superficial existirá enquanto apenas vos preoccupardes com o alterar o ambiente, de modo a alliviar-vos do conflicto. Isto é, pretendeis ainda apegar-vos á consciencia do "Eu", sob a forma do "meu", e sem embargo desejaes alterar as circumstancias de modo a não criarem ellas conflicto nesse "eu". Eu chamo a isto pensamento superficial e delle decorre, naturalmente superficial acção. Ao passo que, se pensardes em termos do que é fundamental, isto é, se inquirirdes o resultado do ambiente, que é o "eu" e,

portanto interrogardes o proprio ambiente, nesse caso, estareis agindo fundamentalmente, portanto, por maneira perduravel. E nisto ha um extase, nisto ha uma alegria, a qual agora não conheceis, porque tendes medo de agir por maneira fundamental.

PERGUNTA: Em vossa palestra de hontem haveis falado do ambiente como sendo elle o movimento do que é falso. Incluis, por acaso, nesse ambiente todas as creacções da natureza, inclusive as formas humanas?

KRISHNAMURTI: Pois não muda o ambiente, de continuo? Muda, ou não? Para a maior parte das pessôas elle não muda, porque a mudança implica um ajuste continuo, portanto, continuo apercebimento da mente, e a maior parte das pessôas preoccupam-se com certa condição estatica do ambiente. No entanto o ambiente move-se, porque está para alem do vosso controle e é falso emquanto não lhe comprehendeis o significado.

"O ambiente não inclue as formas humanas?" Porque havemos de collocal-as áparte na natureza? Não nos preocupamos muito com a natureza, porque a temos quasi sob o nosso dominio, porem não comprehendemos ainda o ambiente creado pelos seres humanos. Contemplae as relações existentes entre os povos, entre dois seres humanos e todas as circumstancias que hão sido creadas pelos proprios seres humanos e que ainda não comprehendemos, embora amplamente tenhamos entendido e vencido a natureza por meio da sciencia.

Assim, pois, não nos preoccupamos com a estabilidade, com a continuação de um ambiente que já comprehendemos, pois que, a partir do momento em que o comprehendermos não mais haverá conflicto. Isto

é, buscamos a segurança emocional e mental e somos felizes emquanto essa segurança é permanente sendo que, jamais interrogamos o ambiente, e dahi o ser falso esse constante movimento do ambiente, que cria perturbações em cada um de nós. Emquanto existir conflicto, esse conflicto indicará que não havemos comprehendido as circumstancias que nos rodeiam; e esse movimento do ambiente continuo sendo falso emquanto não perquirirmos o seu significado, e esse, só nos é possivel descobril-o, quando chegarmos ao agudo estado de consciencia no soffrimento, de que já falei.

PERGUNTA: *Está perfeitamente esclarecido que a consciencia do "eu" é um resultado do ambiente, porem não vedes tambem que o "eu" não se originou pela primeira vez nesta vida? Tomando por base o que dizeis, é obvio que a consciencia do "eu", sendo o resultado do ambiente, deve ter principiado em um passado distante e deve continuar para o futuro.*

KRISHNAMURTI: Sei que se trata de uma pergunta para me apanhar relativamente á reincarnação, porem não importa. Examinemos a questão.

Primeiro que mais nada, chegareis a admittir, se nisto pensardes, que o "eu" é o resultado do ambiente. Ora, para mim não importa que seja o ambiente do passado ou o do presente. No fim de contas, o ambiente faz parte tambem do passado. Haveis feito algo que não comprehendesteis, haveis feito hontem alguma cousa que não havieis comprehendido, e esta cousa vos persegue até que a comprehendais. Não podeis solucionar o passado ambiente emquanto não fordes plenamente conscientes no presente. Portanto, não tem importancia que o estropeado da mente seja occasionado pelas presentes ou pelas passadas cir-

cumstancias. O que importa é qne comprehendaes o ambiente porque é isto que liberta a mente dos conflictos.

Algumas pessôas acreditam que o "eu" teve nascimento num passado distante e que continuará para o futuro. E' destituido de importancia, para mim, esse assumpto, elle não possue significação alguma. Dir-vos-ei porque. Se o "eu" é o resultado do ambiente, se o "eu" nada mais é que a essencia do conflicto, então a mente deveria preoccupar-se não com a continuação deste conflicto, porem sim com o libertar-se delle. Portanto não tem importancia que seja o passado ambiente que estropia a mente, ou que seja o presente que a esteja pervertendo, ou se o "eu" teve nascimento em um passado distante. O que importa é que nesse estado de soffrimento, nessa consciencia, nessa agudeza consciente de soffrimento, tenha logar a dissolução do "eu".

Isto implica a ideia do Karma. Sabeis o que ella significa, isto é, que tendes um fardo a carregar no presente, que esse é o fardo do passado trazido para o presente. Isto é, trazeis convosco o ambiente do passado para o presente e em virtude desse fardo, dominaes o futuro e o modelaes. Se pensardes bem nisto, haveis de verificar que deve ser assim, que se a vossa mente está pervertida pelo passado, naturalmente no futuro deve tambem continuar deformada, pois que se hontem não houverdes comprehendido o ambiente, elle tem que ser continuado hoje; e, portanto como não comprehendeis hoje, naturalmente não comprehendereis tão pouco amanhã. Isto é, se não houverdes visto o pleno significado de um ambiente, de uma acção, fica pervertido o vosso julgamento do am-

biente de hoje, da acção de hoje, nascida do ambiente, que novamente vos perverterá amanhã. E'-se, portanto, apanhado neste circulo vicioso e dahi vem a ideia do continuo renascer, do renascer da memoria, e do re-nascer da mente perpetuada pelo ambiente.

Eu, porem, digo que a mente pode libertar-se do passado e do passado ambiente, dos impedimentos passados e, portanto, podeis vós tambem libertar-vos do futuro, pois que então estareis vivendo dynamicamente, intensamente, supremamente no presente. No presente está a eternidade e para comprehendel-a, necessita a mente estar livre do fardo do passado; e para livrar a mente do passsado, tem que haver intensa interrogação do presente e não entrar em considerações sobre como o "eu" virá a existir no futuro.

TERCEIRA PALESTRA EM OAK GROVE

18 de Junho de 1934

Esta manhã vou apenas responder a perguntas.

PERGUNTA: Qual a differença entre auto-disciplina e repressão?

KRISHNAMURTI: Penso que não ha muita differença entre ambas as coisas, porque as duas negam a intelligencia. A repressão é a forma grosseira da auto-disciplina a qual é mais subtil, porem que é tambem repressão; isto é, ambas, tanto a repressão como a auto-disciplina, são meros ajustamentos ao ambiente. Uma dellas, a repressão, é a forma grosseira do ajustamento, e a outra, a auto-disciplina, é a forma subtil. Ambas se baseiam no medo: a repressão num medo inconteste; a outra, a auto-disciplina, no temor nascido da perda, ou no temor que se expressa através o lucro.

Auto-disciplina — o que vós chamaes auto-disciplina — é meramente um ajuste a um ambiente que não tenhamos por completo comprehendido; portanto, nesse ajuste tem que haver negação da intelligencia. Porque nos havemos nós de disciplinar? Para o que havemos de nos disciplinar? Para que disciplinar-nos, forçarmo-nos a nos amoldar a um dado padrão? Porque é que tanta gente pertence a varias escolas e disciplinas, que se suppõe conduzirem á espiritualidade, a um entendimento maior, a um maior desdobramento do pensamento? Chegareis a verificar um dia que quanto mais se disciplina a mente, quanto mais se a adestra, maiores são as suas limitações. Attentae nisto, peço-vos, é preciso reflectir cuidadosamente, com deli-

cada percepção e não immergir em confusão, pela imiscuencia de outros enunciados. Estou tomando aqui a palavra auto-disciplina na accepção em que se acha na pergunta, isto é, subentendendo o nos disciplinarmos a nós mesmos de accordo com um dado padrão, preconcebido ou preestabelecido, e, portanto, com o desejo de attingimento, do lucro. Ora, para mim, o proprio processo de disciplina, esse continuo contorcer da mente em direcção a um modelo preestabelecido, tem que, com o tempo, necessariamente estropear a mente. A mente, que é na réalidade intelligente, está livre da auto-disciplina, pois a intelligencia nasce ao se interrogar o ambiente e pela descoberta do verdadeiro significado desse ambiente. Nessa descoberta reside o verdadeiro ajustamento, não o ajustamento a um molde ou a uma condição dada, porem sim o ajustamento por meio da comprehensão e que, portanto, se acha liberto de condições particulares.

Tomae como exemplo um individuo primitivo; que é que elle faz? Nelle não ha disciplina, nem controle, nem repressão. Esse individuo primitivo faz o que quer fazer. O homem intelligente faz tambem o que deseja, porem o faz com intelligencia. A intelligencia não nasce da auto-disciplina nem da suppressão. Em um dos exemplos, ella é integralmente a persecução do desejo, o homem primitivo perseguindo o objecto de seus desejos. No outro exemplo o homem de intelligencia vê o significado do desejo e vê o conflicto; o homem primitivo, persegue seja o que fôr que deseje e cria assim soffrimento e dor. Para mim, portanto, auto-disciplina e repressão são ambas a mesma cousa — ambas negam a intelligencia.

Fazei, peço-vos, experiencias com o que vos disse

acerca da disciplina, da auto-disciplina. Não o rejeiteis, não digaes que necessitaes da auto-disciplina porque senão haverá cáos no mundo — como se já não houvesse cáos; e, digo-vos mais uma vez, não acceiteis simplesmente o que vos digo, concordando ser verdadeiro. Eu vos estou dizendo algo com o qual já fiz experiencias e que verifiquei ser verdadeiro. Psychologicamente, penso ser verdade, pois que a auto-disciplina exige uma mente que esteja adstricta a um pensamento, a uma crença, a um ideal especificado, uma mente presa por um condiccionamento; e tal como um animal amarrado a um poste só póde circumvagar dentro dos limites da sua corda. assim tambem acontece á mente que estiver atada a uma crença, que estiver pervertida pela auto-disciplina, a qual só pode circumvagar dentro dos limites de seu condiccionamento. Uma mente tal, pois, em absoluto não é mente, é incapaz de pensar. E' capaz de ajustar-se dentro das limitações do poste e chegar ao mais afastado ponto ao seu alcance; porem uma tal mente, um coração, assim não póde realmente sentir nem pensar. A mente e o coração estão disciplinados, estropeados, pervertidos, por negarem o pensamento, por negarem o affecto. Portanto, precisaes observar, aperceber-vos de como o vosso pensamento e os vossos sentimentos funccionam, sem necessitardes de um guia para os orientar numa direcção especificada. Primeiro que mais nada, antes de os orientar, examinae como elles funccionam. Antes de tentardes modificar, alterar o pensamento e o sentimento, examinae o modo pelo qual elles operam e haveis de verificar que de continuo se estão ajustando dentro das limitações estabelecidas por esse ponto fixado pelo desejo e pelo preenchimento desse desejo. No apercebimento não ha disciplina.

Permitti que tome um exemplo. Supponde que tendes imbuida a vossa mente do espirito de classe, que sois passiveis da consciencia de classe, que sois inclinados ao *snobismo*. Não sabeis que o sois, porem pretendeis averiguar isso; como fazel-o? Tornando-vos conscientes de vosso pensamento e de vossas emoções. Que acontece então? Supponde que descobris que sois *snob*, essa descoberta cria perturbação, cria conflicto, e o proprio conflicto dissolve o snobismo. Ao passo que, se meramente disciplinardes para não serdes snobs, desenvolveis uma caracteristica differente que é se oppôr a ser snob, e sendo cousa resolvida, portanto falsa, é egualmente perniciosa.

Assim, por havermos estabelecido differentes padrões, varias metas, auxilios os quaes estamos de continuo consciente ou inconscientemente buscando, disciplinamos nossas mentes e corações em direção a elles e por isso hade haver controle, perversão. Ao passo que, se começardes a investigar as condições que criam conflicto, e por meio dellas despertardes a intelligencia, então essa mesma intelligencia será tão suprema que estará de continuo em movimento e portanto jamais existirá o ponto estatico que cria o conflicto.

PERGUNTA: Admittido que o "eu" é feito das reacções do ambiente, por que metodo se pode escapar ás suas limitações; ou como nos é possivel encetar o processo de re-orientação, afim de evitar o conflicto entre as duas coisas falsas?

KRISHNAMURTI: Primeiro que mais nada, pretendeis conhecer o metodo para escapar das limitações. Porque? Porque perguntaes? Perdoae, porque é que sempre solicitaes um metodo, um systema? Que é que indica, esse desejo de um metodo? Toda

a exigencia de um metodo indica o desejo de evasão. Pretendeis que eu estabeleça um systema, afim de imitardes esse systema. Por outras palavras, quereis que eu invente um systema para o sobrepôrdes ás circumstancias que estão criando conflicto, de modo a poderdes evadir-vos a todo o conflicto, Por outras palavras, apenas buscaes ajustar-vos a um molde, de maneira a escapardes ao conflicto do vosso ambiente; E' este o desejo que está por detraz do pedido de um metodo, de um systema. Vos sabeis que a vida não é o Pelmanismo. O desejo de um metodo indica essencialmente o desejo de evasão.

"Como se hade emprehender o processo de reorientação afim de evitar o constante conflicto entre duas cousas falsas? Em primeiro logar: estaes apercebidos de que vos achaes em conflicto, antes de saberdes como fugir delle? Ou então, apercebidos do conflicto, estaes meramente buscando um refugio que não dê logar á criação de um novo conflicto? Portanto, decidamos sobre se quereis um abrigo, uma zona de segurança, que não mais permitta conflicto, sobre se pretendeis escapar ao presente conflicto para entrar em uma condição em que não mais haja conflicto; ou por outra se estaes desapercebidos, inconscientes desse conflicto no qual viveis. Se estaes inconscientes do conflicto, isto é, da batalha que está tendo logar entre o ego e o ambiente, se sois inconscientes dessa luta, então porque buscar ulteriores remedios? Permanecei inconscientes. Deixae que as proprias circumstancias produzam o necessario conflicto, sem irdes atraz dellas, invocando artificialmente, falsamente, um conflicto que não existe em vossa mente e coração. E criaes artificialmente um conflicto porque tendes medo de

perder alguma coisa. A vida não vos perderá. Se pensaes o contrario disto, é que algo em vós está errado. Talvez sejaes um nevrotico, um individuo anormal.

Se estiverdes em conflicto, não pedireis um metodo. Se eu vos desse um metodo, apenas vos disciplinarieis a vós mesmos de accordo com esse metodo, esforçando-vos para imitar um ideal, um modelo que eu houvesse estabelecido e, portanto, destruindo a vossa intelligencia. Ao passo que, se realmente fordes conscientes desse conflicto, nelle o soffrimento consciente tornar-se-á agudo e, nessa agudeza, nessa intensidade, dissolvereis a causa do soffrimento, a qual é a falta de comprehensão do ambiente.

Sabeis que já perdemos todo o sentimento do viver normalmente, simplesmente, directamente. Para voltar a essa normalidade, a essa simplicidade, a essa via directa, não vos é permittido seguir metodos, não vos é possivel vos tornardes simples machinas automaticas; e eu receio que a maioria de nós esteja á busca de metodos, por pensar que por meio delles se realiza a plenitude, a estabilidade e a permanencia. Para mim, os metodos conduzem á estagnação lenta e a decadencia e nada têm a ver com a espiritualidade real, a qual é, no fim de tudo, a summula da intelligencia.

PERGUNTA: Falaes da necessidade de uma revolução drastica na vida do individuo. Se elle não desejar revolucionar seu ambiente externo pessoal, pelo soffrimento que isso causaria á sua familia e amigos, leval-o-ia, a revolução interna, á libertação de todo o conflicto?

KRISHNAMURTI: Antes de mais nada, srs., não sentis tambem vós que uma revolução drastica na vida do individuo é necessaria? Ou vos sentis meramente satisfeitos com as coisas taes quaes se acham, com as vossas ideias de progresso, de evolução e o vosso desejo de attingimento, com os vossos anceios pelos prazeres evanescentes? Sabeis, que a partir do momento em que começaes a pensar em que começaes a sentir realmente, tendes que possuir este desejo ardente por uma mudança drastica, uma drastica revolução, uma completa re-orientação do pensar. Ora, se sentirdes ser isso necessario, nem familia nem amigos se interporão. Então não existe uma revolução exterior nem uma revolução interior, ha somente revolução, mudança. Porem, a partir do momento em que comeceis a limital-o' dizendo; "Não devo ferir a minha familia, os meus amigos, o meu sacerdote, o meu explorador capitalista ou o estado que me explora", então, realmente, não vereis a necessidade de mudança radical, buscareis apenas uma mudança no ambiente. Nisto só ha letargia, que cria ainda um falso ambiente, ulteriormente, e o conflicto continuo.

Eu penso ser uma falsa desculpa a de não querermos ferir nossas familias e amigos. Sabeis que quando pretendeis fazer algo vital, vós o fazeis a despeito das vossas familias e amigos, não é assim? Então não consideraes que os ides ferir. Está para alem do vosso controle; sentis com tanta intensidade, pensaes tão completamente, que sois arrebatados para alem das limitações de familia, dos circulos de amigos e dos captiveiros classificados. Só quando ainda vos apegaes a uma forma especial de segurança e não havendo em vós essa riqueza interior, mas antes a dependencia dos

estimulos externos para essa interna riqueza, é só então que começaes a tomar em consideração a familia, os amigos, os ideaes, as crenças, as tradições, a ordem de coisas estabelecidas. Se, portanto, existir plena consciencia do soffrimento, produzida pelo conflicto, então, já não estareis colhidos no captiveiro de uma ortodoxia particular qualquer, dos amigos ou da familia. Haveis de então, querer encontrar a causa desse soffrimento, verificar o significado do ambiente que cria o conflicto: nisso, então, não haverá personalidade nem o pensamento limitado do "eu". E' somente quando vos apegaes a esse limitado pensamento do "eu", que vos surge a consideração relativa á distancia de até onde podereis e não podereis ir.

Certamente a verdade, ou essa Divindade do entendimento, não se vae encontrar apegando-vos á familia, á tradição ou ao habito. Só a encontraes quando estiverdes completamente despidos, despojados dos vossos anceios, das vossas esperanças e seguranças; e nessa directa simplicidade, está a riqueza da vida.

PERGUNTA: Podeis explicar porque o ambiente começou pelo falso em vez do verdadeiro? Qual a origem desse horror e perturbação?

KRISHNAMURTI: Quem pensaes vós que tenha criado o ambiente? Algum Deus mysterioso? Pensemos um momento: quem criou o ambiente, a estructura social, a estructura economica e religiosa? Nós. Cada qual collaborou individualmente até que a cousa se tornou collectiva, e o individuo que ajudou a criar o collectivo acha-se agora perdido nelle, pois que elle se tornou o seu molde, o seu ambiente. Em virtude do desejo de segurança financeira, moral e espiritual, haveis criado um ambiente capitalista em o qual ha na-

cionalidades, distincções de classe e explorações. Fomos nós que o creamos vós e eu, e essa couza não veio miraculosamente á existencia. Vós tornareis a criar um outro systema acquisitivo, capitalista, de especie diversa, com diferente matiz, com um colorido differente, emquanto andardes á busca de segurança. Podeis abolir o padrão do presente porem, emquanto houver desejo de posse (possessiveness) criareis outro estado capitalista, com uma nova fraseologia e uma nova gyria.

E o mesmo se applica ás religiões, com todas as suas absurdas cerimonias, suas explorações e temores. Quem as creou ? Vós e eu. Através os seculos creamos essas cousas e a ellas cedemos por temor. Foi o individuo quem creou o falso ambiente por toda a parte. E tornou-se seu escravo e essa falsa condição resultou em uma falsa busca de segurança, para essa eu-consciencia que denominaes o "eu" e dahi essa constante luta entre o "eu" e o falso ambiente. Vós quereis saber quem creou este ambiente e todo este espantoso horror e perturbação, porque pretendeis obter um redemptor para vos arrancar para fora dessa pertubação e vos collocar em um céo novo. Apegando-vos a todos os vossos particulares preconceitos, esperanças, temores e preferencias, individualmente haveis creado este ambiente, portanto é individualmente que tendes de o demolir e não esperar por um systema que venha varrel-o. Um systema *virá* provavelmente e o varrerá, porém tornar-vos-eis simples escravos desse sistema. O systema communista poderá vir e provavelmente usareis novo palavriado, porém tendo sempre as mesmas reacções, embora por maneira differente, com um rithmo differente.

Foi por isso que eu disse outro dia que se o ambiente vos arrastasse a uma dada acção, ella não mais

seria recta. E' só quando a acção nasce do entendimento desse ambiente que existe a rectidão.

Assim,p ois, é individualmente que precisamos tornar-nos conscientes. E eu vos assseguro que, então, individualmente creareis algo de immenso, não uma sociedade que meramente encerre um ideal e que portanto decaia, porem uma sociedade que constantemente esteja em movimento, mas não para chegar a uma culminancia e morrer. Os individuos estabelecem um alvo para ser attingido, lutam para isso e depois de o attingir abatem-se. A todo instante se esforçam para attingir certo alvo e permanecem no estagio attingido. Como os individuos, assim é o estado — o estado está a cada instante esforçando-se psra attingir um ideal. uma meta. E então a auto-expressão que é a sociedade, estará sempre em constante movimento.

PERGUNTA: Imaginamos que Karma seja a acção reciproca entre o falso ambiente e o falso „eu"?

KRISHNAMURTI: Sabeis que Karma é palavra sanskrita que significa agir, fazer, operar, e implica tambem causa e effeito. Ora, Karma é o captiveiro, a reacção nascida do ambiente que a mente não houver comprehendido. Como hontem me esforcei para explicar, se não comprehendermos uma situação dada, naturalmente a mente fica sobrecarregada por ella em virtude da falta de comprehensão: e por meio dessa falta de entendimento é que funccionamos e agimos e por esse modo creamos ulteriores fardos e maiores limitações.

Assim temos que averiguar o que cria esta falta de comprehensão, o que impede o individuo de aprender o pleno significado do ambiente, seja elle o ambiente passado seja o presente. E para descobir esse

significado a mente precisa realmente estar liberta de preconceitos. E' uma das coisas mais difficeis, o estar realmente livre de peias, do temperamento, de uma distorsão qualquer; e o acercar-se do ambiente com mente aberta, renovada com visão directa, é coisa que exige muita percepção. A maioria das mentes estão peiadas pela vaidade, pelo desejo de impressionar os outros, pelo desejo de serem algo ou pelo desejo de attingir a verdade, ou de se evadirem do seu ambiente, ou ainda de expandirem a sua consciencia — somente dando a esta um nome especial, espiritual — ou pelos seus preconceitos de nacionalidade. Todas essas cousas impedem a mente de perceber directamente o pleno merecimento do ambiente; e como a maioria das mentes estão imbuidas de preconceitos, a primeira das coisas de que nos devemos tornar conscientes é das nossas proprias limitações. E, quando começaes a estar conscientes, ha conflicto nessa consciencia. Quando reconheceis que sois brutalmente orgulhosos ou vaidosos, na propria consciencia da vaidade, começa ella a dissipar-se pois que vedes o absurdo della; se, porem, começardes apenas a disfarcal-a, criará ella outros males ulteriores, ulteriores reacções.

Assim, pois, para viver agora cada momento sem a carga do passado ou do presente, sem essa estropeante memoria creada pela alta de entendimento, deve a mente defrontar as cousas renovada. E' fatal o defrontar a vida com o fardo da certeza, com a vaidade do conhecimento, porque, no fim de tudo, o conhecimento é meramente uma coisa do passado. Assim, pois, quando vierdes á vida com renovamento e frescura, então sabereis o que é viver sem conflicto sem esse continuo e extenuante esforço. Então viajareis para longe, levados pelas ondas da vida.

QUARTA PALESTRA EM OAK GROVE

19 de Junho de 1934

Primeiro vou responder a algumas perguntas que me foram feitas, e depois farei uma curta palestra.

PERGUNTA: Implica a intuição experiencia passada e algo mais, ou somente a passada experiencia?

KRISHNAMURTI: Para mim a intuição é intelligencia, e a intelligencia não é a passada experiencia, é o entendimento da passada experiencia. Falarei, opportunamente, da ideia, em conjuncto, dessa passada experiencia, da memoria, da intelligencia e da mente, porem agora vou responder a este ponto especial, o de saber si a intuição nasce do passado.

Para mim o passado é um fardo, o passado representa a existencia de fossos no entendimento; e, se realmente baseardes a vossa acção no passado, na pretensa intuição, ha tendencia a ser ella transviada. Ao passo que, se houver acção espontanea neste sempre mutante presente, nessa acção haverá intelligencia e intelligencia é intuição. A intelligencia não deve ser separada da intuição. A maioria das pessôas gostam de separar a intelligencia da intuição, porque a intuição lhes proporciona uma certa segurança e esperança. Muitas pessôas dizem agir "por intuição", isto é, sem raciocinio, sem profundo pensamento. Muitas pessôas acceitam uma teoria, uma ideia, por dizerem que a sua "intuição" lhes revela que ella é verdadeira. Não ha raciocinio por detraz della, apenas a acceitam porque essa teoria ou essa ideia lhes proporciona alguma solução algum conforto. Não é, em tal caso, realmente

a razão que está funccionando, são apenas suas esperanças, seus anceios, que orientam suas mentes. Entretanto, a intelligencia é desapegada do ambiente e portanto ha raciocinio, pensamento, por detraz della.

PERGUNTA: Como hei de agir livremente e sem auto-repressão si souber que a minha acção vae ferir aquelles a quem amo? Em taes casos, qual a contra prova para a acção recta?

KRIHNAMURTI: Penso haver outro dia respondido a esta pergunta, porem, provavelmente a pessôa que perguntou agora não estava aqui e por isso responderei novamente. A contra-prova da acção recta está na sua propria espontaneidade, porem o agir espontaneamente implica ser-se grandemente intelligente. A maioria das pessôas apenas soffrem reacções pervertidas, torcidas e sufocadas pela falta de intelligencia. Onde a intelligencia estiver funccionando ha acção espontanea.

Ora, o inquiridor pretende saber como agir livremente e sem auto-repressão quando souber que a sua acção vae ferir aquelles a quem ama. Sabeis que amar é ser livre — ambas as partes que amam são livres. Onde houver possibilidade de dar, onde houver possibilidade de soffrimento no amor, não se trata mais de amor, e sim apenas de uma forma subtil de posse, de desejo de acquisição. Se amardes, se realmente amardes a alguem, não haverá possibilidade de lhe causardes soffrimento quando fizerdes algo que penseis ser bom. E' somente quando quizerdes que essa pessôa faça aquillo que desejaes, ou então quando ella quer que façaes o que ella deseja, que sobrevem a dor. Isto é, gostaes de ser possuidos, de sentir-vos salvos, seguros, confortaveis; embora saibais que o conforto é

transitorio, tomais abrigo nesse conforto, nessa transitoriedade. Assim, pois, cada luta em prol do conforto, da animação, nada mais faz que revelar a vossa falta de riqueza interna; e portanto uma ação separada, aparte da de outro individuo, cria, naturalmente, perturbação, dor e soffrimento; o o individuo teve que reprimir o que realmente sente afim de se ajustar a um outro. Por outras palavras, esta repressão constante, produzida por um pretenso amor, destroe os dois individuos. Nesse amor não ha liberdade; nada mais elle é que um captiveiro subtil. Quando ardentemente sentis que precisaes fazer alguma coisa, vós o fazeis, muitas vezes habil e subtilmente, porem vós o fazeis. Ha sempre este impulso para agir, para agir independentemente.

PERGUNTA: Estarei certo, acreditando que todas as condições e ambientes se tornam recto para uma mente realmente intelligente? Não se trata ahi de ver a arte no modelo?

KRISHNAMURTI: Para a mente intelligente o ambiente revela o seu significado; portanto, essa mente intelligente será dona do ambiente e uma tal mente acha-se liberta do ambiente, não está condiccionada por elle. Que é que limita a mente? A falta de comprehensão. Pois não é assim? Não é o ambiente, por si, o ambiente não limita a mente, é a falta de entendimento de uma condição dada o que a limita.

Onde houver intelligencia, a mente não está condiccionada por nenhum ambiente, porque a todo o instante estará consciente, apercebida, funccionando e, portanto, discernindo, percebendo o pleno merecimento do ambiente. A mente só pode ficar condiccionada

pelo ambiente quando é lethargica e preguiçosa, esforçando-se para fugir ao seu proprio condiccionamento. Embora a mente pense nessa condição, não estará funccionando verdadeiramente, estará apenas pensando dentro do limitado circulo do seu condiccionamento, o que para mim em absoluto não é pensar.

Assim, pois, o que cria intelligencia, o que desperta intelligencia é a percepção dos verdadeiros valores e como a mente se acha estropiada com os multiplos valores que lhe são impostos pela tradição, temos que nos libertar dessas passadas experiencias, desses fardos passados, afim de comprehendermos o presente ambiente. Assim, pois, o combate trava-se entre o passado e o presente. A luta é entre o fundo de conhecimento que havemos cultivado por seculos a seguir e as circumstancias sempre mutantes do presente. Ora, uma mente que esteja annuveada pelo passado não pode comprehender estas rapidas mudanças do ambiente. Por outras palavras, para comprehender o presente, tem a mente que ficar supremamente liberta do passado; isto é, tem que exercer uma espontanea apreciação dos valores do presente. Falarei a este respeito mais tarde.

"Não se trata de ver a arte no padrão?" Seguramente. Isto é, no padrão das circumstancias, no padrão do ambiente, tem a mente que enxergar o valor subtil, tão occulto, tão delicado; e para perceber esta subtileza, esta delicadeza, tem as pessôas que estar alerta, placidas, agudas, não sobrecarregadas com os valores de hontem.

PERGUNTA: Parece ter curso a ideia de que a libertação é um alvo, uma culminancia. Qual a differença, neste caso, entre o lutar pela libertação e o

lutar por outra culminancia? Certamente a ideia de um fim, de uma meta, de uma culminancia, é erronea. Como, então, deveramos encarar a libertação se não por esta maneira?

KRISHNAMURTI: Lamento que o inquiridor não tenha escutado aquillo de que tenho vindo a falar; talvez houvesse lido alguns de meus velhos livros, fazendo a seguir a pergunta acima.

Ora, a mente busca uma culminancia, uma meta, uma finalidade, porque pretende certificar-se, assegurar-se. Tirae á mente todas as certezas e seguranças, as quaes são formas subtis de auto-glorificação, ou seja o desejo da continuação do eu. Tirae tudo isto á mente, reduzi-a á nudez e então verificareis que a mente combate ainda, novamente, para adquirir segurança, para alcançar abrigo, pois que a partir desta segurança pode julgar, pode funccionar, póde agir seguramente, como um animal amarrado a um poste.

Como disse, a libertação não é um fim, não é uma meta; é o entendimento dos rectos valores, dos valores eternos. A intelligencia está sempre vindo ao ser, não possue fim nem finalidade. No desejo de attingir ha um anceio subtil pela continuação do eu, a continuação do eu glorificado; e toda a luta, todo o esforço para attingir a libertação, indica uma evasão ao presente. Esta summula de intelligencia, que é a libertação, não se comprehende por meio do esforço. No fim de contas fazeis esforços quando quereis, quando desejaes adquirir algo. Porem a libertação não se adquire, não se adquire a verdade. Assim, pois, onde houver desejo de libertação, de culminancia, de attingimento, tem que haver esforço para manter, para conservar, para perpetuar essa consci-

encia que denominamos o "eu". A propria essencia desse "eu" é um esforço para alcançar a culminancia, pois que elle vive em uma serie de movimentos da memoria, movimentando-se em direcção a um fim.

"Porem, como devêramos encarar a libertação se não por esta maneira?" E porque havemos de encaral-a? Porque pretendeis a libertação? Será por ter eu falado a respeito della durante estes dez annos ultimos? Ou é porque pretendeis escapar ás circumstancias ou porque isso vos proporciona maior excitação, maior estimulo, maior dominio intellectual? Para que quereis a libertação? Dizeis: "não sou feliz, e se puder achar a libertação, terei felicidade; estando na desgraça, se achar essa cousa, a desgraça desapparecerá." Se disserdes isto, então estareis apenas buscando substituições.

A libertação não se destina a ser "encarada" por um modo qualquer. Ella só vem á existencia quando a mente não se esforça para fugir ás circumstancias em as quaes se acha immersa, porem, o faz antes, para comprehender o significado dessa condição que cria o conflicto. Vede bem, como não comprehendeis a condição, o ambiente que cria conflictos, buscaes uma ideia, uma culminancia, um fim, uma meta, a vós proprios dizendo: "Se comprehender isto, aquillo desapparecerá" ou "Se possuir isto, posso impor aquillo nestas condições". Assim, pois, mais não é que uma forma subtil de evasão continua do presente. Todas as ideias, crenças, metas, e culminações, nada mais são que caminhos para sahir do estado presente. Ao passo que, se realmente chegardes a pensar nisto, quanto mais perseguirdes um fim, uma meta, um escôpo, uma crença, um ideal, mais estareis sobrecarregando o vos-

so futuro, pois que estareis fugindo ao presente e portanto criando maiores limitações, maior conflicto e maior tristeza.

PERGUNTA: Dizem algumas pessôas que a vossa ideia é a de que deveriamos libertar-nos agora, emquanto temos opportunidade para isso, e que nos poderemos tornar mestres mais tarde em outra occasião. Se, porem, temos que nos tornar mestres, na verdade, porque não seria bom para nós o começarmos a collocar os pés nesse caminho desde já?

KRISHNAMURTI: Existe para vós, agora, a opportunidade de vos libertardes? Que entendeis por opportunidade? Como vos poderieis libertar agora? Por algum processo miraculoso? E mais tarde vos tornarieis um mestre? Senhor, o que é um mestre e o que é a libertação? Que é o mestrado? Seguramente, se elle não fôr a libertação, não pode ser mestrado. Se a libertação não é a summula da intelligencia no presente, certamente, a intelligencia não é para ser adquirida em algum futuro distante. Assim, pretendeis, agora a libertação e o mestrado depois? Eu pondero sobre o porque quereis a libertação agora. Eu sinto não ter ella mais significado quando vós a *quereis*. E esta ideia de tornar-se um mestre — o inquiridor deve entender que a vida é como o passar por um exame, tornar-se alguma coisa — eu sinto que este tornar-se mestre, tornar-se liberto, não tem significação para vós. Pois não vêdes que é realmente quando não quizerdes tornar-vos *qualquer coisa*, porem sim quando viverdes completamente um só dia, na riqueza de um dia unico, que sabereis o que é o mestrado ou a libertação? Este querer está de continuo criando um futuro que jamais pode ser preenchi-

do, portanto estaes vivendo incompletamente no presente.

No decorrer destes tres dias ultimos tenho falado ácerca da mente e da intelligencia. Ora, para mim, não existe divisão entre mente e intelligencia. A mente despojada de todas as suas memorias e impedimentos, funccionando espontaneamente, plenamente, achando-se apercebida, cria entendimento e isto é intelligencia, isto é éxtase; isto é para mim a immortalidade, a ausencia de tempo. A intelligencia é isenta de tempo e é a propria mente. Esta intelligencia é o real, é a propria mente, não deve ser apartada da mente; esta intelligencia é extase, está sempre se tornando em movimento.

Ora a memoria mais não é que o impedimento da intelligencia, a memoria é independente dessa intelligencia; a memoria é a perpetuação desse „eu"-consciencia que é o resultado do ambiente, desse ambiente cujo pleno significado a mente não viu. Assim, pois, a memoria torna estupida, embaraça a intelligencia que sempre está vindo á existencia, a intelligencia que é isenta de tempo e está sempre se movendo. A mente é intelligencia, porém a memoria chegou a impôr-se á mente. Isto é, a memoria sendo a consciencia do "eu", identifica-se a si propria com a mente, e o "eu"-consciencia vem, por assim dizer, intrometer-se entre a inteligencia e a mente, por essa forma dividindo-a, estupidificando-a, embaraçando-a pervertendo-a. Assim, a memoria, identificando-se com a mente, esforça-se para se tornar intelligencia, o que para mim é errado — se porventura me é dado aqui usar a palavra "errado" — pois que propria mente é intelligencia e é a memoria que perverte a mente e annuvia a intelligencia, que é tambem a propria mente.

Portanto, o que é a memoria ? Não será a memoria, apenas incidente, experiencia, temor, esperança, anceio, crença, ideia, preconceito e tradição, acção e acto, com suas subtis e complexas reacções? A partir do momento em que haja esperança, anceio, temor, preconceito, temperamento, essas cousas limitarão a mente e a limitação cria a memoria, a qual obscurece a claridade da mente que é intelligencia. Esta memoria corre através os tempos, coagulando-se e endurecendo-se para tornar-se a conciencia pessoal do "eu". Quando falaes acerca do "eu", é isto que visaes. E' o crystallisar, o endurecer da memoria, das vossas reacções, as reacções da experiencia, os incidentes, as crenças, os ideais e depois de haver-se tornado uma massa solidificada, a memoria identifica-se e confunde-se com a mente. Se reflectirdes sobre isto, haveis de ver. A autoconsciencia ou seja essa consciencia do particular, o "eu", nada mais é que o conjunto da memoria, e o tempo nada mais é que o campo em o qual ella pode funccionar e divertir-se. Assim, pois, essa massa endurecida de reacções, não pode ser resolvida, ella não se pode resolver a si propria retrospectivamente no tempo por meio da analyse, da analyse do passado, porque este mesmo olhar retrospectivo, esta analyse do passado, é um dos artificios da propria memoria. Sabeis que, encontrando nisso um prazer insano, isto é, no reaffirmar e recondicionar o passado, é essa a constante actividade, o *métier* da memoria, pois não é? Attentae, isto não é esperteza de minha parte, nem é um conceito philosophico. Pensae nisto por um instante e haveis de ver que é verdadeiro. Existe uma massa de reações que nascem das condições, do ambiente, dos preconceitos, de varios anceios e tudo o mais, dando existencia, portanto, a essa cousa que denominaes o "eu".

Vem depois esta ideia de que necessitaes dissipar o "eu" em vista do que tenho estado a dizer. Ou então vós mesmos enxergaes a estupidez que ha nisto e por isso começaes a retrahir-vos; a memoria começa a afundar, retrospectivamente, no passado, cousa que representa o processo da auto-analyse. E se realmente chegardes a pensar nisto, a propria memoria encontra um insano prazer em voltar a condiccionar o passado ao presente. E pelo mesmo motivo, o futuro da memoria será o de um endurecimento ainda maior, por causa de desejos ulteriores, de ulteriores accumulos de experiencias e reacções. Por outras palavras, o tempo é a memoria da auto-consciencia. Não vos é possivel resolver ou dissolver a auto-consciencia entrando pelo passado. O passado nada mais é que o accumulo das lembranças e o mergulhar no passado não vae resolver esta consciencia do presente; nem tão pouco o entrar pelo futuro — que nada mais é que ulterior accumulo, desejo ulterior, ulterior reacção e endurecimento, a que chamamos crenças, ideaes, esperanças — o futuro que está ainda envolto pelo tempo. Emquanto este processo da memoria sob a forma de passado e futuro perdurar, jamais poderá a intelligencia agir com completidão e plenitude no presente.

A intuição, tal como vulgarmente se a comprehende, está baseada no passado, no passado accumulo da memoria, no passado accumulo de experiencias, que nada mais é que uma advertencia para agir com cuidado — ou seja, livremente — no presente. Como vos disse, esta obliteração do tempo não é um conceito philosophico meu, é uma realidade, e haveis de verificar ser ella uma realidade se experimentardes o que vos estou dizendo. Isto é, verificareis ser isto uma realidade se vossa mente não estiver entravada pelo pas-

sado accumulo a que chamais memoria, que funcciona e vos dirige no presente, impedindo-vos de serdes plenamente intelligentes e, portanto, de viverdes completamente no presente.

Portanto a libertação, a Verdade ou Deus, é o libertar a mente, que é, ella propria, intelligencia, do fardo da memoria. Eu já vos expliquei o que entendo por memoria, não a memoria dos factos e falsidades, porem sim o fardo posto sobre a mente pela auto-consciencia que é memoria, e esta memoria é a reacção do ambiente que não houver ainda sido comprehendido. A immortalidade não é o perpetuar da consciencia do "eu", que nada mais é que o resultado do ambiente falso, a immortalidade é a liberdade, o eliminar da mente o fardo da memoria.

QUINTA PALESTRA EM OAK GROVE

22 de Junho de 1934

Esta manhã quero falar acerca do medo, que cria e que necessita compulsão e influencia.

Ora, temos dividido a mente em pensamento, razão e intellecto; porem, como expliquei em minha ultima palestra, para mim, a mente é intelligencia, auto-creativa, porem annuveada pela memoria; acha-se annuveada pela memoria e está confundida com a consciencia do "eu", que é resultado do ambiente. Assim, a mente fica escravisada pelo ambiente que ella propria creou mediante o desejo, e portanto ha continuamente temor. A mente é que creou o ambiente e emquanto não houver comprehendido este ambiente, tem que haver o medo. Não damos todo o nosso pensar ao ambiente e não somos plenamente conscientes delle e assim a mente torna-se escrava desse ambiente e por causa disso ha o medo; e a compulsão é o instrumento do temor. Assim, naturalmente, a falta de entendimento do ambiente é produzida por essa falta de intelligencia, e, por não termos comprehendido o ambiente, o medo é, por essa forma, creado, e o medo necessita de influencias, sejam ellas do exterior sejam do interior.

E como se cria a compulsão, a qual se tornou o instrumento, o penetrante instrumento do temor? A memoria annuvia a mente, e esta, tenho-o dito repetidamente, é a resultante da falta de entendimento do ambiente, a qual cria o conflicto tornando-se a memoria a auto-consciencia. Esta mente, annuveada, limi-

tada, confinada pela memoria, busca a perpetuação do resultado do ambiente, que é o "eu"; assim, no perpetuar o "eu", busca a mente o ajustamento, a alteração ou modificação do ambiente, seu crescimento e sua expansão. Sabeis, a mente está de continuo buscando o ajustamento ao ambiente; porem o ajustamento não produz entendimento, nem tão pouco poderemos nós ver o significado desse ambiente pelo mero modificar do estado da mente ou pelo tentar modificar ou expandir esse ambiente. Por a mente estar de continuo buscando sua propria protecção, fica annuveada pela memoria, que se torna confusa, e se identificou com a auto-consciencia — essa auto-consciencia que se deseja perpetuar a si mesma; por conseguinte, ella se esforça para alterar, ajustar, modificar o ambiente, ou por outras palavras, a mente busca tornar o "eu", ao pensar, immortal, universal e cosmico. Não é assim?

Portanto, a mente que busca a immortalidade, deseja realmente a continuação da consciencia desse "eu", a perpetuação do ambiente; isto é, enquanto a mente se apegar á consciencia do "eu", que nada mais é que a falta de comprehensão do ambiente e portanto a causa do conflicto, procurará, nessa limitação, sua perpetuação e a esta perpetuação chamamos nós immortalidade, ou seja, essa consciencia cosmica em a qual o particularisado ainda continua. Emquanto a mente, que é intelligencia, estiver sobrecolhida pelo captiveiro da memoria, que é a consciencia do "eu", haverá a busca do falso pelo falso. Este "eu", como expliquei, é a falsa reacção para com o ambiente; ha uma falsa causa e ella está sempre buscando uma falsa solução, um falso effeito, um falso resultado. Assim, pois, quando a mente annuveada pela memoria

busca perpetuar-se a si propria sob a forma da auto-consciencia, está buscando uma falsa immortalidade, uma falsa expansão cosmica ou o quer que lhe queiraes chamar.

Neste processo da perpetuação do "eu", essa memoria que é auto-conservadora, na perpetuação desse "eu", nasce o temor — não temor superficial porem temor fundamental do qual tratarei mais adeante. Eliminae esse temor, que tem como sua expressão externa a nacionalidade, o crescimento, o attingimento, o exito — eliminai esse temor fundamental, a anciedade da perpetuação desse "eu", e todos os temores terão cessado. Portanto, o medo existe emquanto houver o desejo da perpetuação dessa cousa que é falsa: este "eu" é falso, portanto tendes que soffrer uma falsa reacção, a qual é o proprio temor. E onde houver medo, tem que haver disciplina, compulsão, influencia, dominio e busca do poder que a mente glorifica como virtude e cousa divina. Se realmente reflectirdes sobre isto, verificareis que onde ha intelligencia não pode haver ancia pelo poder.

Ora, toda a vida se acha moldada pelo temor e o conflicto e, portanto, pela compulsão, pela imposição de decretos e grilhões que uns consideram virtuosos e dignos e outros consideram venenosos e maus. Pois não é isto assim? São estas as repressões que haveis estabelecido em vossa busca pela perpetuação, livre de medo; nessa busca haveis criado disciplinas, codigos, autoridades, e vossa vida está modelada, controlada, por compulsões de formas varias e varios graus. Uns dizem que esta compulsão é virtuosa, outros dizem que é má.

Temos, em primeiro logar, a compulsão externa

que é a repressão exercida pelo ambiente sobre o individuo. A pessôa vulgar, que tendes como não evoluida, como não espiritual, é dominada pelo ambiente, pelo ambiente externo, isto é, pela religião, pelos codigos de conducta, pelos padrões morais, pela autoridade social e politica; é um escravo de todas essas coisas, porque todas ellas estão radicadas nas necessidades economicas do individuo. Não é assim? Eliminai integralmente as necessidades economicas das quaes o individuo depende e então os codigos de conducta, os padrões moraes, politicos, economicos e os valores sociaes, desapparecem. Portanto, nestes refreiamentos do ambiente externo que criam conflictos entre o individuo e o ambiente exterior, em o qual o individuo é esmagado, vergado, torcido, vae-se elle tornando progressivamente falto de intelligencia. O individuo que meramente a todo o momento está condiccionado pelo ambiente exterior, modelado segundo certas regras, leis, reacções, edictos, padrões moraes — quanto mais for esmagado, menos intelligente elle se torna. A intelligencia, porem, é a comprehensão do ambiente, verificando o seu significado subtil livre de compulsão.

Estes refreios impostos ao individuo, aos quaes elle chama ambiente externo, tem como expoentes os charlatães e exploradores da religião, da moral popular, e da vida politica e econ mica do homem. Explorador, é o individuo que se serve de vós consciente ou inconscientemente e vós a elle consciente ou inconscientemente cedeis, por não comprehenderdes; vós tornaes-vos economica, social, politica e religiosamente o explorado, tornando-se elle vosso explorador. Assim, por esta maneira, a vida torna-se uma escola, um molde, um molde de aço em o qual o individuo é batido para tomar forma, em o qual elle se torna mera ma-

china — o individuo torna-se apenas um dente de engrenagem em uma machina irreflectida e rigidamente limitada. A vida torna-se uma luta continua, uma batalha e por isso se estabeleceu essa falsa ideia de que a vida é uma serie de lições a serem aprendidas, a serem adquiridas, de modo a poder elle ser previamente advertido e de forma a poder defrontar amanhã a vida, renovadamente, porem com suas ideias preconcebidas. A vida torna-se meramente uma escola, não uma coisa a ser vivida, a ser gosada, a ser vivida com extase, plenamente, sem temor.

O ambiente exterior força o individuo, esmaga-o nesse molde de padrões, de moral, de ideias religiosas, de edictos moraes, e ao ser o individuo esmagado pelo exterior, busca uma escapula e foge para um mundo que elle chama interno. Naturalmente, ao ser a mente torcida, modelada, pervertida pelo ambiente exterior e havendo interiormente constante conflicto, luta constante, constantes falsos ajustamentos, a mente tem esperança de obter tranquilidade, de obter felicidade, de attingir um mundo differente; assim o individuo edifica um ceu romantico para o qual evadindo-se, busca compensação para as perdas e soffrimentos no mundo exterior.

Como disse, attentae, estaes aqui para averiguar, para criticar, não para vos oppôrdes. Podeis oppor-vos, depois que houverdes meditado mui cuidadosamente sobre o que vos disse. Podeis erigir barreiras, se assim o desejardes, porem, averiguae, primeiro, plenamente, o que eu vos pretendo transmittir e para isto fazerdes, necessitaes de ser super-criticos, acautelados, intelligentes.

Como já vos disse, esmagado pelas circumstan-

cias externas que criam soffrimento e no esforço para escapar a essas circumstancias exteriores, cria o individuo um mundo interno, começa a desenvolver uma interna lei e cria seus proprios refreios individuaes, que elle chama auto-disciplina, ou cooperação com aquillo que aprendeu a chamar seu eu elevado.

A maior parte das pessôas — as pessôas pretensamente espirituaes — têm repellido a força externa do ambiente e a sua influencia, porem desenvolveram uma lei interna, um interno padrão, uma disciplina interior, a que elles chamam trazer o eu elevado para baixo; isto é, por outras palavras, apenas uma substituição. Existe, assim, a auto-disciplina. Ha, depois, aquillo que se denomina a voz interna, cujo poder e controle é ainda muito maior que o ambiente externo. Qual, porem, no fim de contas, a differença entre um e outro, entre o externo e o interno? Ambas as cousas controlam, pervertem a mente, que é a intelligencia, pelo desejo da perpetuação de si mesmo. E tendes tambem aquillo que chamais intuição, que nada mais é que o preenchimento sem peias de vossas secretas esperanças e de vossos desejos. Assim, pois, enchesteis o mundo interno, o que chamais o mundo interno, com todas essas coisas — auto-disciplina, voz interna, intuição. Todas ellas, se nisto pensardes, são formas subtis desse mesmo conflicto, levado para um mundo differente em o qual não existe entendimento, porem um mero amoldar, um ajuste a um ambiente mais subtil e que denominaes mais espiritual.

Sabeis que no mundo externo algumas pessôas buscaram e encontraram distincções sociaes e, do mesmo modo, as pessôas chamadas espirituaes buscam meramente neste mundo interno, e geralmente os encontram,

seus pares e superiores espirituaes; e, digo ainda, como ha conflicto no exterior, entre os individuos, assim se cria tambem um conflicto espiritual no mundo interno, entre os ideaes, o attingimento e os desejos individuaes. Vedes, pois, o que foi creado.

No mundo externo não ha expressão para a mente annuveada pela memoria, por essa consciencia do "eu"; não ha expressão, pois que o ambiente é demasiado forte, demasiado poderoso, demasiado esmagador; nelle, vós e ou vos adaptaes a um molde ou se o não fizerdes, sois despedaçados. Assim, desenvolveis uma forma interna e mais subtil de ambiente em a qual tem logar exactamente o mesmo processo. Este ambiente que haveis creado é uma escapula do exterior, e nelle mais uma vez tendes padrões, leis moraes, instituições, o eu elevado, a voz interna e a isso vos ajustaes de continuo. Isto é um facto?

Em essencia, estes refreios que chamamos interior e exterior, são nascidos do desejo e por isso ha medo; e do medo vem a repressão, a compulsão, a influencia, e o desejo de poder, cousas que mais não são que expressões do temor. Onde houver temor não pode haver intelligencia, e enquanto não houvermos comprehendido isto, tem que haver essa divisão na vida, do que é exterior e do que é interior e, portanto, ss nossas acções tem que ser influenciadas sempre, ou competidas pelo exterior, e, portanto, falsas, ou compellidas pelo interior, que é egualmente falso, pois que tambem no interior vos esforçaes apenas para vos ajustar a determinados outros padrões.

Cria-se o medo quando o que é falso busca a perpetuação de si proprio no ambiente falso. E assim, que acontece á nossa acção, a qual é a nossa con-

ducta diaria, ao nosso pensamento e emoção, que é que lhes acontece?

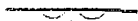
A mente e o coração amoldam-se ao ambiente, ao ambiente externo, porem quando verificam que o não podem, por a compulsão se tornar muito forte, voltam-se para uma condição interna em que a mente e o coração buscam perfeita commodidade e satisfação. Ou, tendo-se satisfeito completamete por meio das conquistas sociaes, politicas e religiosas, voltam-se para o interior, para tambem ahi obter exito, triumphar, attingir; e para attingir, têm sempre que haver uma culminancia, uma meta, que torna-se nada mais que a condição á qual mente e coração de continuo se ajustam.

Entrementes, porem, que é que acontece aos nossos sentimentos, ás nossas emoções, aos nossos pensamentos, ao nosso amôr, á nossa razão? Que succede quando meramente vos ajustaes, quando simplesmente estaes modificando, alterando? Que acontece seja ao que fôr — que acontece a uma casa cujas paredes decorardes ao passo que os alicerces della estão deteriorados? Do mesmo modo os nossos pensamentos e as nossas emoções buscam meramente tomar forma, alterar-se, modificar-se na conformidade de um padrão, seja elle um padrão externo ou interno; quer elle obedeça a uma compulsão externa ou a uma direcção interna. Assim, pois, as nossas acções estão sendo limitadas em grande escala pela influencia, tornando-se todo o raciocinio nada mais que a imitação de um modelo, um ajustamento a certa condição dada e o amor torna-se nada mais que uma differente forma de temor. Toda a nossa vida — no fim de tudo a nossa vida são os nossos pensamentos, as nossas emoções,

as nossas alegrias e dores — toda a nossa vida permanece incompleta, nosso processo integral de pensar ou seja, a expressão dessa vida, é meramente um ajuste, uma modificação, jamais uma plenitude, uma cousa completa. E dahi surgem problema após problema, o ajuste ao ambiente que tem que ser constantemente mutavel, uma conformidade a padrões, que tem de variar tambem. E proseguis nesta lucta e a esta batalha chamaes evolução, o crescimento do eu, a expansão dessa consciencia que mais não é que memoria. Haveis inventado palavras para apaziguar vossa mente, porem continuaes com essa luta.

Ora, se realmente ponderardes, o que eu digo — e penso que tendes uma opportunida para de o fazer durante estes dias, os dentre vós que aqui se acham tranquillos — se isto reconhecerdes e, sem o desejo de alterar, sem o desejo de modificar, vos tornardes perceptivos deste ambiente exterior, destas circumstancias, destas condições, e do mundo interno em o qual ha as mesmas condições, os mesmos ambientes que haveis designado por nomes mais subtis e mais bonitos; se realmente vos aperceberdes disto, então começareis a comprehender o verdadeiro significado do externo e do interno; dá-se uma percepção immediata, o libertar da vida, e então a mente torna-se intelligencia e pode funccionar naturalmente, creativamente, sem esta constante luta. Então a mente — a intelligencia — reconhece os obstaculos, penetra; não ha ajustamento, não ha modificação, ha somente entendimento. A partir dahi, a intelligencia não depende do externo ou do interno, e num tal apercebimento não ha desejo, não ha ancia, mas apenas a percepção do que é verdadeiro. Para perceber o que é verdadeiro não hade haver ancia.

Sabeis que quando ha um desejo ardente, a vossa mente fica logo annuveada, fica pervertida, pois que a mente identifica-se com uma coisa e rejeita outra — onde ha desejo ardente, não ha entendimento; quando, porem, a mente se não identifica com o "eu", tornando-se perceptiva, tanto ao que é externo como ao que é interno, apercebendo-se das divisões subtis, das emoções variadas, das delicadas mances da mente que se divide a si propria em memoria e intelligencia — então, nesse apercebimento, averiguareis o pleno significado do ambiente que havemos creado seculos em-fora, o ambiente que denominamos externo e aquelle que chamamos interno, os quaes estão, ambos, sempre em mutação continua, ajustando-se um ao outro.

Tudo que vos preoccupa agora é a modificação, a alteração, o ajustamento e, portanto, tem que haver medo. O medo tem seus instrumentos na compulsão e a compulsão só existe quando não houver entendimento, quando a intelligencia não estiver funccionando normalmente.

SEXTA PALESTRA EM OAK GROVE

25 de Junho de 1934

Farei em primeiro logar uma breve palestra e depois responderei a algumas perguntas que me foram feitas.

Tratei hontem da ideia em conjuncto do medo, e de como elle necessita da compulsão; esta manhã vou occupar-me novamente, resumidamente, do modo pelo qual a incompletidade (incompleteness) cria a compulsão. Onde ha incompletidade ha o desejo de ser guiado, o desejo de estar sob a autoridade, o desejo dessa influencia amoldante que se tornou tradição, sobre a qual não mais se reflecciona, porem que actua simplesmente como um guia. Ao passo que, para mim, a tradição deveria ser um meio de despertar o pensamento e não o de atal-o, o de matal-o. Onde ha insufficiencia tem que haver compulsão: e desta compulsão -urge um modo particular de vida ou um metodo de cção e, portanto, um conflicto para mais tarde, uma luta e um soffrimento ulteriores. Isto é, onde o individuo, consciente ou inconscientemente, sentir a pungencia da insufficiencia, tem que haver conflicto, tem que haver desgraça e um sentimento de vacuidade, de invalidez e de completa futilidade de vida. Pode-se ser ou não consciente dessa insufficiencia.

Assim, onde houver insufficiencia, qual o processo da mente? Que acontece quando nos tornamos conscientes dessa vacuidade, dessa invalidez, dentro de nós mesmos? Que é que fazemos quando nos tornamos conscientes deste vacuo, deste vasio em nós mesmos? Desejamos encher esse vasio, essa vacuida-

de, e buscamos um padrão, um molde criado por outrem; imitamos, acompanhamos esse padrão, disciplinamo-nos na conformidade desse molde que um outro estabeleceu, com a esperança de por esse meio encher esse vacuo, essa invalidez da qual nos havemos tornado mais ou menos conscientes.

Este padrão, este molde, começa a influenciar as nossas vidas, compellindo-nos a nos ajustarmos, a ajustarmos as nossas mentes, corações e acções, a um molde particular. Assim, começamos a viver, não dentro de nossa propria experiencia, dentro do nosso proprio entendimento, porem dentro da expressão, das ideias, das limitações da experiencia de outrem. E' isto que astá acontecendo. Se realmente pensardes nisto por um pouco, haveis de ver que começamos a repellir nossas proprias experiencias particulares e o entendimento dessas experiencias, pelo facto de sentirmos essa insufficiencia e voltamo-nos para imitar, para copiar e para viver através a experiencia de outrem. E ao procurarmos a experiencia de outrem, não vivendo pelo nosso proprio entendimento, advem, naturalmente, insufficiencia cada vez maior, cada vez maior conflicto; se, porem, do mesmo modo a nós proprios dissermos que precisamos viver pela nossa propria experiencia e o nosso entendimento, uma vez mais tornamos isso num ideal, num outro padrão, e por esse padrão pautamos as nossas vidas.

Supponde que a vós proprios dizeis, "não vou depender da experiencia de outrem, porem viverei por mim mesmo", seguramente haveis já criado um molde para vos ajustardes. Ao dizerdes "viverei pela minha propria experiencia", estaes já oppondo uma limitação ao vosso pensamento, pois essa ideia de que deveis vi-

ver pelo vosso proprio entendimento cria a complacencia, a qual é apenas um ineffeciente ajustamento que conduz á estagnação. Sabeis, a maior parte das pessôas dizem que hão de repellir o padrão exterior, que estão de continuo imitando e que tentarão viver pelo proprio entendimento. E dizem "faremos só o que comprehendermos"; e por esse modo criam um outro padrão que tecem dentro de suas vidas. E depois, que acontece? Tornam-se cada vez mais satisfeitos; depois, lentamente, decaem.

Buscamos, para apagar esta insufficiencia, meramente a acção, pois que onde ha insufficiencia e vacuidade, nosso desejo unico é encher essa vacuidade e buscamos a acção simplesmente para enchel-a. Que é, portanto, o que fazemos, ao buscar uma acção para completar essa insufficiencia? Esforçamo-nos meramente, por meio do accumulo, para encher esse vasio e por isso não tentamos verificar qual é a causa da insufficiencia.

Dizei-me, quando sentis que sois insufficientes, que é que fazeis? Tentaes preencher essa insufficiencia, esforçaes-vos para vos tornardes ricos, e dizeis que para, ficar rico, para serdes completos, tendes que buscar a outrem, e assim começaes a ajustar vossos pensamentos e sentimentos ás ideias e experiencias de outrem. Isto, porem, não vos dá riqueza, não produz completidade ou preenchimento. E então a vós mesmos dizeis, "esforçar-me-ei para viver pelo meu proprio entendimento," cousa que tem seus perigos, como expliquei, pois conduz á complacencia, e se meramente tiverdes em vista uma acção dizendo "vou para o mundo agir de modo a tornar-me rico, completo", estareis novamente, por substituição, tentando encher esse va-

sio. Emquanto que, se vos tornardes *apercebidos* por meio da acção, então procurareis a causa de insufficiencia. Isto é, em vez de buscardes a completidade, criareis a acção, por meio da intelligencia.

Ora, o que é a acção? E', no fim de contas, o que pensamos e sentimos. E emquanto não estiverdes apercebidos do vosso pensar, de vosso sentir, tem que haver insufficiencia e nenhum accumulo de actividade externa vos tornará completos. Quer isto dizer que só a intelligencia pode dissipar essa vacuidade e não o accumular; e a intelligencia é, como eu disse, a perfeita harmonia da mente e do coração. Assim, pois, se comprehenderdes o funccionamento de vosso proprio pensamento e emoção, e por tal forma, nessa acção vos tornardes apercebidos, então haverá a intelligencia, que dissipa a insufficiencia e que não tenta substituil-a pela sufficiencia, pela completidade, pois que a intelligencia em si propria é completidade.

Assim, quando ha completidade não pode haver compulsão. Porem a desharmonia, a incompletidade, cria a separação entre a mente e o coração. Não é assim? Que é desharmonia? E' a consciencia da divisão entre o que pensaes e o que sentis e, por esse modo, nessa differenciação, ha conflicto. Entretanto, para mim, pensar e sentir é a mesma cousa. Portanto, tendo conflicto e desharmonia, e tendo separado a mente dos sentimentos, mais alem separamos e dividimos a mente e o coração da intelligencia — intelligencia que, para mim, é verdade, belleza e amor. Isto é, o conflicto, o qual, como expliquei, é a luta entre o resultado do ambiente, que é a consciencia do "eu" e o proprio ambiente — esse conflicto entre o resultado do ambiente e o proprio ambiente, acarreta a luta, que

produz desharmonia, Separamos a mente da emoção, e tendo-as dividido, vamos ainda alem e separamos a intelligencia da mente e do coração; ao passo que, para mim, elles são um. A intelligencia é o pensamento e a emoção em perfeita harmonia, e portanto a intelligencia é, ella propria, belleza implicitamente, não sendo cousa que se procure.

Quando ha grande conflicto, grande desharmonia, quando ha plena consciencia da vacuidade, surge então a busca da belleza, da verdade e do amor para influenciar e dirigir as vossas vidas. Isto quer dizer que tendo-vos apercebido dessa vacuidade, tornaes externa a belleza na natureza, na arte, na musica, e começaes a vos rodear artificialmente com essas expressões, de modo a tornarem-se ellas em vossa vida influencias para apuramento, cultura e harmonia. Não é este o processo pelo qual a mente passa? Como disse, por causa do conflicto, temos separado a intelligencia da mente e da emoção e depois vem a consciencia dessa insufficiencia, desse vacuo. Começamos então a procurar a felicidade, a completidade, na arte, na musica, na natureza, nos ideaes religiosos, e estas cousas começam a influenciar as nossas vidas, a nos controlar, a nos dominar e a nos guiar, e imaginamos que por essa maneira chegaremos á completidade almejada; temos a esperança de que pelo accumulo de influencias e experiencias positivas, poderemos sobrepujar essa desharmonia e conflicto. Isto é, apartamo-nos cada vez mais do que é intelligencia e, portanto, da verdade, belleza, amor, que é completidade em si mesma.

Isto é, no nosso sentimento de insufficiencia, de incompletidade, começamos a accumular, esperando tornar-nos completos por meio desta colheita de expe-

riencias e do gosar das ideias e padrões dos outros. Emquanto que para mim a incompletidade desapparece quando ha intelligencia, e a propria intelligencia é belleza e verdade. Não podemos ver isto emquanto a mente e o coração estiverem divididos e elles se dividem por meio do conflicto. Nós separamos a intelligencia da mente e do coração e este processo prosegue de continuo, perpetua-se este processo de separação e de busca de preenchimento. Porem o preenchimento está na propria intelligencia e despertar essa intelligencia é encontrar o que cria a desharmonia e portanto a divisão.

Que é que cria desharmonia em nossas vidas? A falta de comprehensão do ambiente, daquillo que nos cerca. Quando começaes a interrogar e a comprehender o ambiente, seu pleno merecimento e significação, não tentando imital-o ou seguil-o, a elle vos ajustar ou a delle fugir, então nasce a intelligencia, a qual é belleza, verdade e amor.

PERGUNTA: Em vossa opinião seria melhor para mim tornar-me diacono da Egreja Episcopal Protestante, ou poderia eu ser de maior utilidade ao mundo permanecendo como estou?

KRISHNAMURTI: Penso que o interrogante quer saber como auxiliar ao mundo, não saber se deve filiar-se a esta ou aquella egreja, cousa que é de mui pouco valor.

Como se hade ajudar o mundo? Certamente, pelo não crear mais divisões sectarias, pelo não crear um nacionalismo maior. O nacionalismo é, no fim de tudo, o crescimento, o preenchimento da exploração economica, e as religiões são o resultado chrystallisado de certos conjuntos de crenças e credos. Se se tem realmente vontade de ajudar o mundo, não se o pode

fazer, do meu ponto de vista, por meio de nenhuma religião organisada, seja ella o Christianismo com suas seitas innumeras, seja o Hinduismo com suas innumeras seitas, ou qualquer outra religião. Essas cousas são, na realidade, divisões perniciosas da mente, da humanidade. E no entanto imaginamos que se todo o mundo se tornasse christão, então existiria a fraternidade das religiões e a unidade da vida. Para mim, a religião é o resultado falso de uma falsa causa, sendo essa causa o conflicto e a religião apenas um meio de escapar ao conflicto. Portanto, quanto mais desenvolverdes e fortificardes as divisões sectarias das religiões, menos fraternidade verdadeira haverá; e quanto mais fortificardes o nacionalismo, menos unidade do homem haverá.

PERGUNTA E' a cobiça producto do ambiente ou da natureza humana?

KRISHNAMURTI: O que é a natureza humana? Não é ella propria producto do ambiente? Porque separal-os? Existe por acaso essa cousa que é a natureza humana, apartada do ambiente? Algumas pessôas pensam que a distincção entre a natureza humana e o ambiente, e artificial, pois alterando o ambiente dizem ellas que a natureza humana pode ser modificada, modelada. No fim de tudo, a cobiça é apenas o resultado do falso ambiente, portanto da propria natureza humana. Quando o individuo se esforça para comprehender seu ambiente, as condições em que vive, nesse caso, por haver intelligencia, não pode haver cobiça. Então a cobiça não seria um vicio ou um peccado a ser vencido. Vós não comprehendeis e alteraes o ambiente que produz a cobiça, porem temeis o seu resultado e lhe chamais peccado. Porem a mera

busca de um ambiente perfeito, portanto da perfeita natureza humana, não pode produzir intelligencia. Porem onde houver intelligencia, haverá comprehensão do ambiente, portanto libertação de suas reacções. Ora, o ambiente da sociedade força-vos, propelle-vos a vos protegerdes a vós mesmos. Se, porem, começardes a comprehender o ambiente que produz a cobiça, então, no verificar o significado do ambiente, dissipa-se por completo a cobiça e, então, não a substituireis pelo seu opposto.

PERGUNTA: Eu vos ouvi dizer que o conflicto cessa quando é defrontado sem o desejo de fugir-lhe. Eu amo alguem que não me ama e sinto-me só e desgraçado. Penso, honestamente, estar fazendo frente ao meu conflicto, e não estou buscando fugir-lhe; porem continuo a sentir-me só e desgraçado. Portanto, o que haveis dito, não produziu effeito. Podeis dizer-me porque?

KRISHNAMURTI: Talvez vos estejaes servindo de minhas palavras como um meio de evasão; talvez vos estejaes servindo de minhas palavras, de minhas ideias para preencher vossa vacuidade.

Ora, dizeis que haveis feito face ao conflicto. Eu pondero se o haveis feito realmente. Dizeis que amaes alguem; porem, realmente, quereis possuir essa pessôa, portanto existe conflicto. E porque quereis possuir? Porque tendes a ideia de que por intermedio dessa pessôa encontrareis a felicidade, a completidade.

Portanto, a pessôa que faz a pergunta, não fez, na realidade, frente ao problema, deseja possuir a outra e por isso limita seu proprio affecto. Porque, no fim de tudo, quando realmente amaes alguem, nesse amor ha liberdade quanto á posse. Só occasional e

mui raramente temos esse sentimento de intenso affecto em o qual não existe o desejo da posse, o desejo de acquisição. E isto nos faz retroceder ao que acabei de dizer em minha palestra, essa possessividade existe enquanto houver insufficiencia, falta de riqueza interna; e essa riqueza interna não reside no accumular porem sim na intelligencia, no apercebimento da acção no conflicto, occasionado pela falta de comprehensão do ambiente.

PERGUNTA: O proprio facto de virem as pessoas escutar-vos não faz de vós um instructor? E no entanto dizeis que não devemos ter instructores. Deveríamos então abster-nos de aqui vir?

KRISHNAMURTI: Deverieis abster-vos de aqui vir se de mim fazeis um instructor, se me tiverdes como um guia. Se em vossas vidas eu estiver creando uma influencia, se por minhas palavras e acções vos estiver compellindo a executar determinada acção, então deverieis abster-vos de vir, então o que digo para vós não tem valor, não tem significado, então de mim fareis um instructor que vos explora. E nisto não pode haver comprehensão, não pode haver riqueza, não pode haver extase, nada mais que tristeza e vacuidade. Se, porem, vierdes escutar-me afim de buscar os meios de despertar a intelligencia, então não serei vosso explorador, serei apenas um incidente, uma experiencia que vos capacita a penetrar o ambiente que vos mantem captivos.

A maior parte das pessôas, porem, quer instructores, a maior parte quer guias, mestres, seja no plano physico seja em outro plano qualquer; querem ser guiadas, compulsionadas, influenciadas a agir rectamente, a fazer o que é justo, porque em si mesmas

não têm entendimento. Não comprehendem o ambiente, não comprehendem as varias subtilezas de seus proprios pensamentos e emoções; portanto pensam que se acompanharem a outrem chegarão á consecução; a qual, como hontem vos expliquei, é uma outra forma de compulsão. Assim como ha compulsão aqui, forçando-vos a por assim dizer penetrar em um dado nicho, por não haver intelligencia, assim tambem buscaes instructores afim de serdes influenciados, guiados modelados e, uma vez mais o digo não ha intelligencia. Intelligencia é a propria verdade, completidade, belleza e amor. E nenhum instructor, nenhuma disciplina a ella vos pode conduzir; pois que todas ellas são formas de compulsão, modificações do ambiente. E' só quando plenamente comprehendeis o significado do ambiente e vedes o seu valor, somente então ha intelligencia.

PERGUNTA: Como determinar-se o que hade encher o vacuo creado no processo de eliminar a eu-consciencia?

KRISHNAMURTI: Snr. para que eliminardes a eu-consciencia? Porque é que entendeis importante o dissolver a eu-consciencia, ou seja, esse "eu", essa limitação egoistica? Porque pensaes ser isso necessario? Se dizeis que é necessario por buscardes a felicidade então a eu-consciencia, essa particularidade limitada do ego continuará ainda. Se porem, disserdes: "vejo conflicto, minha mente e coração estão colhidos pela desharmonia, porem vejo a causa dessa desharmonia, que é a falta de entendimento do ambiente que creou esta eu-consciencia", então não haverá vacuo a ser preenchido. Temo que o inquiridor não tenha em absoluto compreendido.

Deixae que uma vez mais explique isto. O que chamamos auto-consciencia, ou seja essa consciencia do "eu" nada mais é que o resultado do ambiente; quer isto dizer, quando a mente e o coração não comprehendem o ambiente, as cousas que nos rodeiam, as condições em as quaes o individuo se encontra, então pela falta de comprehensão, cria-se o conflicto. A mente annuvia-se por esse conflicto e esse conflicto continuo cria a memoria e identifica-se com a mente e assim esta ideia do "eu", da ego-consciencia, tornase endurecida. Dahi resulta um conflicto ulterior, dor e soffrimento. O entendimento, porem, das circumstancias, das cousas que nos rodeiam, das condições que criam esse conflicto, não advem por meio da substituição, mas sim da intelligencia, que é mente e amor; essa mente que é sempre auto-criadora, que está sempre em movimento. E isto é, para mim, eternidade, é realidade isenta de tempo.

Ao passo que vós estaes buscando a perpetuação dessa consciencia que é o resultado do ambiente, a que chamaes o "eu" e esse "eu" só pode desapparecer quando houver entendimento do ambiente. A intelligencia funcciona, então, normalmente, sem refreio ou compulsão. Então não haverá essa luta angustiante, essa busca de belleza, de verdade, e a batalha constante do amor eivado de posse, pois que a intelligencia é, em si mesma completa.

SETIMA PALESTRA EM OAK GROVE

24 de Junho de 1934

Por um momento, pelo menos em imaginação, contemplemos o mundo de um ponto de vista que nos revele as operações internas e as operações externas do homem, suas criações, suas lutas; e se isto puderdes fazer imaginativamente por um momento, qual o espectaculo que vêdes desenrolar-se deante de vós? O do homem aprisionado por muralhas innumeras, muralhas de religião, de limitações sociaes politicas e nacionaes, paredes creadas pelas suas proprias ambições, aspirações, temores, esperanças, salvação, preconceitos, odio e amor. Dentro dessas barreiras e prisões está elle encerrado, limitado pelos mapas coloridos das fronteiras nacionaes, dos antagonismos de raça, de lutas de classe e distincções culturais de grupos. Vêdes portanto, o homem por todo o mundo aprisionado, encerrado nas suas limitações, muralhas de sua propria criação. Através dessas paredes e clausuras esforça-se por expressar o que sente e o que pensa, e dentro dessas muralhas se agita elle com alegria e com tristeza.

Vêdes, portanto, o homem em todo o mundo como um prisioneiro encarcerado dentro das paredes de sua propria criação, de sua propria feitura; e através dessas clausuras, através dessas paredes do ambiente, através a limitação de suas ideias, ambições e aspirações — através dessas cousas esforça-se elle para funccionar, umas vezes com exito, outras vezes com uma luta horrenda. E o homem que obtem successo no sentido de tornar confortavel a prisão, dizemos que obteve exito, ao passo que ao homem que succumbe

na prisão, nós o chamamos fallido. Tanto o exito como a fallencia, amdos estão encerrados dentro dos muros da prisão.

Ora, quando contemplaes o mundo por esta maneira vedes o homem nesta limitação, nesta clausura. E o que é o homem, o que é a individualidade? Que é o seu ambiente e o que são as suas acções? E' sobre isto que pretendo falar esta manhã. Em primeiro logar, o que é a individualidade? Quando dizeis: "eu sou um individuo" que entendeis por tal? Penso que por tal entendeis — sem entrar em explicações philosophicas ou metaphysicas subtis — que entendeis por individualidade, a consciencia da separação e a expressão daquella consciencia separada a que chamais auto-expressão. Isto é; a individualidade vem a ser aquelle reconhecimento pleno, plena consciencia ou pensar separado, emoção separada, limitada e mantida em captiveiro pelo ambiente; e á expressão desse pensamento limitado e desse limitado sentimento, que são, essencialmente nma e a mesma cousa, chama o individuo sua auto expressão. Esta auto-expressão do individuo, que mais não é que a consciencia da separação, ou é, forçada e compellida pelas circumstancias á tomar um canal particular de acção; ou então, apezar das circumstancias, expressa intelligencia, que é viver creativo. Isto é, como individuo, tornou-se elle consciente de sua acção separativa, é compellido, forçado, circumscripto, instado a actuar ao longo de um canal particular que em absoluto não escolheu. A maior parte das pessoas são forçadas a trabalhos, actividades, vocações para as quaes em absoluto não estão predispostas. Gastam o restante de suas existencias a lutar contra essas circumstancias e assim desperdiçam todas as suas energias na luta, na dor, no soffrimento

e só accidentalmente no prazer. Ora, o homem passa através ás limitações do ambiente, porque comprehende o seu pleno significado e vive intelligentemente, creativamente, seja no mundo da arte, da musica, da sciencia ou das profissões, sem o sentimento da separação oriundo da expressão.

Esta expressão de intelligencia creativa é muito rara e posto que tenha a apparencia de individualidade e separatividade, para mim não é individualidade e sim intelligencia. Onde ha verdadeira intelligencia em funccionamento, não ha consciencia da individualidade; porem, onde ha frustração, esforço e luta contra as circumstancias, ha a consciencia da individualidade, que não é intelligencia.

O homem que funcciona intelligentemente e que, portanto, está livre das circumstancias, a esse chamamos creativo, divino. Para o homem que está na prisão, o homem liberto, o homem intelligente é como um deus. Portanto, não precisamos discutir o homem que está livre, porque com elle não nos preoccupamos; a maioria das pessôas não se preoccupa com elle e eu não irei tratar dessa liberdade, pois a libertação da divindade, só pode ser comprehendida, realisada, quando houverdes abandonado a prisão. Portanto, é completamente futil, meramente assumpto metaphysico ou philosophico o discutir o que a libertação é, o que é a divindade, o que é Deus; pois que, o que actualmente discernis como Deus tem que ser limitado, visto a vossa mente estar circumscripta, mantida em captiveiro; portanto isso eu não descreverei.

Emquanto esta intelligente e espontanea expressão a que chamamos vida, a qual é essa sublime rea-

lidade, fôr deturpada, tem que haver meramente a accentuação da consciencia do individuo. Quanto mais lutardes contra o ambiente sem comprehender, quanto mais lutardes contra as circumstancias, mais vos tornareis conscientes, nesse esforço, da vossa limitação.

Por favor, não supponhaes que o opposto dessa consciencia limitada seja o aniquilamento completo, ou o funccionamento mechanico a actividade em argumento. Eu vos estou mostrando a causa da individualidade, como a individualidade surge; porem, com o dissipar, com o desapparecer dessa consciencia limitada não se segue que vos tornaes mechanicos ou que existirá um funccionamento collectivo por meio do foco de um unico individuo dominante. Pelo facto de a intelligencia ficar liberta do particular que é o individuo. bem como do collectivo (pois no fim de contas nada mais é que a multiplicidade de individuos), e haver o desapparecimento dessa consciencia limitada que chamamos individualidade, não se segue que vos tornaes mechanicos, collectivos; porem antes, que ha intelligencia e essa intelligencia é cooperativa, não destructiva, não individualista ou collectiva.

Todo o homem, pois está contorcido e consciente de sua separatividade, funcciona e actua através o ambiente, lutando contra elle e fazendo esforços collossaes para ajustar, modificar e alterar as circumstancias. Não é isto que todos vós estaes fazendo? Estaes contorcionados em vosso amor, em vossa vocação, em vossas acções; e no lutar contra as vossas limitações vos tornaes agudos em vossa consciencia e começaes a modificar e a alterar as circumstancias, o ambiente. Que acontece então? Mais não fazeis que accrescentar as muralhas de resistencia, pois a modi-

ficação ou alteração nada mais é que o resultado da falta de entendimento, quando comprehendeis não buscaes modificar, alterar, reformar.

Assim, pois, na modificação, no ajustamento, na alteração, no vosso esforço para romper as limitações, as muralhas, manifesta-se aquillo que denominaes actividade. Para a grande maioria das peesoas a acção nada mais é que a modificação do ambiente e esta acção conduz ao ampliar das paredes da prisão, da limitação do ambiente. Se não entenderdes alguma cousa e meramente vos esforçardes para modifical-a, vossa acção tem que accrescentar as barreiras, tem que edificar novos conjunctos de barreiras; vossos esforços apenas ampliam a prisão. E a essas barreiras a esses muros denominaes ambiente; e ao funccionar dentro delle chamaes acção.

Pergunto a mim mesmo se terei explicado isto. Sem comprehender o significado do ambiente, luta o homem para alterar, para modificar esse ambiente, e por esse modo apenas torna mais altas as paredes de sua prisão, embora pense havel-as removido. Essas paredes são o ambiente, sempre mutantes e a acção para elle mais não é que a modificação desse ambiente.

Assim, pois, jamais ha liberdade, jamais ha completidade, jamais ha riqueza nessa acção; nada mais ha que medo crescente e jamais consecução. A multiolicação dos problemas é o processo em conjuncto, da existencia do individuo, portanto de vós proprios. Pensaes haver solvido um problema e em seu logar, surge um outro, e assim continuaes até ao fim da vida, e quando não mais ha problemas, a isso chamaes morte. Quando não mais ha possibilidade de futuro problema, isso é, naturalmente, para vós aniquilamento e morte.

E, permitti que o diga mais uma vez, o vosso affecto, o vosso amor não nasce do medo e não se acha limitado pelos ciumes, pela suspeita, e opprimido pelo desejo de posse e pela tristeza? Pois esse amor nasce do desejo de possuir, nasce da insufficiencia, da incompletidade. E o pensamento é meramente a reacção a uma limitação, ao ambiente. Não é? Quando dizeis "eu penso" "eu sinto", estaes reagindo ao ambiente e não esforçando-vos por penetrar esse ambiente. Porem intelligencia é o processo de penetrar o ambiente, não o de reagir contra elle. Quer dizer que quando dizeis "eu penso" quereis significar que tendes certo conjuncto de ideias, de crenças, de dogmas, de credos. E assim como um animal amarrado a um poste vagueia dentro dos limites do comprimento de sua corda, assim vos moveis dentro da limitação dessas crenças, dogmas, credos; estas reacções produzem um esforço, um conflicto, e a esse conflicto chamais pensar, porem nada mais é do que andar á roda, dentro das paredes de uma prisão. Vossa acção nada mais é que reacção a essa prisão, produzindo mais medo, mais limitação; não é assim?

Quando falamos acerca de acção, que é que temos em vista? O movimento dentro da limitação do ambiente, esse movimento confinado a uma ideia fixa, á um preconceito fixo, a uma crença, dogma ou credo fixos; e ao começar de agir de um tal ponto de partida naturalmente só ireis creando limitações maiores, maiores paredes de restricção. Então vossa acção não é creativa, vossa acção não nasce da intelligencia, que em si propria é completidade. Portanto não ha alegria, não ha extase, não ha plenitude de vida, de amor.

Assim, não possuindo essa intelligencia creativa

que é a comprehensão do ambiente, começa o homem a jogar dentro dos limites da sua prisão, começa a embelezar enfeitar essa prisão e adopta-se confortavelmente dentro das paredes; e imagina e espera trazer belleza para essa feia prisão. Portanto, começa a reformar, procura sociedades que falem acerca da fraternidade, porem tambem ellas estão dentro da prisão; esforça-se por ser livre ao passo que continua agarrado ás posses. Assim a este embellezar, a este reformar, a este jogar buscando conforto dentro das paredes dessa prisão, chama elle viver, funccionar, agir. E como não ha intelligencia e como não ha o extase creativo de viver, elle tem sempre que ser esmagado pela falsa estructura que levantou. Começa assim a resignar-se á prisão porque vê que não pode alterar, que não pode derrubar essas limitações; por não ter o desejo ou a intensidade de soffrimento que exige o derrubar da prisão, resigna-se a ella e vôa para o romantismo ou evade-se por meio da glorificação do seu proprio eu. A essa glorificação do seu proprio eu elle chama religião, espiritismo, occultismo seja scientifico, ou espurio.

Não é isto que cada qual faz? Não se vos applica isto a vós outros? Não digaes que isto se applica ao individuo a quem contemplamos do apice do mundo. Este individuo é vós proprio, vosso proximo, todos vós. Portanto, á medida que eu falo destas cousas, não olheis para o vosso visinho nem penseis em qualquer amigo distante, cousa que nada mais é que evasão immediata. Ao contrario, á medida que falo, deixae que o espelho da intelligencia se crie deante de vós, de modo a poderdes contemplar o quadro de vós proprios, sem distorsões, sem embaraços, e com clareza. Dessa clareza nascerá a acção, não um pensamento le-

thargico ou a mera modificação do ambiente.

Digo ainda, se não sois imaginativo ou romantico, se não buscaes o que se chama Deus ou religião, creaes ao redor de vós um torvelinho de alaridos, tornaes-vos inventores de eschemas, começaes a reformar o vosso ambiente, a alterar as paredes de vossa prisão e accrescentar o numero das actividades nessa prisão.

Começaes, se não fordes um imaginativo, romantico ou mystico a crear uma actividade cada vez maior nessa prisão, a vós proprios denominando reformadores e assim creaes cada vez maior limitação, restricção e cáos nessa prisão. Dahi o terdes divisões anti-naturaes denominadas religiões e nacionalidades, causadas ou creadas pelos exploradores e perpetuardes pela propria profissão e para beneficio proprio.

Ora, o que é religião? Qual a funcção da religião tal como se acha? Não imagineis qualquer religião maravilhosa, verdadeira e perfeita; nos discutimos aquillo que existe, não o que devêra existir, O que é esta religião da qual o homem se tornou escravo, á qual succumbiu intelligentemente, desesperançadamente, para ser immolado sobre o altar pelo explorador? Como foi elle creado? Foi o individuo quem o creou por meio do desejo de segurança pessoal, o qual, naturalmente, da origem ao medo. Quando começaes a procurar vossa segurança por meio daquillo que chamaes espiritualidade e que é uma cousa falsa, tendes que ter medo. Quando a mente busca segurança, o que é que espera? Assegurar-se uma condição em a qual possa estar á vontade, um ponto de certeza a partir do qual possa pensar e agir e viver perpetuamente nessa condição. Porem a mente que busca a

certeza jamais está segura. A mente que não busca a certeza é que pode ficar assegurada. E' a mente que não sente medo, que enxerga a futilidade de um escôpo, de uma culminancia, de uma consecução, a que vive intelligentemente, portanto sem seguridade e por isso mesmo é immortal.

Assim, pois, a busca, de seguridade tem que crear medo e do medo nasce ó desejo pelos credos e crenças como um meio de afastar esse medo. Com as vossas, crenças, os vossos credos, os vossos dogmas e autoridades, rechassaes o medo para a rectaguarda. Para afastar o medo procuraes guias, mestres, systemas, porque esperaes que, seguindo-os, obedecendo-os, imitando-os, tereis a paz, tereis o conforto. São esses os velhacos que se tornam sacerdotes, exploradores, pregadores, mediadores, *swamis* e Yogis.

Não inclineis a cabeça em signal de approvação, pois que todos vós estaes neste cáos. Todos vós estaes sobrecolhidos nelle. Só podereis pender a cabeça em approvação quando disso estiverdes livres. Escutando-me e inclinando a cabeça, demonstraes mera approvação intellectual de uma ideia que eu estou expressando. E que valor tem isso?

Onde existe o desejo de segurança tem que haver medo, e por isso a mente e o coração buscam treinadores espirituaes para delles aprenderem vias de escapula. Assim como em um circo os animais são adestrados para funccionarem no sentido de divertir os espectadores, assim o individuo, por meio do medo, busca esses adestradores espirituaes a que chama sacerdotes e *swamis* que são os defensores de uma espiritualidade espuria e das vacuidades da religião. Naturalmente a funcção dos adestradores espirituaes é

crear divertimentos para vós, e por isso inventam cerimonias, disciplinas e cultos; todas ellas pretendem ser bellas como expressão, porem degeneram em supertição. Isso nada mais é que velhacaria sob a capa de serviço.

A disciplina é mera formula de ajustamento a um ambiente de especie diversa, e apezar delle a batalha continúa ininterrupta internamente em vós, embora por meio da disciplina suffoqueis a intelligencia creativa. E o culto, o qual na realidade é lindissimo, que é affecto, que é o proprio amor, torna-se objectivado, explorado, indigno, sem nenhum significado ou valor.

Naturalmente, deste medo todo nasce a busca de segurança, a busca de Deus ou da verdade. Podeis jamais encontrar a Deus? Podeis jamais encontrar a verdade? Porem a verdade existe, Deus é. Não podeis encontrar Deus, não podeis encontrar a verdade, porque a vossa busca nada mais é que uma evasão ao medo, vossa busca é apenas o desejo de attingir uma culminancia. Portanto, quando procuraes a Deus, estaes apenas buscando um logar confortavel de repouso. Certamente isto não é a verdade, isto não é Deus; é meramente um logar, uma morada de estagnação, da qual toda a intelligencia está banida, em a qual toda a vida creativa está extincta. Para mim, a propria busca de Deus ou da verdade é a negação della. A mente que não está buscando uma culminancia, uma meta, um fim, descobrirá a verdade. Portanto, a divindade não é um desejo externado e não preenchido, porem sim essa intelligencia que em si mesma é Deus, que é belleza, verdade, completidão.

Como disse, creámos divisões não naturaes a que

denominamos religiões e instituições sociaes para a vida humana. No fim de tudo, essas instituições sociaes acham-se essencialmente baseadas nas nossas necessidades, isto é, nas nossas necessidades de abrigo, dealimento e de sexo. A estructura integral de nossa civilisação acha-se baseada sobre isto. Porem, este edificio tornou-se tão monstruoso e glorificamos as nossas necessidades tão temivelmente, que as nossas necessidades de abrigo, alimento e sexo, que são simples, naturaes e limpas, tornaram-se complicadas e chegaram a ser horriveis, crueis, espantosas, por causa desse edificio collossal e ameaçando desmoronamento, a que chamamos sociedade e que o homem por si creou.

No fim de tudo, o descobrir nossas necessidades em sua simplicidade, em sua naturalidade, em sua limpeza, em sua espontaneidade, demanda a posse de uma formidavel intelligencia. O homem que descobriu suas necessidades, não mais é aprisionado pelo ambiente.

Porem, dado o facto de haver tanta exploração, tanta falta de intelligencia, tanta grosseria no glorificar essas necessidades, esse edificio a que chamamos nacionalismo, independencia economica, organizações politicas e sociaes, divisões de classe, prestigio de pessôas e de suas culturas raciaes — esse edificio existe para exploração do homem pelo homem e leva-o ao conflicto, á desharmonia, á guerra e á destruição. No fim de tudo é este o proposito de todas as distincções de classe, é esta a funcção de todas as nacionalidades, dos governos soberanos, dos preconceitos raciaes, esta completa expoliação e exploração do homem pelo homem, conducente a guerra.

Ora, é assim que as cousas são, é este o edificio integral, a creação de nossa mente humana, que indi-

vidualmente havemos construido. Estas monstruosas, crueis, espantosas distincções religiosas e sociaes, que dividem, separam, desunem os entes humanos, crearam a ruina do mundo. Vós, como individuos, é que as haveis creado; ellas não vieram á existencia naturalmente, mysteriosamente, espontaneamente. Não foi nenhum deus miraculoso que as creou. Foi o individuo quem as creou e somente vós, como individuos, as podereis destruir. Se esperarmos até que um outro qualquer monstruoso systema venha á existencia para crear uma nova condição para nella vivermos, então nada mais tereis feito do que vos tornar escravos dessa nova condição. Nisto não pode haver intelligencia, nem viver creativo, espontaneo.

Como individuo, necessitaes começar a perceber o verdadeiro significado do ambiente, seja elle do passado ou do presente, isto é, começar a perceber o verdadeiro significado das circumstancias perpetuamente mutaveis; e na percepção daquillo que é verdadeiro no ambiente, tem que haver grande conflicto. Vós, porem, não desejaes o conflicto, pretendeis reformas, desejaes que alguem venha reformar o ambiente. Como a maioria das pessôas estão em conflicto e se esforçam para escapar a esse conflicto, buscando-lhe uma solução, a qual nada mais pode ser que modificação do ambiente, a maioria dessas pessôas ficam captivas pelo conflicto; quero eu dizer: tornae-vos intensamente conscientes desse conflicto, não tenteis fugir-lhe, não tenteis buscar soluções para elle. E então, nessa agudeza de soffrimento, discernireis o verdadeiro significado do ambiente. Nessa clareza de pensamento, não haverá decepção, nem segurança, nem afastamento, nem limitação.

Isto é intelligecia, e esta intelligencia é pura

acção. Quando a acção nasce dessa intelligencia, quando a acção é, ella propria, intelligencia, então não mais buscaes essa intelligencia, nem tão pouco a adquiris por meio da acção. Então ha completidão, sufficiencia, riqueza, a realização dessa eternidade que é Deus. E esta completidão, esta intelligencia, impede para sempre a creação de barreiras e de prisões.

OITAVA PALESTRA EM OAK GROVE

25 de Junho de 1934

Esta manhã vou responder a perguntas.

PERGUNTA: Ter-vos-ei comprehendido pensando que quereis dizer que o ego, constituido dos effeitos do ambiente, é a casca visivel, rodeando uma unica noz immortal? Esta noz cresce, encolhe-se ou muda?

KRISHNAMURTI: Como sabeis, alguns de vós são portadores do espirito de especulação, o espirito de trapacear em suas perguntas no que respeita á verdade. Assim como especulaes no mercado para enriquecer rapidamente, e exploraes os outros, os enganaes em virtude desse pernicioso habito, de trapacear, assim uma mente philosophica incide neste habito de especulação. Com esta atitude de mente começaes a inquirir se existe uma alma immortal perduravel, entidade ou ser que seja completo em si mesmo, ou uma sempre crescente, individualidade que augmenta e se expande.

Ora, para que quereis saber? Que está por detraz dessa pergunta, desse espirito de especulação? Não seria melhor não perguntar, não especular, porem antes verificar se o ambiente cria o conflicto que resulta nessa consciencia individual da qual hontem falei? Não seria isto melhor do que meramente especular, pois que toda a especulação acerca destes assumptos tem que ser completamente falsa, desde que possivelmente se não pode conceber, neste estado de limitação, neste estado de conflicto entre o resultado do ambiente e o proprio ambiente, não se pode conceber essa realidade, essa eter-

na vida que é verdade. Se disserdes que é a consciencia sempre crescendo, sempre expandindo-se, ou que ella é completa em si mesma, que é eterna, penso ser isso incorrecto, pois que não é nenhuma destas duas cousas, partindo do ponto de vista daquillo que é intelligencia.

Se meramente estaes especulando para descubrir se este ser cresce, ou se eternamente é, então o resultado será um padrão, um conceito metaphysico ou philosophico de accordo com o qual, consciente ou inconscientemente, modelareis as vossas vidas. Portanto, um tal padrão será meramente uma escapula, uma escapula desse conflicto que, somente elle, pode libertar o homem de sua especulação, de seu trapacear.

Assim, pois, se vos tornardes conscientes do conflicto, então vereis em sua intensidade o significado da eternidade; isto é, quando começardes a libertar a mente e o coração de todo o conflicto, haverá intelligencia e então a isenção do tempo terá um significado por completo differente. E' um preenchimento, não um crescimento, está sempre vindo ao ser, não em direcção a um fim, porem por acção implicita. Podeis comprеender isto intellectualmente, superficialmente, porem não o podeis comprehender fundamentalmente em toda a sua profundidade, e riqueza, se a mente e o coração estiverem meramente buscando um refugio metaphysico, ou deleitando-se em especulações philosophicas.

PERGUNTA: Se o eterno é intelligencia, portanto, verdade, então não é alterado pelo falso, que é o "eu" e o ambiente. Similarmente não ha inducção para que o falso, que é o "eu", o ambiente, seja perturbado pelo eterno, a verdade, a intelligencia; pois que, como repetidamente o tendes dito, um não pode ser attingido pelo outro, seja qual for o esforço que façam. E parece tambem que no decurso de milhares de annos da

vida humana, o eterno não se approximou muito para dissipação do que é falso e para creação da verdade. Como parece não estarem relacionados, de accordo com o que dizeis, porque não deixar o eterno ser eterno e o falso peiorar se assim lhe approuver.? Em uma palavra, porque em absoluto nos incommodarmos seja com o que for?

KRISHNAMURTI: Porque nos incommodarmos? Porque é que vos incommodaes seja com o que for na vida? Porque ha conflicto, porque o homem está colhido pela tristeza, pela dor, pelas alegrias transitorias, por lutas innumeraveis, vãos anceios, fantasias e romantismos subtis que a cada instante se esvaecem; por existir continuo combate na mente, é que começaes a perguntar porque existe a luta. Se não ha luta, porque aborrecer-se com isso? Concordo com o interrogante, porque nos incommodarmos seja com o que for, a não ser que haja luta, a luta para ganhar dinheiro e guardal-o, a luta para vos ajustardes aos vossos visinhos, ao ambiente, ás circumstancias e exigencias, a luta para serdes vós mesmos, para expressardes o que sentis? Se não sentirdes que ha luta, então não vos importeis. Porem eu penso que não existe um unico ser humano no mundo — exceptuando talvez os selvagens em logares remotos, distantes da civilisação — que não esteja em luta, na busca incessante de segurança, de conforto, arrebatado pelo medo. Nessa luta começa o homem a crear ideias concernentes á verdade, como vias de escapula.

Digo eu que existe um modo de vida em o qual o conflicto cessa por completo, um modo de viver espontaneamente, naturalmente, extaticamente. Isto é para mim um facto, não uma teoria. E desejaria au-

xiliar aquelles que estão na tristeza, que não estão buscando um fim, que se estão esforçando para descobrir a causa deste conflicto; aquelles que não buscam uma solução — porque solução não ha — para despertarem em si mesmos essa intelligencia que dissipa, por meio de entendimento, a causa do conflicto. Se, porem, não estaes em conflicto, então nada mais ha que dizer. Então tereis cessado de pensar, então tereis cessado de viver, por meramente haverdes encontrado uma segurança, um abrigo distanciado deste constante movimento da vida, que, sem entendimento, se torna um conflicto, porem que quando comprehendida, se torna um deleite, um extase, um movimento continuo isento do tempo; e isto é que é eternidade.

Assim, pois, que é esse conflicto? O conflicto, como vos disse já, só pode existir entre duas cousas falsas, o conflicto não pode existir entre a verdade e aquillo que for falso. Assim, pois, todo o conflicto humano, sua dor e soffrimento, residem entre duas cousas falsas, entre aquillo que o homem considera essencial e não essencial. Reflictamos sobre o que essas duas cousas falsas são; não sobre o que foi creado em primeiro logar, não com a velha pergunta: o que nasceu primeiro — a gallinha ou o ovo? Isto é, pois, repito-o, uma ociosidade metaphysica de mente especulativa que não está realmente pensando.

Enquanto não comprehendermos o merito do ambiente que cria o individuo que contra elle combate, tem que haver luta, tem que haver conflicto, tem que haver sempre crescente refreio e limitação. Portanto a acção, como hontem disse, cria barreiras ulteriores. E a mente e o coração — que para mim são o mesmo, eu as divido apenas para conveniencia de linguagem

— estão tolhidos e annuveados pela memoria, e a memoria, é o resultado oriundo da busca de segurança, é a resultante do ajustamento ao ambiente, e essa memoria está de continuo annuveando a mente, isto é, a propria intelligencia. Esta memoria cria a falta de entendimento, esta memoria cria o conflicto entre a mente e o ambiente. Se, porem, vos puderdes acercar do ambiente renovados e não sobrecarregados pela memoria do passado que nada mais é que um cuidadoso ajustamento e, portanto, meramente uma advertencia; se fordes essa intelligencia, essa mente que de continuo está renovando a si mesma, não ajustando-se, modificando-se segundo uma condição, porem defrontado tudo renovadamente, semelhante ao sol de uma fresca manhã ou ás estrellas da tarde, então nessa frescura, nesse estado de alerta, advem a comprehensão de todas as coisas. Portanto, o conflicto cessa por completo, pois que intelligencia e conflicto não podem coexistir. A desharmonia cessa quando a intelligencia está funccionando em sua plenitude.

PERGUNTA: Quando uma pessôa a quem amo sem apegos ou desejos vem ao meu pensamento e eu a conservo prazerosamente por um momento, é isto o que proclamaes não ser o pleno viver no presente?

KRISHNAMURTI: Que é viver plenamente no presente? Mais uma vez vou tentar explicar-vos o que tenho em vista. Uma mente que está em conflicto, em luta, busca de continuo uma escapula; ou a memoria do passado inconscientemente se precipita a si propria na mente, ou a mente deliberadamente se volta para o passado e vive no deleite desse passado, o que é uma forma de evasão. Ou ainda a mente em conflicto e luta sem entendimento, busca um

futuro, um futuro a que chamaes uma crença, uma meta, uma culminação, uma consecução, um exito e foge para elle. E' funcção da memoria o ser habil e escapar ao presente. Este processo de olhar retrospectivamente nada mais é que uma das artimanhas da memoria a que chamaes auto-analyse, que nada mais faz que perpetuar a memoria e, portanto, apenas limita e confina a mente, banindo a intelligencia.

Ha, pois, estas varias formas de evasão e quando a mente houver cessado de evadir-se por meio da memoria, quando a memoria não mais annuvear a mente e o coração, dar-se-á então o extase de viver no presente. Isto somente pode ter logar quando a mente não mais encontrar deleite no passado ou no futuro, quando a mente não mais crear divisões; por outras palavras, quando essa suprema intelligencia que é verdade, que é belleza, que é o proprio amor, estiver funccionando normalmente, sem esforço — então nesse estado a intelligencia está isenta do tempo e não ha mais este medo de não viver no presente.

PERGUNTA: Quando o amor está livre de todo o sentimento de posse, não dará logar necessariamente ao ascetismo e portanto á anormalidade?

KRISHNAMURTI: Se estivesseis libertos do desejo de posse não farieis esta pergunta. Antes de chegardes a esta cousa immensa, já vos atemorizaes, e por isso estaes construindo uma muralha protectora que denominaes ascetismo. Consideremos, pois, em primeiro logar, não se haverá ascetismo e, portanto, anormalidade, quando vos livrardes do desejo da posse, porem sim se esse proprio desejo de posse cria a luta e produz o que é anormal.

Porque existe esta ideia de posse? Não nasce ella da insufficiencia ou da incompletidade? E por causa desta insufficiencia, o sexo e outros problemas assumem grande importancia e por isso o desejo de posse desempenha um formidavel papel na vida das pessôas. Na completidade, que é a propria intelligencia, não ha anormalidade. Sendo porem insufficientes, incompletos, assolados pela pobreza, pela vacuidade, pela completa solidão e trivialidade de pensamento e emoção, dependemos de outras pessôas, de livros, de ideias, da philosophia, para enriquecer as nossas vidas, e assim começamos a adquirir, a armazenar. Este processo de armazenar para nos orientarmos no presente nada mais é que funccionamento da memoria que depende do conhecimento, que pertence ao passado, e que, portanto, está morto.

Assim como o homem de muitas posses busca o conforto em suas cousas, assim o homem da pobreza, da trivialidade, da incompletidade busca a posse do seu amigo, de sua esposa, ou do seu amor; e deste desejo de posse provem o combate e os constantes alanceamentos da mente e do coração. E quando ha liberdade destes conflictos, a qual só pode provir do apercebimento, da comprehensão do ambiente, e não do esforço — quando houver esta liberdade, este entendimento, então não haverá desejo de posse e por isso não ha tambem anormalidade. No fim de contas, o asceta é alguem que foge da vida porque a não comprehende. Foge da vida, da vida com todas as suas expressões; ao passo que a intelligencia não busca escapar seja do que for, porque nada ha que deitar fora; a intelligencia é completa, e nessa completidade não ha divisão.

PERGUNTA: Se os sacerdotes são exploradores, porque é que Christo fundou sua successão apostolica e o Buddha a sua sangha?

HRISHNAMURTI: Em primeiro logar, como o sabeis? Informaram-vos, haveis lido a respeito em livros. Como sabeis não serem essas cousas fabricadas pelos sacerdotes para sua propria profissão, para seu beneficio proprio? Uma autoridade amadurecida através do nevoeiro dos tempos torna-se invulneravel e então o homem acceita a autoridade como sendo cousa final. Porque acceitardes o Christo, o Buddha, ou a qualquer outro inclusive a mim proprio? Em vez disso, certifiquemo-nos sobre se os sacerdotes são ou não exploradores, não acceiteis meramente a ideia de que elles o não são, simplesmente por se suppor que o Christo estabeleceu a successão apostolica. Tal coisa é apenas um habito da mente preguiçosa que deseja estabelecer todas as coisas por autoridade, pelos precedentes, dizendo que, porque alguem o disse, deve, por conseguinte, ser verdadeiro, sem importar que esse alguem seja grande ou pequeno.

Verifiquemos. Como hontem me esforcei para vos explicar, as religiões são o producto da busca da segurança por parte do homem. E portanto, quando uma mente busca abrigo, certeza, um logar para repouso, uma segurança de immortalidade, quando uma mente busca estas cousas, tem então que haver aquellas outras, as religiões, para confortar e satisfazer essa mente. Podeis chamar-lhes, mediadores, swamis; todos elles pertencem ao mesmo typo. Ora, quando buscaes um abrigo, ha sempre o medo de perdel-o; quando procuraes lucro, naturalmente com elle vem o temor da perda. Portanto, o temor da perda arrasta-vos conti-

nuamente a essa busca de segurança, que para mim é completamente falsa. Portanto, uma cousa, falsa cria um falso producto; e este producto é o sacerdote, o swami, o explorador.

Por que haveis de necessitar de sacerdote? Como uma pessôa conveniente para vos casar, para vos enterrar, ou para vos dar uma bençam que lave os vossos pretensos peccados? Não existe tal cousa, o peccado — existe somente falta de entendimento, e essa falta de entendimento não pode ser lavada por nenhum sacerdote, quer elle pretenda possuir successão apostolica quer não. Somente a intelligencia vos pode libertar dessa falta de entendimento, não as benções de um sacerdote, ou o facto de irdes a um altar ou a um jazigo.

Ides ao sacerdote para que elle vos desperte a intelligencia e vos proporcione estimulo? Então tratae do assumpto como tratarieis do da bebida. Se tendes o habito de beber, é uma pena, porque toda a dependencia revela falta de intelligencia e, portanto, tem que haver soffrimento. E o homem é de continuo apanhado por esse soffrimento, embora o não queira e não veja a causa delle, portanto, multiplica os meios e modos de evasão. Porem a causa é a propria busca de segurança, dessa certeza que não existe.

A mente que é intelligente não busca a segurança, porque não ha logar, não ha morada onde ella possa repousar. A propria intelligencia é tranquilidade, creatividade, e emquanto não houver intelligencia tem que haver soffrimento. O fugir da causa do soffrimento, não vos vae dar essa intelligencia; ao contrario, isso torna-vos mais cego, mais ignorante e haveis de soffrer cada vez mais. O que vos dá percepção imme-

diata, rectamente, é essa plena intensidade de apercebimento no presente. Comprehender o ambiente, seja elle qual for, é intelligencia. Então, estareis, na realidade para alem de todos os sacerdotes, então estareis para alem de todas as limitações, de todos os deuses, elles proprios.

PERGUNTA: *Vós vos referis a duas formas de acção; a reacção para com o ambiente, que cria o conflicto e a penetração do ambiente que traz a libertação desse conflicto. Comprehendo a primeira, porem não a segunda. Que entendeis por penetração do ambiente?*

KRISHNAMURTI: Dá-se a reacção ao ambiente, quando a mente não comprehende o ambiente e age sem a comprehensão, por esse modo accrescentando ainda mais a limitação do ambiente. E' esta uma forma de acção na qual a maioria das pessôas são apanhadas. Reagis a um ambiente que cria um conflicto, e para escapardes a esse conflicto criaes um outro ambiente que tendes a esperança de vos trazer paz, o que representa apenas o agir no ambiente sem comprehender que esse ambiente pode mudar. E' esta uma forma de acção.

Depois existe a outra que é comprehender o ambiente e agir, o que não significa que comprehendaes primeiro para depois agir, porem sim que o proprio entendimento é acção; isto é, sem o calculo, a modificação, o ajuste, eis como se operam as funcções da memoria. Vêdes o ambiente tal qual é, em toda a sua significação, no espelho da intelligencia e nessa espontaneidade de acção está a liberdade. No fim de tudo, o que é a liberdade? O mover-se sem que haja barreiras, sem deixar barreiras para traz ou sem crial-as á medida que se avança. Ora, a creação de barreiras, a

creação do ambiente, é funcção da memoria, que é autoconsciencia, que separa a mente da intelligencia. Para repetir isto por maneira differente direi: a acção entre duas cousas falsas, o ambiente e o resultado do ambiente, a acção entre estas duas cousas ha de sempre crear, tem sempre que accrescentar barreiras e, portanto, diminuir, banir a intelligencia. Ao passo que, se reconhecerdes isto — o reconhecer não é assumpto de intellecto, o reconhecimento deve brotar de vosso ser completo — então nesse pleno apercebimento tem logar uma acção differente, a qual não se acha sobrecarregada pela memoria — e já vos expliquei o que entendo por memoria. Portanto, todo o movimento de pensamento e emoção toma uma nuance differente, um significado differente. Então a intelligencia não mais é uma divisão entre o objecto, que é o ambiente e o creador a que chamais o eu. Então a intelligencia não divide e é, ella propria, a espontaneidade da acção.

NONA PALESTRA EM OAK GROVE

28 de Junho de 1934

Esta manhã pretendo tratar da ideia dos valores. Nossa vida inteira é meramente um movimento de valor para valor, porem eu penso que ha uma maneira, se me é permittido usar do termo com consideração e delicadeza, pela qual a mente pode ficar livre do sentido da avaliação. Estamos acostumados aos valores e á sua continua mudança. O que chamamos essencial, dentro em pouco torna-se não-essencial e no processo dessa mudança continua de valores, reside o conflicto. Emquanto não comprehendemos o que é fundamental na mudança de valores e a causa dessa mudança, seremos sempre colhidos pela roda dos valores em conflicto.

Desejo tratar da ideia raiz dos valores, se ella é fundamental, se a mente que é intelligencia pode sempre agir espontaneamente, naturalmente, sem conceder valores ao ambiente. Ora, onde quer que haja falta de satisfação para com o ambiente, as circumstancias, esse descontentamento tem que levar ao desejo de mudança, de reforma. O que chamais reforma é meramente a creação de novas especies de valores e a destruição dos antigos. Por outras palavras, quando falaes de reforma, tendes em vista a mera substituição. Em logar de viverdes na antiga tradição com valores estabelecidos, quereis, com a mudança das circumstancias, crear novos grupos de valores; isto é, onde houver esse sentido de avaliação tem que haver a ideia de tempo e portanto continua mutação de valores.

Em tempos de estagnação, em tempos de estabelecido conforto, áquillo que nada mais é que a gradual transformação de valores, chamamos a luta entre a velha geração e a nova. Isto é, em tempos de paz e tranquilidade, tem logar uma mudança gradual de valores, pela maior parte inconsciente, e a esta mudança, a esta mudança gradual, denominamos luta entre o antigo e o recente. Em tempos de levante, em tempos de grande conflicto, violentas e rudes mudanças de valores, tem logar, ás quaes chamamos revolução. A rapida mutação de valores a que chamamos revolução, é violenta e rude. O lento e gradual mudar de valores é a batalha continua que tem logar entre a mente estabelecida, confortavel, estagnante, e as circumstancias que forçam a mente estagnante a entrar em novas condições, de modo a ter ella que crear novo conjuncto de valores.

Assim, pois, essas circumstancias mudam lenta ou rapidamente, e a creação de novos valores é mero resultado de ajustes ao ambiente sempre mutante. Portanto os valores são mero padrão de conformidade. Porque haveis de ter valores? Peço-vos, não digaes: "que nos acontecerá se não tivermos valores?" Ainda não cheguei lá, ainda não disse isso. Portanto, acompanhae meu pensamento: Porque haveis de ter valores? Que ideia é esta em cnojuncto de buscar valores senão um conflicto entre o que é novo e o que é velho, entre o antigo e o moderno? Não os valores mero molde estabelecido por vós ou pela sociedade, ao qual a mente, em sua preguiça, em sua falta de percepção deseja conformar-se? A mente busca uma certeza, uma conclusão e nessa busca, age; ou então adestrou-se no sentido de desenvolver um

fundo de ideias e a partir desse fundo, ella actúa; ou então tem uma crença e a partir dessa crença começa a colorir as atividades. A mente exije valores afim de não soffer perdas para sempre ter um guia a quem seguir, a quem imitar. Então os valores tornam-se meramente os moldes em os quaes a mente se estagna e mesmo o proposito da educação parece ser o do compellir a mente e o coração a acceitar conformidades novas.

Portanto, todas as reformas na religião, nos padrões moraes, na vida social e nas instituições politicas, são meramente os dictames do desejo de ajustamento ao sempre mutavel ambiente. E' isto que chamaes reforma. Os ambientes estão mudando de continuo; as circumstancias estão em continuo movimento e as reformas só são effectuadas por causa das necessidades de ajustameto entre a mente e o ambiente e não porque a mente penetre o ambiente e, portanto, o comprehenda. Esses novos valores são glorificados como sendo fundamentaes, originaes e verdadeiros. Para mim elles nada mais são ao que formas subtis de modificação; e esses novos valores auxiliam, vámente, a produzir uma reforma uma transformação enganosa de causas pefuntorias a que chamamos mudança.

Assim, por meio deste crescente conflicto, criamse divisões e seitas. Cada mente cria novo conjunto de valores de accordo com suas proprias reacções ao ambiente, e depois começa a divisãc dos povos; vem á existencia distincções de classe e agudos antagonismos entre credos e doutrinas. E da immensidade deste conflicto, expertos vêm á actividade e a si proprios denominam reformadores da religião e curadores dos males sociaes e economicos. Sendo peritos, tão cegos se

acham pela sua pericia que nada mais fazem que accrescentar a divisão e a luta. São esses os reformadores religiosos, os reformadores sociaes e economicos, os reformadores politicos, todos elles peritos em suas proprias limitações, todos elles dividindo a nossa vida e o funccionamento humano em compartimentos e conflictos.

Ora, para mim, a vida em absoluto não pode por esse modo ser dividida. Não vos é possivel imaginar que ides modificar a vossa alma e apezar disso continuar a ser nacionalistas; não vos é permittido alimentar a consciencia de classe e falar de fraternidade; ou crear paredes tarifarias em redor de vosso proprio paiz e falar acerca da unidade da vida. Se observardes, vereis que é isso o que estaes fazendo a todo o instante. Podeis estar cheios de dinheiro, com bem estabelecidas condições a vos rodearem, ter o espirito de posse, a consciencia nacionalista e de classe e apezar disso apartar essa consciencia separativa de vossa consciencia espiritual, em a qual vos esforçaes para ser fraternaes, seguir a éthica, a moral e tentar realizar Deus. Por outras palavras, haveis dividido a vida em varios compartimentos e cada compartimento tem seus valores especiaes profundos e por meio delles só o que fazeis é crear maiores conflictos.

Esta divisão, esta confiança em peritos, nada mais é que preguiça da mente, para que ella não necessite de pensar, mas apenas de conformar-se. A conformidade, que nada mais é que a creação e a destruição de valores, é o ambiente ao qual a mente está sempre ajustando-se a si mesma, vindo a ficar assim cada vez mais atada e escravisada. Porem a conformidade tem que existir emquanto a mente estiver ligada pelo

ambiente. Emquanto a mente não houver comprehendido o significado do ambiente, das circumstancias, das condições, tem que haver conformidade. A tradição não é mais que o molde para a mente, e uma mente que a si propria imagine liberta da tradição não faz mais do que crear seu proprio molde. O homem que diz: "estou liberto da tradição", tem provavelmente outro molde seu do qual é escravo.

Portanto a liberdade não consiste em passar de um molde velho para outro novo, de uma velha estupidez para uma estupidez nova ou do refreio da tradição para á licenciosidade filha da escassez da mente da inconsideração. E no entanto, haveis de observar que as pessôas que falam muito a respeito de liberdade, de libertação, é isto que estão fazendo; isto é, deixaram de parte sua velha tradição e possuem agora um padrão proprio ao qual se conformam, e naturalmente esta conformidade nada mais é que inconsideração, ausencia de intelligencia. O que chamais tradição é apenas o ambiente externo com seus valores, e o que chamais liberdade da tradição nada mais é que escravisação a um ambiente interno e aos seus valores. Um é imposto, o outro auto-criado; não é assim? Isto é, as circumstancias, o ambiente, as condições, impõem certos valores e fazem vos conformar a esses valores, ou então desenvolveis os vossos proprios valores aos quaes vos conformaes tambem. Em ambos os casos ha mero ajustamento, não comprehensão do ambiente. Dahi surge, naturalmente, a pergunta de se a mente pode sempre descobrir valores perduraveis afim de não haver esta constante mudança, este conflicto constante creado por valores que se haja estabelecido por si proprio ou que se nos haja imposto do exterior.

O que é que chamamos valores mutantes? Para mim esses valores mutantes não são mais que temores cultivados. Tem que haver mutação de valores emquanto houver cousas essenciaes e não-essenciaes, emquanto houver oppostos, e a ideia total e o grande culto ao exito, em o qual incluimos lucro, perda e consecução — emquanto existirem estas coisas e a mente as perseguir como um alvo, como sua meta, tem que haver valores mutantes e portanto conflicto.

Ora, o que é que cria os valores mutaveis? A mente que é tambem coração, acha-se annuveada, entenebrecida pela memoria e está sempre soffrendo uma mudança, modificando-se ou alterando-se a si mesma, está sempre dependente do movimento das circumstancias, da falta de entendimento, da qual cria a memoria. Isto é, emquanto a mente estiver annuveada pela memoria, que é o resultado do ajustamento ao ambiente e não a comprehensão do ambiente, esta memoria tem que interpôr-se entre a intelligencia e o ambiente e portanto não pode haver plena comprehensão do ambiente.

Esta memoria a que chamaes mente dá e partilha valores, não é? E' esta toda a funcção da memoria a que chamaes mente. Isto é, a mente, em vez de ser ella propria intelligencia, que é a percepção directa, a mente annuveada pela memoria outorga valores a que chama verdadeiros e falsos, essenciaes e não essenciaes, de accordo com a sua habilidade, de accordo com os seus temores calculantes e a sua busca de segurança. Pois não é assim? E' esta toda a funcção da memoria, a que chamais mente, porem que em absoluto o não é. Para a maioria das pessôas excepto para uma ou outra, raras, felizes, aqui e alem, a mente

é mera machina, um mero deposito da memoria que de continuo está dando valores ás coisas, ás experiencias com que depára. E a partilha de valores depende de seus calculos subtis, habeis e enganosos, baseada no medo e na busca da segurança.

Posto que tal cousa não haja, a segurança fundamental — isto torna-se obvio a partir do momento em que comeceis a pensar, a observar, que não existe cousa que se pareça com segurança — a memoria vae buscando segurança após segurança, certeza após certeza, essencial após essencial, consecução após consecução. Como a mente de continuo anda á busca de segurança, do momento em que possúa essa segurança, encara como não essencial o que houver deixado para traz. Repito, ella apenas está outorgando valores e assim, neste processo de movimento de meta para meta, de essencial para essencial, no decorrer deste processo de constante movimento, seus valores estão mudando, sempre matizados pela sua propria segurança e anciedade pela sua perpetuação.

Assim, a mente-coração ou memoria, é colhida pela luta de valores mutaveis, e a esta luta chamam progresso, o caminho evolucionario da selecção que conduz á verdade. Isto é, a mente, na busca de segurança e attingindo a sua meta, não se satisfaz com ella e portanto torna a agitar-se de novo, começa a dar novos valores a todas as cousas em seu caminho. A este processo de movimento chamaes crescimento, caminho evolucionario da selecção entre as cousas essenciaes e as não essenciaes.

Para mim, tal crescimento nada mais é que a memoria conformando-se e ajustando-se á sua propria creação, que é o ambiente; e, fundamentalmente, não

existe differença entre essa memoria e o ambiente. Naturalmente a acção é sempre o resultado do calculo, quando ella nasce desta conformidade e ajustamento. Não é isso? Quando a mente está annuveada pela memoria, que nada mais é que a falta de comprehensão do ambiente, uma tal mente, ennevoada pela memoria, tem necessariamente que, em sua acção, buscar uma evasão, uma culminancia, um motivo, e portanto essa acção jamais é livre, é sempre limitada e está sempre creando captiveiros ulteriores e ulterior conflicto. Assim, este circulo vicioso da memoria, sobrecarregado pelo seu conflicto, torna-se o creador de valores. Os valores são o ambiente e a mente e o coração tornam-se seus escravos.

Duvido que tenhaes comprehendido tudo isto? Não, pois vejo alguem saccudindo a cabeça. Deixae que exprima a mesma ideia por maneira differente e talvez possa tornal-a mais clara.

Emquanto a mente não comprehender o ambiente, tem esse ambiente que crear a memoria e o movimento da memoria é mutação de valores. A memoria tem de existir emquanto a mente estiver buscando uma culminancia, uma meta; e sua acção tem sempre que ser calculada, jamais pode ser espontanea — por acção entendo eu pensamento e emoção e, portanto, essa acção tem que levar a fardos cada vez maiores e a cada vez maior limitação. O crescimento desta limitação, a extensão dessa prisão é chamada evolução, o caminho da escolha em direcção á verdade. E' assim que a mente funcciona para a maioria das pessoas e, portanto, quanto mais funcciona, maior é a intensidade da luta. A mente cria sempre novas e maiores barreiras e busca depois evasivas ao conflicto.

Assim, pois, como libertar a mente de dar valores, em absoluto? Quando a mente concede valores ella só os pode conceder através o nevoeiro da memoria e portanto não pode comprehender o pleno significado do ambiente. Si eu examinar ou tentar comprehender as circumstancias através os varios preconceitos fundamente arraigados — de nacionalidade, de raça, sociaes e religiosos — como heide comprehender o ambiente? E, no entanto, é esta a tentativa da mente, a mente que está annuviada pela memoria.

Ora, a intelligencia não outorga valores, que mais não são que novidades, padrões ou calculos nascidos da auto-protecção. Como, pois pode vir a ter logar essa intelligencia, esse espelho da vontade em o qual existem somente reflexões absolutas e não perversões? No fim de contas o homem intelligente é a summula da inteligencia; está de posse de uma percepção directa, absoluta, sem distorsões nem perversões que sobrevêm quando a memoria funcciona.

O que estou dizendo pode somente ter applicação áquelles que estão realmente em conflicto, não aquelles que pretendem fazer obra de retalhos. Já expliquei o que entendo como reforma, o que entendo ser obra de retalhos — é o ajustamento a um ambiente nascido da falta de entendimento.

Como se hade chegar a possuir essa intelligencia que destróe a luta, o conflicto e o incessante esforço que dissipa a propria mente? Sabeis que, quando fazeis um esforço sois como um pedaço de madeira que é batido e desbastado até não haver mais lenho. Portanto, se houver esse esforço continuo, esse desgaste constante, a propria mente cessará de existir; somente existe o esforço emquanto houver conformidade ou ajustamento

ao ambiente. Ao passo que, se houver immediata percepção, immediato, espontaneo entendimento do ambiente, não ha o esforço para nos ajustarmos. Ha uma acção immediata.

Como se hade, pois, despertar esta intelligencia? Ora, que acontece nas occasiões de grande crise? Nesse rico momento em que a memoria não está evadindo-se, nesse intenso, agudo apercebimento da situação, do ambiente, dá-se a percepção do que é verdadeiro. Fazeis isto em momentos de crise. Estaes plenamente conscientes de todas as circumstancias da situação que vos cerca e estaes bem assim apercebidos de que a mente não pode evadir-se. Nessa intensidade, que não é relativa, nessa intensidade de aguda crise, a intelligencia funcciona e dá-se então o entendimento espontaneo.

No fim de contas, ao que é que chamamos crise, tristeza? Quando a mente está lethargica, quando adormece, quando a si propria acondiccionou pelo contentamento, pela estagnação, sobrevem uma experiencia para vos accordar, e a esse despertar, a esse choque, chamaes crise, tristeza. Ora, se essa crise ou conflicto for realmente intenso, então haveis de ver que nesse estado de agudeza da mente e do coração, tem logar a immediata percepção. Essa intensidade só se torna relativa quando a memoria entra em jogo com seus calculos, modificações e nuvens.

Espero que façaes experiencias com o que estou dizendo. Todos nós temos momentos de crise. Elles occorrem com muita frequencia; se se estiver apercebido, occorrem a cada minuto. Ora, nessa crise, nesse conflicto, observae sem o desejo de obter solução, sem o desejo de escapar, sem o desejo de vencel-o. Então verificareis que a mente comprehendeu instanta-

neamente a causa do conflicto e no comprehender a causa está a dissolução dessa causa. Porem, adestramos já tanto a mente a evadir-se, a deixar a memoria annuvear a mente que é muito difficil o tornar-se intensamente perceptivo. Dahi buscamos meios e modos de escapar, de despertar essa intelligencia que para mim é falsa tambem. A intelligencia funcciona espontaneamente se a mente deixar de evadir-se, se deixar de buscar soluções.

Assim, pois, quando a mente não está outorgando valores, o que vem a ser mera conformidade, quando ha o entendimento espontaneo da prisão que é o ambiente, dá-se tambem a acção da intelligencia que é liberdade.

Emquanto a mente, annuveada pela memoria, outorgar valores, a acção tem que crear outros muros de prisão: porem no entendimento espontaneo dos muros da prisão, que é o ambiente, nesse entendimento ha a acção da intelligencia que é liberdade; porque essa acção, essa intelligencia, não está creando ou concedendo valores. Os valores tem que existir — valores que são circumstancias e portanto captiveiros, conformidades para com o ambiente — esses valores de conformidade, de circumstancias, tem que existir emquanto houver o medo, que nasce da busca da segurança. E quando a mente, que é intelligencia, vê o pleno significado do ambiente e, portanto, comprehende o ambiente, ha a acção expontanea que é a propria intelligencia e portanto essa intelligencia não proporciono valores, porem comprehende completamente as circumstancias nas quaes existe.

DECIMA PALESTRA EM OAK GROVE

29 de Junho de 1934

Dadas as perguntas que me foram feitas parece que as minhas palestras crearam alguma confusão, penso eu, por nos deixarmos colher pelas proprias palavras e não descermos fundo em seu significado ou não as utilisarmos como meio de comprehensão.

Para mim existe uma realidade, uma immensa verdade viva; e para comprehendel-a tem que haver completa simplicidade de pensamento. O que é simples é infinitamente subtil, o que é simples é grandemente delicado. Uma grande subtileza existe, uma subtileza e delicadeza infinitas e se utilisardes as palavras meramente como um meio de chegar a essa delicadeza, a essa simplicidade de pensamento, então receio que não comprehendaes o que vos desejo transmittir. Se, porem, vos servirdes do significado das palavras como ponte de travessia, então as palavras não se virão a tornar a illusão na qual a mente se perde.

Digo que existe essa realidade viva, chamae-lhe Deus, verdade ou o que vos approuver, e não pode ser encontrada ou realisada por meio da pesquisa. Onde houver a interferencia da pesquisa tem que haver contraste e dualidade; quando a mente andar á busca, de algo isso tem que, necessariamente implicar uma divisão, uma distincção, um contraste, o que não significa que a mente deva estar contente, que deva encontrar-se estagnante. Ha um delicado equilibrio, que não é nem contentamento nem esse esforço incessante nascido da pesquiza, desse desejo de attingir, de alcançar,

e nessa delicadeza de equilibrio reside a simplicidade, não a simplicidade de possuir poucas roupas ou poucos bens. Não falo de uma tal simplicidade, que nada mais é que uma forma rude, porem sim da simplicidade nascida da delicadeza de pensamento em a qual não ha nem busca nem contentamento.

Como disse, a busca exige dualidade, contraste, tem que haver identificação com um dos oppostos e disso surge a compulsão. Quando dizemos que procuramos, nossa mente está rejeitando algo e buscando um substituto, que a satisfaça e por esse modo ella cria uma dualidade e desta surge a compulsão. Isto é, a escolha de um é a derrota do outro, não é assim?

Quando dizemos que buscamos ou cultivamos um novo valor isso nada mais representa que o sobrepujar daquillo em que a mente se acha já sobrecolhida e que é o seu opposto. Esta escolha é baseada na attracção para um ou no temor do outro, e este apego pela attracção a rejeição pelo medo cria uma influencia sobre a mente. A influencia, então, é a negação do entendimento e só pode existir onde houver divisão, a divisão psychologica da qual surgem distincções taes como as de classe, de nacionalidade e de sexo. Quer dizer que quando a mente se esforça para vencer, tem que crear uma dualidade e esta propria dualidade nega o entendimento e cria as divisões que denominamos classe, religião, sexo. Esta dualidade influencia a mente e decorre dahi que a mente influenciada pela dualidade não pode comprehender o significado do ambiente ou o significado da causa do conflicto. Estas influencias psychologicas são meras reacções ao ambiente a partir desse centro da consciencia do "eu", de gosto e desgosto, de antitheses, e, naturalmente, onde

houver antitheses, oppostos. não pode haver comprehensão. Desta distincção surge a classificação das influencias, de beneficas e maleficas. Portanto, emquanto a mente for influenciada — e a influencia nasce da attracção dos oppostos, das antitheses — tem que existir o dominio ou compulsão do amor, do intellecto, da sociedade, e esta influencia tem que ser um embaraço a esse entendimento que é, elle proprio, amor, verdade e belleza.

Ora, se puderdes vos aperceber desta influencia, podereis então discernir a sua causa. A maior parte das pessôas parece aperceber-se superficialmente, não com a maior profundeza. E' somente quando ha apercebimento com a maior profundeza de consciencia, de pensamento e de emoção que podeis discernir a divisão que é creada por meio da influencia, que nega o entendimento.

PERGUNTA: Após ouvir vossa palestra acerca da memoria, perdi a minha completamente, e verifico que não posso lembrar-me de meus formidaveis debitos. Sinto-me beatifico. E' isto a libertação?

KRISHNAMURTI: Perguntae á pessôa a quem deveis o dinheiro. Sinto haver certa confusão com relação ao que estive tentando dizer acerca da memoria. Se confiardes na memoria como guia para a conducta, como meio de actividade na vida, então essa memoria pode impedir vossa acção, vossa conducta, pois que então essa acção ou conducta é meramente o resultado do calculo e por isso não tem espontaneidade, não tem riqueza, não tem plenitude de vida. Isso não quer dizer que deveis esquecer vossas dividas. Não vos é possivel esquecer o passado, não o podeis apagar de vossas mentes. E' uma impossibi-

lidade. Subconscientemente elle existirá, porem se essa memoria subconsciente, adormecida, vos influencia inconscientemente, se modela as vossas acções, a vossa conducta, o vosso modo de encarar a vida, então essa influencia deve necessariamente estar sempre creando limitações novas, impondo entraves a mais ao funccionamento da intelligencia.

Por exemplo, eu cheguei recentemente da India; estive na Australia e na Nova Zelandia onde encontrei varias pessôas, onde tive muitas ideias e vi muitos panoramas. Não os posso esquecer, ainda que a memoria delles se apague. Porem a reacção para com o passado pode impedir minha plena comprehensão no presente, pode embaraçar o intelligente funccionamento da minha mente. Isto é, se as minhas experiencias e recordações do passado se estiverem tornando embaraços no presente pela sua reacção, então não posso comprehender ou viver plenamente, intensamente no passado.

Reagís ao passado por ter o presente perdido o seu significado ou por quererdes evitar o presente; assim, retrocedeis ao passado e viveis nesse fremito emocional, nessa reacção da memoria urgente, por ter o presente pouco valor. Assim, pois, quando dizeis "perdi por completo a minha memoria", temo que tal se dê somente em relação a um dado logar. Não vos é possivel perder a memoria, porem vivendo completamente no presente, na plenitude do momento, vós vos tornaes conscientes de todos embaraços subconscientes da memoria das dormentes esperanças e anceios que avançam depois de surgirem e vos impedem de funccionar intelligentemente no presente. Se disto vos aperceberdes, se vos aperceberdes deste embaraço,

se vos aperceberdes com toda a profundeza, não apenas superficialmente, então a memoria subconsciente adormecida, que nada mais é que falta de entendimento e a incompletidade do viver, desapparece e portanto deparaes cada movimento do ambiente, cada lampejo de pensamento, renovadamente.

PERGUNTA: Dizeis que o completo entendimento do ambiente interno e externo do individuo o liberta do captiveiro e da tristeza. Ora, mesmo neste estado, como nos é possivel nos libertarmos da indescriptivel tristeza que na natureza das cousas é occasionada pela morte de alguem a quem realmente se ama?

KRISHNAMURTI: Qual a causa do soffrimento neste caso? E o que vem a ser aquillo a que chamamos soffrimento? Não é soffrimento meramente um choque applicado á mente para despertal-a de sua propria insufficiencia? O reconhecimento dessa insufficiencia cria aquillo que chamamos tristeza. Supponde que haveis estado confiando em vosso filho ou vosso esposo ou esposa para satisfazer esta insufficiencia, esta incompletidade; em virtude da perda dessa pessôa a quem amaes, é creada a plena consciencia dessa vacuidade, desse vasio e dessa vacuidade advem tristeza e dizeis, "eu perdi alguem".

Assim, em virtude da morte dá-se, em primeiro logar, a plena consciencia da vacuidade que haveis estado cuidadosamente evitando; Dahi, onde houver dependencia, tem que haver vacuidade, o sentimento do vasio, do ouco, da insufficiencia e, portanto, tristeza e dor. Nós não queremos reconhecer isto; não vemos que é esta a causa fundamental de tudo isto. E assim, começamos a dizer: "perdi o meu amigo, meu esposo, minha es-

posa, meu filho. Como sobrepujar esta perda? Como hei de vencer a tristeza?"

Ora, todo este vencer e sobrepujar não é mais que substituição. Nelle não ha entendimento e portanto só pode haver mais tristeza, embora momentaneamente encontreis uma substituição que vos faça a mente immergir num somno completo. Se não buscardes sobrepujar, vencer, então voltaes-vos para as sessões, para os mediuns ou tomaes abrigo na prova scientifica de que a vida continúa após a morte. Assim, começaes a descobrir varios modos de evasão e de substituição, que momentaneamente vos alliviam do soffrimento. Ao passo que, se tivesse logar a cessação desse desejo de vencer e se realmente existisse o desejo de comprehender, de averiguar, fundamentalmente, o que causa dor e tristeza, então descobrireis que enquanto houver solidão, sensação de ouco, vacuidade, insufficiencia, que, em sua expressão externa representam dependencia, tem que haver dor. E não vos é possivel preencher esta insufficiencia vendo obstaculos, por meio de substituições, fugindo ou accumulando, que nada mais é que esperteza da mente engolfada na persecução do lucro.

O soffrimento é apenas essa alta, intensa claridade de pensamento e emoção que vos força a reconhecer as cousas taes quaes são. Isto, porem, não implica acceitação, resignação. Quando vedes as cousas taes quaes são no espelho da verdade, que é intelligencia, ha alegria, ha extase; nisso não ha dualidade nem sentimento de perda nem divisão. Eu vos affirmo que isto não é theoria. Se reflectirdes sobre o que vos estou agora dizendo, na minha resposta á primeira pergunta a respeito da memoria, haveis de ver como a memoria cria uma dependencia cada vez maior

o continuo retrocesso a um acontecimento emocional, para dele extrahir uma reacção, a qual impede a plena expressão da intelligencia no presente.

PERGUNTA: Que suggestão ou conseho darieis a alguem que estivesse embaraçado por forte desejo sexual?

KRISHNAMURTI: No fim de contas, quando não ha creativa expressão da vida, damos uma importancia indebita ao sexo, que se torna um problema fremente. Portanto não se trata de que suggestão ou conselho eu daria, ou de como se poderia vencer a paixão, o desejo sexual, porem sim de como dar liberdade a esse viver creativo e não somente agarrar uma parte delle que é a sexualidade; isto é, o como comprehender a integralidade, a completidade da vida.

Ora, pela educação moderna, pelas circumstancias do ambiente, sois arrastados para alguma coisa que execraes. Sentis repulsa, porem sois forçados a executal-a pela vossa falta de preparo, de adestramento adequado. Em vosso trabalho sois impedidos pelas circumstancias, pelas condições, de vos expressardes fundamentalmente, creativamente, e por isso tem que haver um rodeio; e este rodeio torna-se o problema do sexo ou o problema da bebida, ou qualquer outro problema inconsequente e idiota. Todos os rodeios se tornam problemas.

Ou então sois inclinados para a arte. Ha mui poucos artistas porem podeis sentir a inclinação e essa inclinação está de continuo sendo pervertida, torcida, deturpada, de modo a não terdes meios de real auto-expressão e vem assim a ser dada indevida importancia, quer ao sexo quer a qualquer mania religiosa. Ou

então vossas ambições são contrariadas, mutiladas, impedidas e mais uma vez é dada importancia indebita a essas cousas que deveriam ser normaes. Assim, emquanto não chegardes a comprehender vossos desejos religiosos, politicos, economicos e sociaes, bem como os seus impedimentos, as funcções naturaes da vida assumirão uma importancia immensa e tomarão o primeiro logar em vossa vida. Decorre dahi que todos os innumeros problemas da cobiça, da posse de bens, do sexo, das distincções sociaes e de raça; tem sua falsa medida e seu falso valor. Se porem tratasseis com a vida, não em partes porem como um conjuncto, comprehensivamente, creativamente, com intelligencia, então verieis que esses problemas, que ennevoam a mente e destroem o viver creativo, desapparecem, e então a intelligencia funcciona normalmente, e nisso ha um extase.

PERGUNTA: Tenho tido a impressão de estar pondo as vossas ideias em acção; não tenho, porem, alegria na vida, nem enthusiasmo para qualquer conquista. Minhas tentativas de apercebimento não esclareceram minha confusão, nem tão pouco trouxeram qualquer mudança ou vitalidade para a minha vida. Minha vida não tem presentemente para mim maior significado do que ha sete annos quando principiei a escutar-vos. Qual o mal que me affecta?

KRISHNAMURTI: Eu pondero em primeiro logar, sobre se o inquiridor comprehendeu o que tenho estado a dizer antes de pôr minhas ideias em acção. E porque hade pôr minhas ideias em acção? E quaes são as minhas ideias? E porque são ellas minhas? Eu não vos estou dando um molde ou um codigo pelo qual possaes viver ou um systema para

seguirdes. Tudo o que estou dizendo é que, para viver creativamente, enthusiasticamente, intelligentemente, vitalmente, a intelligencia precisa funcionar. Esta intelligencia está pervertida, impedida por aquillo a que chamamos memoria e já expliquei o que entendo por tal e por isso della não mais tratarei. Emquanto existir esta luta constante para alcançar, enquanto a mente estiver influenciada, tem que haver dualidade e por isso dor, luta; e nessa busca de verdade, de realidade, é apenas uma evasão á dor.

E por isso eu digo, tornae-vos apercebidos de que o vosso esforço, a vossa luta, vossas chocantes memorias estão destruindo a vossa intelligencia. Tornar-se apercebido não é estar superficialmente consciente porem sim descer ao fundo da consciencia de modo a não deixar sem ser descoberta nenhuma inconsciente reacção. Tudo isso exige pensamento; tudo isso exige mente e coração alerta, em vez da mente transtornada pelas crenças credos e ideaes. A maioria das mentes estão sobrecarregadas por estas cousas e pelo desejo de seguir a outrem. Ao vos tornardes conscientes de vossa carga, não digaes que não deveis ter ideaes, que não deveis ter credos e tudo o mais deste phraseado. Este proprio "deve" já cria uma outra doutrina, um outro credo; tornae-vos simplesmente conscientes e na intensidade dessa consciencia, na intensidade do apercebimento' nessa chamma creareis uma tal crise, um tal conflicto, que o proprio conflicto dissipará o embaraço.

Sei que algumas pessôas aqui vêm anno após anno, e eu esforço-me para explicar estas ideias por differentes maneiras em cada anno, porem receio que muito pouco pensamento haja por parte das pessoas

que dizem "ha sete annos que vos escutamos". Entendo por pensamento, não o mero arrazoado intellectual, que nada mais é que cinzas, porem sim esse equilibrio entre a emoção e a razão entre affecto e pensamento; e esse equilibrio não é influenciado, não é affectado pelo conflicto dos oppostos. Se, porem, não houver nem capacidade de pensar com clareza, nem intensidade de sentimento, como podeis despertar, como pode haver equilibrio, como pode haver vigilancia e apercebimento? Torna-se assim a vida vã, inconsequente, sem valor.

Portanto, a primeira cousa a fazer, se me é per mittido suggeril-o, é averiguar a razão porque pensaes e sentis de certa maneira. Não tenteis modificar esse estado de cousas, não vos esforceis por analysar vossos pensamentos e emoções; tornae-vos porem conscientes do porque pensaes em uma cavidade determinada e a partir de que motivo agís. Embora possaes descobrir o motivo por meio da analyse embora algo possaes encontrar por meio da analyse, isso não será real; só será real quando estiverdes intensamente apercebidos, no momento de funccionamento de vosso pensamento e emoção; então vereis sua extraordinaria subtileza, sua fina delicadeza. Emquanto possuirdes um "deve-se" e um "não se deve", por uma tal compulsão jamais descobrireis esse rapido vaguear do pensamento e da emoção. E eu estou certo de haverdes sido educados na escola dos "deve-se" e dos "não se deve" e por isso haveis destruido vosso pensamento e sentimento. Haveis sido atados e estropeados pelos systemas, pelos metodos, pelos instructores. Portanto, abandonae todos esses "deve-se" e "não se deve". Isto não quer dizer que caiamos na licenciosidade, porem

acautelai-vos da mente que está sempre dizendo "eu devo" e "eu não devo". E então, assim como desabrocha uma flor pela manhã, assim acontece á intelligencia, que alli está, funccionando, criando comprehensão.

PERGUNTA: Cita-se ás vezes o artista como alguem que possue esse entendimento de que falaes, pelo menos quando está agindo creativamente. Se, porem, alguem o perturba ou se atravessa em seu caminho, pode elle reagir violentamente, desculpando sua reacção como sendo a manifestação de seu temperamento. E' obvio que nesse momento não está vivendo completamente. Comprehenderá elle, realmente, pois que tão facilmente deslisa para a eu consciencia?

KRISHNAMURTI: Qual a pessôa a quem chamaes artista? Um homem momentaneamente creativo? Para mim não é artista Ao homem que só em momentos raros tem este impulso creativo e expressa essa creatividade pela perfeição da technica, seguramente não chamarieis artista. Para mim, o verdadeiro artista é alguem que vive completa e harmoniosamente, que não separa a sua arte do viver, cuja propria vida é a expressão disso, seja um quadro, seja a musica seja o seu modo de comportar-se; um homem que não divorcia sua expressão em uma tela, na musica ou na pedra, de sua conducta diaria, de seu diario viver. Isto exige a mais alta das intelligencias, a mais elevada das harmonias. Para mim, verdadeiro artista é homem que possue esta harmonia. Pode expressal-a na tela, pode palestrar ou pintar; ou pode em absoluto não a expressar apezar de sentil-a. Porem tudo isto exige um sublime equilibrio, uma grande intensidade de apercebimento e portanto sua expressão não está divorciada da diaria continuidade do viver.

Decima Primeira Palestra em Oak Grove

30 de Junho de 1934

O que chamamos felicidade ou extase para mim é o pensar creativo. E pensar creativo é o infinito movimento do pensamento, da emoção, e da acção. Isto é, quando o pensamento, que é emoção, que é a propria acção, está desembaraçado em seu movimento, quando não é compellido, influenciado ou amarrado por uma ideia, e não provem do campo originario da tradição ou habito, esse movimento, então, é creativo. Enquanto o pensamento — e não repetirei de cada vez, emoção e acção — enquanto o pensamento estiver circumscripto, seguro por uma ideia fixa, ou meramente se ajustar a um fundo ou condições e portanto tornando-se limitado, um tal pensamento não é creativo.

Portanto, a pergunta que toda a pessoa sensata faz a si propria é a de como despertar esse pensar creativo; pois que, quando existe esse pensar creativo, o qual é movimento infinito, então não pode mais haver ideia de limitação, de conflicto.

Ora, este movimento de pensar creativo não busca em sua expressão um resultado, uma consecução; seus resultados e expressões não a sua culminação. Não possue elle culminancia ou méta, pois que está eternamente em movimento. A maioria das mentes estão buscando uma culminação, uma méta, uma consecução, e modelam-se segundo a ideia do exito, e um tal pensamento, um cogitar desses está de continuo limitando-se a si proprio. Ao passo que, se não houver

ideia de consecução porem sim somente o continuo movimento do pensamento como entendimento, como intelligencia, então esse movimento de pensamento é creativo. Isto é, o pensar creativo cessa quando a mente está estropeada pelo ajustamento oriundo da influencia, ou quando funcciona com um fundo de tradição que não houver comprehendido ou a partir de um ponto fixo, como se fosse um animal amarrado a um poste. Enquanto esta limitação e ajustamento existirem, não pode existir pensar creativo, intelligencia, a unica que é liberdade.

Este movimento creativo do pensamento jamais busca um resultado ou chega a uma culminancia, pois que o resultado, ou culminancia é sempre o producto da cessação e do movimento alternados, ao passo que, se não houver busca de um resultado, porem sim somente o movimento continuo do pensamento, isso, então, será o pensar creativo. Repito, o pensar creativo está livre da divisão que cria conflicto entre o pensamento, a emoção e a acção. E a divisão existe somente quando houver a busca de uma méta, quando houver ajustamento e a complacencia da certeza.

A acção é movimento, o qual é, elle proprio, pensamento e emoção, como bem expliquei. Esta acção é a relação entre o individuo e a sociedade. E' conducta, trabalho, cooperação a que chamamos preenchimento. Isto é, quando a mente funcciona sem buscar uma culminancia, uma méta e portanto pensa creativamente, esse pensamento é acção, a qual é relação entre o individuo e a sociedade. Ora, se este movimento do pensamento fôr claro, simples, directo, espontaneo, profundo, então não ha conflicto no individuo contra a sociedade, pois que a acção, então é a propria expressão desse movimento vivo, creativo.

Portanto, para mim, não existe *arte* de pensar ha só pensar creativo. Não ha technica de pensar, ha somente o funccionar espontaneo creativo da intelligencia, a qual é a harmonia da razão, emoção e acção, sem que estejam divorciadas umas das outras.

Ora, este pensar e sentir, sem busca de recompensa, de resultado, é verdadeira experiencia, pois não é? No acto real de fazer experiencias, de experimentar não pode haver procura de resultado, pois que esses experimentos são o movimento do pensamento creativo. Para experimentar, a mente tem que estar de continuo libertando a si propria do ambiente, com o qual entra em conflicto ao movimentar-se, esse ambiente a que chamamos passado. Não pode haver pensar creativo se a mente estiver embaraçada pela busca de uma recompensa, pela persecução de uma méta.

Quando a mente e o coração andam á procura de um resultado, de um lucro e por esse modo havendo complacencia e estagnação, tem que haver pratica, sobrepujamento, uma disciplina da qual surge conflicto. A maioria das pessôas pensam que pelo pôr uma ideia em pratica, libertarão o pensar creativo. Ora a pratica, se chegardes a observal-a, a reflectir sobre ella, nada mais é que o resultado da dualidade. E uma acção nascida dessa dualidade tem que perpetuar essa distincção entre a mente e o coração, e uma tal acção torna-se meramente a expressão de uma conclusão calculada, logica, auto-protectiva. Se houver esta pratica da auto-disciplina, ou esse continuo dominio ou influencia das circumstancias, então a pratica é mera alteração, uma mutação em direcção a um fim; é mera acção dentro das fronteiras do pensamento limitado a que chamais eu-consciencia. Portanto, a pratica não é portadora do pensamento creativo.

Pensar creativamente é produzir harmonia entre a mente, a emoção e a acção. Isto é, se estiverdes convictos de uma acção, sem procurar a recompensa no fim, então essa acção, sendo a resultante da intelligencia, liberta todos os embaraços oppostos á mente pela falta de entendimento.

Temo que não comprehendais isto. Quando avanço uma ideia nova pela primeira vez, e a ella não estaes habituados, naturalmente achaes muito difficil comprehender; se porem reflectirdes a respeito, vereis o seu significado.

Onde a mente e o coração estão sobrecolhidos pelo medo, pela falta de comprehensão, pela compulsão, uma tal mente, posto que possa pensar dentro dos confins, dentro das limitações do medo, não está realmente pensando e a sua acção tem sempre que levantar novas barreiras. Portanto sua capacidade de sentir está sempre sendo limitada. Se porem a mente a si propria se libertar por meio do entendimento das circumstancias, e portanto age, então essa mesma acção é pensar creativo.

PERGUNTA: *Podeis, por obsequio, fornecer um exemplo do exercicio pratico do constante apercebimento e escolha na vida de todos os dias?*

KRISHNAMURTI: Farieis esta pergunta se houvesse uma serpente venenosa em vosso aposento? Em tal caso não perguntarieis: "como manter-me acautelado? Como estar intensamente apercebido?" Só fazeis esta pergunta quando não estaes certos de haver uma serpente venenosa em vosso quarto. Ou estaes inteiramente inconscientes do facto ou pretendeis brincar com essa serpente, quereis gosar a sua dor e os seus deleites.

Por favor, attentae bem nisto. Não pode haver apercebimento, essa vigilancia da mente e das emoções emquanto a mente estiver ainda captiva do prazer e da dor. Isto é, quando uma experiencia vos proporciona dor e ao masmo tempo vos dá prazer, nada fazeis. Só agís quando a dor é maior do que o prazer, porem se o prazer fôr maior, nada em absoluto fazeis por não haver conflicto agudo. E' somente quando a dor ultrapassa o prazer. quando é mais aguda que o prazer, que exigis a acção.

A maioria das pessôas esperam o accrescentamento da dor antes de agirem e durante esse periodo de espera querem saber como hão de estar alerta. Ninguem lh'o pode dizer. Esperam pelo accrescentamento da dor antes de agir, isto é, esperam pela compulsão oriunda da dor para os obrigar a agir, e nessa compulsão não ha intelligencia. E' apenas o ambiente que os força a agir de um modo particular, não a intelligencia. Portanto, quando a mente se acha captiva desta estagnação, nesta falta de tensão, naturalmente tem que haver maior dor, conflicto maior.

Tal como as cousas da politica se afiguram a guerra pode rebentar novamente. Pode rebentar dentro de dois annos, de cinco annos ou de dez annos. Um homem intelligente pode ver isto e agir intelligentemente. Porem o homem estagnado, que espera pela dor para que esta o force a agir, procura maior cáos, maior soffrimento para que este lhe dê o impeto para agir, e por isso a sua intelligencia não está funccionando. Só ha apercebimento quando a mante e o coração se acham sob grande tensão.

Por exemplo, quando verificaes que o desejo de posse tem que levar á incompletidade, quando vedes

que a insufficiencia, a falta de riqueza, a vacuidade, tem sempre que dar em resultado a dependencia, quando reconheceis isto, que acontece á vossa mente e coração? O anceio immediato é para encher esse vacuo; porem alem disto, quando vedes a futilidade do continuo accumular, começaes a vos aperceber como funcciona a vossa mente. Verificaes que no mero accumulo não pode haver pensar creativo; e no entanto a mente vae atraz do accumulo. Portanto, ao vos aperceberdes disto, creaes um conflicto e esse proprio conflicto dissolverá a causa do accumulo.

PERGUNTA: Por que maneira um estadista que comprehendesse o que estaes dizendo, lhe daria expressão nos negocios publicos? Ou por outra, não seria mais provavel que elle se retirasse da politica ao entender a falsidade de suas bases e objectivos?

KRISHNAMURTI: Se elle comprehendesse o que estou dizendo, não separaria a politica da vida em sua completidade; e não vejo porque devêra elle retirar-se. No fim de tudo, a politica, presentemente, é apenas um instrumento de exploração; se, porem, elle considerasse a vida como um todo, não somente a politica — e por politica entende elle apenas o *seu* paiz, o *seu* povo, e a exploração de outrem — e encarasse os problemas mundiaes, não como Americanos, hindús ou germanicos, então, se comprehendesse aquillo de que estou falando, seria um verdadeiro ser humano, não um politico. E, para mim, é esta a mais importante cousa, o ser-se um ente humano, não um explorador ou um experiente em uma dada linha especial. Esforcei-me para explicar isto, hontem, em minha palestra. Penso ser ahi que o desentendimento reside. O politico trata somente de politica; o moralista, de

moral, o pretenso instructor espiritual, do espirito, cada qual julgando-se um experto e excluindo os outros. Todo o arcabouço da nossa sociedade está baseado nisto, e por isso os leaders dos varios departamentos criam maior tumulto e maior desgraça. Ao passo que se nós víssemos a intima connexão existente entre todas essas cousas, entre a politica, a religião, a vida economica e a social, se vissemos essa connexão, então não pensariamos, nem agiriamos separadamente, individualisticamente.

Na India, por exemplo, ha milhões de famintos. O hindú nacionalista diz: "tornemo-nos em primeiro logar intensamente nacionaes; e depois seremos, então, capazes de resolver esse problema da fome." Ao passo que, para mim, o meio de solver o problema da fome não é tornar-se nacionalista, ao contrario; a fome é um problema mundial e este processo de isolamento nada mais faz que accrescentar a fome. Portanto, se o politico tratar dos problemas da vida humana como um mero politico, um tal homem cria maior confusão, maior desentendimento, maior desgraça; se, porem, elle tomar em consideração a vida em seu todo, sem differenciação de raças, de nacionalidades e classes, então será elle verdadeiramente um ser humano, embora seja politico.

PERGUNTA: Haveis dito que com mais uma ou duas pessoas que comprehendam, podereis alterar o mundo. Muitos pensam que já comprehendem e que outros ha a quem acontece a mesma cousa, taes como os artistas e os homens de sciencia, porem que apezar disso o mundo não está modificado. Ireis modificar o mundo agora, talvez lenta, subtil, mas sem embargo definitivamente por meio de vossa oratoria, de vosso viver e da influencia que, indubitavelmente, exercereis sobre o pensa-

mento humano nos annos vindouros? Será esta a mudança que haveis tido em mente produzir ou será algo que immediatamente affecte a estructura politica, economica e racial?

KRISHNAMURTI: Sinto jamais haver pensado no aspecto immediato da acção e seu effeito. Para auferir um resultado verdadeiro e perduravel, tem que haver por detraz da acção grande observação, grande pensamento e intelligencia, e muito poucas pessoas desejam pensar creativamente, ou libertar-se das influencias e entraves. Se começardes a pensar individualmente, então sereis capazes de cooperar intelligentemente; e emquanto não houver intelligencia não pode haver cooperação, e sim somente compulsão e, portanto, cáos.

PERGUNTA: Até que ponto pode uma pessôa controlar suas acções? Se somos, em uma dada epoca a somma de nossas previas experiencias, e se não existe eu espiritual, será possivel a uma pessôa o agir por um outro modo qualquer que não aquelle determinado pela sua herança originaria, a somma de seu passado adestramento e os estimulos que incidem sobre ella na occasião? Se assim é, o que é que occasiona as mudanças no processo physico e como são ellas determinadas?

KRISHNAMURTI: Até que ponto pode uma pessôa dominar suas acções? Uma pessôa não domina suas acções se não houver entendido o ambiente. E então está agindo apenas sob a compulsão, a influencia do ambiente; uma acção tal, em absoluto não é acção, porem sim meramente reacção, movimento de protecção-propria. Quando, porem, uma pessôa começa a comprehender o ambiente, vê o seu

pleno significado e merecimento e então é senhor de suas proprias acções, é intelligente; e portanto não tem importancia a condição sob a qual virá a actuar intelligentemente.

"Se formos, em qualquer tempo dado, a somma de nossa precedente experiencia e se não ha eu espiritual, será possivel a uma pessôa agir por um outro modo qualquer que não aquelle determinado pela sua herança originaria, a somma do seu passado adestramento e os estimulos que incidem sobre elle na occasião?"

Repito, o que disse, applica-se ao caso. Isto é, se elle estiver actuando meramente a partir do fardo do passado, quer este seja a sua herança individual quer racial, uma tal acção é mera reacção do medo; se, porem, elle comprehender o subconsciente, isto é, suas accumulações passadas, então estará liberto do passado e, portanto, livre da compulsão do ambiente.

No fim de contas, o ambiente pertence ao presente tanto quanto ao passado. Não se comprehende o presente, por estar a mente annuveada pelo passado; o libertar a mente do subconsciente, dos inconscientes impecilhos do passado, não é fazer velar a memoria do passado, e sim o ser plenamente consciente no presente. Nessa consciencia, nessa plena consciencia do presente, todos os passados impecilhos entram em actividade, surgem á frente, e neste surgir á frente, se estiverdes apercebidos, vereis o pleno significado do passado e portanto comprehendereis o presente.

"Se assim é, o que occasiona as mudanças nos processos physicos e como se operam?" Até ao ponto em que me é possivel comprehender o inquiridor, elle quer sa-

ber o que produz esta acção, esta acção que lhe é imposta pelo ambiente. Elle age de maneira especial, compellido pelo ambiente, porem, se comprehendesse o ambiente intelligentemente, não haveria compulsão alguma; haveria comprehensão, que é a propria acção.

PERGUNTA: Eu vivo em um mundo de cáos, politicamente, economicamente e socialmente, atado pelas leis e convenções que restringem a minha liberdade. Quando meus desejos entram em conflicto com essas imposições, tenho que violar a lei e supportar as consequencias, ou reprimir meus desejos. Onde, pois, em um mundo tal, ha uma escapula da auto-disciplina?

KRISHNAMURTI: Tenho frequentemente falado a este respeito, porem tentarei explicar uma vez mais. A auto-disciplina é um mero ajuste ao ambiente, produzido pelo conflicto. E' isto que eu chamo auto-disciplina. Vós haveis estabelecido um modelo, um ideal, que actua como uma compulsão e estaes forçando a mente a ajustar-se a esse ambiente, forçando-a, modificando-a, controlando-a. Que acontece quando fazeis isto? Estaes na realidade destruindo a creatividade; estaes pervertendo, supprimindo o affecto creativo. Se, porem, começardes a comprehender o ambiente, então não mais ha essa repressão ou mero ajuste ao ambiente, a que chamaes auto-disciplina.

Como podeis, pois, comprehender o ambiente? Como podeis entender seu pleno significado e merecimento? Que é que vos impede de ver seu significado? Em primeiro logar, o medo. O medo é a causa da busca de protecção ou segurança, segurança que ou é physica ou espiritual, religiosa ou emocional. Enquanto existir esta busca tem que haver medo, o qual então

cria uma barreira entre a vossa mente e o vosso ambiente e por esse modo cria um conflicto; e este conflicto não o podeis dissolver enquanto somente vos preoccupardes com o ajustamento, a modificação, e jamais com a descoberta da causa fundamental do medo,

Assim, pois, onde houver esta busca de segurança, de certeza, de uma meta impedindo o pensar creativo, tem que haver o ajustamento chamado auto-disciplina, que nada mais é que compulsão, a imitação de um padrão. Ao passo que, quando a mente vê que não existe tal segurança no empilhamento de cousas ou de conhecimento, então a mente liberta-se do medo, e portanto a mente é intelligencia e aquillo que é intelligencia não se disciplina a si mesmo. So ha auto-disciplina onde não ha intelligencia. Onde ha intelligencia ha entendimento, liberto da influencia, do controle e do dominio.

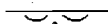
PERGUNTA: Como é possivel despertar o pensamento em um organismo em o qual o requesito do mechanismo para apprehensão do que é abstrato está ausente?

KRISHNAMURTI: Pelo simples processo do soffrimento; pelo processo da experiencia continua. Porem, vêdes, nós tomamos por tal modo abrigo por detraz dos falsos valores que cessamos em absoluto de pensar e então perguntamos: "que faremos? Como havemos de despertar o pensamento?" Temos cultivado os temores, os quaes se tornaram glorificados como se fossem virtudes e ideaes, por detraz dos quaes a mente busca abrigo e toda a acção procede desse abrigo, desse molde. Por isso não ha pensar. Tendes convenções, e o ajustar-se a si mesmo a essas convenções, chama-se pensamento e acção, cousa que em abso-

luto não é pensamento e nem acção, porque nasce do medo e por consequente estropia a mente.

Como podeis despertar o pensamento? As circumstancias ou a morte de alguem a quem amaes, ou ainda uma catastrophe, uma depressão que vos força a entrar em conflicto. As circumstancias, as condições externas forçam-vos a agir e nessa compulsão não pode ter logar o despertar do pensamento, porque estaes agindo em virtude do medo. E se começaes a ver que não podeis esperar pelas circumstancias que vos forcem a agir, então começaes a observar as proprias circumstancias, então começaes a penetrar e a comprehender as circumstancias, o ambiente. Não esperaes pela depressão para que ella vos faça uma pessêa virtuosa, porem libertaes a vossa mente do espirito de posse, da compulsão.

O sistema acquisitivo acha-se baseado na ideia de que podeis possuir e de que é legal o possuir. A posse vos glorifica. Quanto mais possuis, melhor, mais nobre vos consideram. Haveis creado este sistema, e haveis vos tornado escravos delle. Podeis crear uma outra sociedade, não baseada no espirito acquisitivo e essa sociedade pode-vos compellir como individuos a vos conformardes ás suas convenções, exactamente como esta sociedade vos compelle a vos comformardes ao seu espirito de acquisição. Qual é a differença? Nenhuma. Vós, como individuos, estaes simplesmente sendo forçados pelas circumstancias ou pela lei a agir em uma particular direcção e portanto não ha em absoluto pensar creativo, ao passo que, se a intelligencia estivesse começando a funccionar, enão não serieis escravos de qualquer das sociedades tanto a acquisitiva como a não acquisitiva. Porem, para se libertar a mente, tem

que haver grande intensidade; tem que existir esse estado de alerta, de observação, que cria, elle proprio, o conflicto. Esse estado de alerta, produz, elle proprio, um disturbio, e onde houver uma crise dessas, essa intensidade de conflicto, a mente, se não estiver evadindo-se, começa a pensar outra vez, a pensar creativamente e esse proprio pensar é eternidade.

Decima Segunda Palestra em Oak Grove

1º de Julho de 1934

Penso que a maioria das pessôas esqueceu-se da arte de escutar. Vem aqui com seus problemas particulares e pensa que ouvindo minha palestra seus problemas serão solucionados. Sinto que isto não aconteça; se, porem, souberdes ouvir, então cameçareis a comprehender o todo e vossa mente não se emmaranhará no particular.

Portanto, se me é permittida uma suggestão, não vos esforceis por buscar nesta palestra uma solução para o vosso problema particular ou um allivio para o vosso soffrimento. Eu só vos posso auxiliar ou por outra vós só podeis ajudar a vós proprios se pensardes renovada, creativamente. Encarae a vida, não como constando de varios problemas isolados, porem sim comprehensivamente, como um todo, com mente não suffocada pela busca das soluções. Se me escutardes sem a carga dos problemas e obtiverdes uma visão comprehensiva, então vereis que o vosso problema particular tem um significado differente; e, embora não possa ser solucionado de repente, começareis a ver a verdadeira causa delle. Ao pensar de novo, ao aprender a pensar, advirá a solução dos problemas e dos conflictos com os quaes a nossa mente e coração estão carregados e dos quaes surge toda a desharmonia, dor e soffrimento.

Ora, cada qual, está mais ou menos, consumido por desejos cujos objectos variam de accordo com o ambiente, o temperamento e a hereditariedade. De accordo com a vossa particular condição, com a vossa particular educação e edificação religiosa, social, e eco-

nomica, haveis estabelecido certos objectivos cujo attingimento sem cessar estaes perseguindo e esta persecução tomou a supremacia em vossas vidas.

Uma vez tendo estabelecido estes objetivos, surgem naturalmente os especialistas qne actuam como guias em direcção ao attingimento dos vossos desejos. Dahi a perfeição da technica, a especialisação, tornarem-se meios para alcançar um fim; e no sentido de alcançar este fim, que haveis estabelecido por meio de vossas condições religiosas, economicas e sociais, precisaes especialistas. Assim, a vossa acção perde o seu significado, o seu valor, por estardes preoccupados com o attingimento de um objectivo, e não com o preenchimento da intelligencia que é acção; vós vos preoccupaes com a chegada, não com aquillo que é o proprio preenchimento. O viver torna-se meramente o meio de chegar a um fim e a vida uma escola na qual aprendeis a attingir um fim. A acção, portanto, torna-se uma escola de grande conflicto e luta, jamais uma cousa de preenchimento, de riqueza, de completidade.

Então começaes a fazer perguntas, de qual é o fim, o proposito da vida. E' isto que a maior parte das pessôas pergunta; é isto que está na mente da maioria das pessôas aqui. Porque vivemos? Qual é o fim? Qual é a meta? Qual o proposito? Vós vos preoccupaes com o proposito, com o fim, antes do que com o viver no presente; ao passo que o homem que preenche, jamais interroga qual o fim, porque o proprio preenchimento é sufficiente. Como, porem, não sabeis como preencher, como viver completa, rica, sufficientemente, começaes a perguntar pelo proposito, pela meta, pelo fim, porque suppondes poder então enfrentar a vida,

conhecer o fim — pensaes pelo menos conhecer o fim — e então, conhecendo o fim, tendes esperança de utilisar a experiencia como um meio em direcção a esse fim; dahi, torna-se a vida um meio, uma medida, um valor para chegar a esse attingimento.

Consciente ou inconscientemente, velada ou abertamente, começa o individuo a interrogar o proposito da vida, e cada qual recebe uma resposta dos pretensos especialistas. Se perguntardes ao artista qual o proposito da vida, elle vos dirá que é a auto-expressão por meio da pintura, da esculptura, da musica ou da poesia; o economista, se lhe fizerdes esta pergunta, dir-vos-á que é o trabalho, a producção, a cooperação, o viver em conjuncto, funccionando como um grupo, como uma sociedade; e se o mesmo perguntardes ao religioso elle vos dirá que o proposito da vida e buscar realisar Deus, o viver de accordo com as leis estabelecidas pelos instructores, os profetas, os salvadores e que vivendo de accordo com suas leis e edictos podereis realisar essa verdade que é Deus. Cada especialista vos dá sua resposta acerca do proposito da vida, e de accordo com o vosso temperamento, fantasias e imaginação, começaes a estabelecer esses propositos, esses fins, como sendo ideaes vossos.

Taes ideaes e fins vieram a tornar-se meramente um porto de refugio, porque delles vos servis para vos guiardes e protegerdes a vós proprios em meio deste turbilhão. Começaes, assim, a utilisar isso na medida das vossas experiencias, a interrogar quaes as circumstancias do vosso ambiente. Começaes, sem o desejo de comprehender ou preencher, meramente a interrogar qual o proposito do ambiente; e no descobrir esse proposito, de accordo com vossas condições, as vossas pre-

concepções, apenas evitaes o conflicto de viver sem comprehensão.

Assim, a mente dividiu a vida em ideaes, propositos, culminações, attingimentos, fins; em tumulto, conflicto, perturbação, desharmonia; e em vós mesmos, a eu-consciencia. Quer isto dizer que a mente separou a vida nessas tres divisões. Vós estaes apanhados neste tumulto e por meio delle, deste conflicto, desta perturbação que nada mais é que tristeza, trabalhaes em direcção a um fim, a um proposito. Vós rompeis, vós vos projectaes através deste turbilhão, em direcção á meta, ao fim, ao porto de refugio, ao attingimento do ideal; e esses ideaes, fins, refugios, foram apontados por expertos economicos, religiosos e espirituaes.

Assim, estaes, em um extremo, vadeando as condições e o ambiente, e creando conflicto ao mesmo tempo que vos esforçando para realizar ideaes, propositos e attingimentos que se tornaram refugios no outro extremo. O proprio acto de perquirir o proposito da vida indica a falta de intelligencia no presente; e o homem que está plenamente activo — não perdido nas actividades, como acontece á maioria dos americanos, porem plenamente activo, intelligente, emocional e plenamente vivaz — preencheu-se a si mesmo. Portanto o inquirir sobre um fim é vão, pois que não existe coisa que se pareça com fim e começo; existe somente o continuo movimento do pensar creativo, e o que chamaes problemas são os resultados de vosso projectardes nesse turbilhão em direção a uma culminancia. Isto é, estaes preoccupados de como haveis de vencer este tumulto, de como vos haveis de ajustar ao ambiente de modo a chegar a um fim. E' com isto que toda a vossa vida se relaciona e não convosco proprios

e a meta. Vós não vos preoccupaes com isso, estaes preoccupados com o turbilhão e de como passar através delle, como domina-lo, como vence-lo, e portanto como delle fugir. Pretendeis chegar a essa perfeita evasão a que chamaes ideaes, a esse perfeito refugio a que chamaes o proposito da vida, que nada mais é que uma escapula ao presente torvelinho.

Naturalmente, quando buscaes vencer, dominar, evadir-vos e chegar a essa meta ultima, surge a busca dos systemas e seus leaders, guias, instructores e espertos; para mim todos elles são exploradores. Os systemas, os methodos, seus instructores, todas as complicações de suas rivalidades, excitações, promessas e enganos, criam divisões na vida, conhecidas pelo nome de seitas e cultos.

E' isto que está acontecendo quando buscaes um attingimento, um resultado, uma vitória sobre o tumulto, sem tomar em consideração a consciencia do "tú" e do "eu" e do fim que incessante e consciente ou inconscientemente perseguis. Tendes, naturalmente, que crear exploradores sejam elles do passado ou do presente e ficaes captivos das suas insignificancias, dos seus zelos, das suas disciplinas, das suas desharmonias e das suas divisões. Portanto, o mero desejo de passar por esse tumulto cria sempre outros problemas, pois não se considera o actor e a sua acção, considera-se simplesmente a scena do tumulto como um meio de chegar a um fim.

Ora, para mim, o tumulto, o fim, e o "tú" são a mesma cousa, não ha divisão, esta divisão é artificial e creada pelo desejo do lucro, pela persecução das acquisições e da accumulação que nasce da insufficiencia.

Ao tornar-se alguem consciente do vasio, da vacuidade, começa a verificar a completa insufficiencia do seu pensar e sentir e portanto em seu pensamento surge a ideia da accumulação e della nasce a divisão entre o "tu", a eu-consciencia e o fim. Para mim, como disse, não pode haver tal distincção pois a partir do momento em que chegardes ao preenchimento não pode mais existir o actor e o acto, mas somente esse movimento creativo do pensamento que não busca um resultado, portanto, havendo um continuo viver que é immortalidade.

Vós porem haveis dividido a vida.

Reflictamos sobre o que seja este "Eu", este actor, este observador, este centro do conflicto.

Elle nada mais é que uma continua espiral da memoria. Já discuti a memoria mui cuidadosamente em minhas palestras precedentes e não posso agora entrar em detalhes; se vos interessa lereis o que já disse. Este "Eu" é uma voluta da memoria em a qual ha accentuações. A essas accentuações ou depressões chamamos complexos e a partir delles é que agimos. Isto é, a mente, consciente da insuficiencia, vae em perseguição de um lucro e portanto cria uma distincção, uma divisão. Uma tal mente não pode comprehender o ambiente e como o não pode comprehender tem que confiar no accumulo da memoria para orientar-se, pois a memoria nada mais é que uma serie de accumulos que actuam como guia em direcção a um fim. E' esta a finalidade da memoria. A memoria é a falta de compreensão; essa falta de compreensão é o vosso fundo de reserva de ideias e é dahi que procede a vossa acção.

Essa memoria actúa como um guia em direcção a um fim, e esse fim, já preestabelecido, é meramente

um refugio de auto-protecção a que chamaes ideaes, attingimento, verdade, Deus ou perfeição. O começo e o fim, o "tu" e a meta, são resultado desta mente auto-protectora.

Eu já expliquei como a mente auto-protectora vem á existencia; vem á existencia como o resultado da consciencia ou apercebimento da vacuidade, do vasio. Começa portanto a pensar em termos de consecução, acquisição e a partir dahi começa a funccionar, dividindo a vida e restringindo as suas acções. Portanto o fim e o "tu" são o resultado desta mente auto-protectora e o tumulto, o conflicto e a desharmonia, nada mais são que processos de auto-protecção e nascem dessa auto-protecção espiritual e economica.

Espiritual e economicamente vós buscaes a segurança, porque confiaes no accumulo para vossa riqueza, para vossa comprehensão, para vossa plenitude, para o vosso preenchimento. E portanto, aquelle que é habilidoso, tanto no mundo espiritual como no economico, explora-vos, pois ambos buscam o poder glorificando a auto-protecção. Assim, pois, cada mente está fazendo um tremendo esforço para a si propria proteger, e o fim, o meio, e o "tu" nada mais são que o processo da auto-protecção. Que acontece quando existe este processo de auto-protecção? Tem que haver conflicto entre as circumstancias que chamamos sociedade e o "tu" esforçando-se para se proteger a si mesmo contra a collectividade, o agrupamento, a sociedade.

Ora, o inverso disto não é verdade. Isto é, não imagineis que se deixardes de vos proteger estareis perdidos. Ao contrario, perdidos estareis se a vós proprios estiverdes protegendo em virtude da insufficiencia, da

vacuidade de pensamento e affeição; se porem deixardes de a vós proprios proteger por meramente pensardes que por essa maneira encontrareis a verdade, isso mais não será ainda que uma nova forma de protecção. Portanto, já que através dos seculos e das gerações construimos esta roda de auto-protecção espiritual e economica, vamos verificar se a auto-protecção espiritual ou economica é uma cousa real. Talvez economicamente possaes affirmar isso, pelo momento, a respeito da auto-protecção.

O homem que possue dinheiro e muitos bens e que assegurou confortos e prazeres para o seu corpo, geralmente é, se o observardes, insuficientissimo e faltissimo de intelligencia e anda ancioso, e anda á procura da pretensa protecção espiritual.

Investiguemos porem se realmente existe a auto-protecção espiritual visto que, economicamente, não existe segurança. A illusão da segurança economica evidencia-se por todo o mundo por meio das depressões, das crises, das guerras, das calamidades, e do caos. Reconhecemos isto e por isso voltamo-nos para a segurança espiritual. Para mim, porem, não existe segurança, não existe auto-protecção, nem jamais pode existir de forma alguma. Digo que somente existe a sabedoria, que é entendimento e não a protecção. Isto é, a segurança, a auto-protecção, é a resultante da insuficíencia em a qual não existe intelligencia, em a qual não ha pensar creativo em a qual existe uma constante luta entre o "tu" e a sociedade, e na qual o esperto vos explora grosseiramente. Emquanto houver busca de auto-protecção tem que haver conflicto, e portanto não pode haver entendimento nem sabedoria. Emquanto existir esta attitude, vossa busca da espiritualidade, da

verdade ou de Deus é vã, inutil, pois que é simplesmente a busca de maior poder e de maior segurança.

E' só quando a mente, que tomou abrigo por detraz dos muros da auto-protecção, se liberta a si mesma de suas proprias creações, que pode haver essa sublime realidade. No fim de tudo essas paredes de auto-protecção são creações da mente que consciente da sua insuficiencia constróe esses muros de protecção e por detraz delles se abriga. O individuo construiu essas barreiras inconsciente ou conscientemente, e a mente fica tão estropeada, amarrada e segura, que a acção produz ainda maior conflicto e maiores disturbios.

Portanto, a mera busca de uma solução para os vossos problemas não vos liberta a mente de crear problemas outros. Enquanto este centro de auto-protecção, nascido da insuficiencia, existir, tem que haver disturbios, tristeza e dôres formidaveis; e não vos é possivel libertar a mente da tristeza, mediante o disciplinal-a para que não seja insuficiente. Isto é, não podeis disciplinar a vós proprios ou deixar-vos influenciar pelas condições e pelo ambiente de modo a não serdes oucos. A vós dizeis "Eu sou ouco; reconheço este facto, porem como me hei de libertar disto?" E eu vos digo: que vos não busqueis libertar disto, o que seria um mero processo de substituição, porem tornae-vos conscientes, tornae-vos apercebidos do que é que está causando esta insuficiencia. Não a podeis compellir; não a podeis forçar; ella não pode ser influenciada, por um ideal, pelo temor, pela persecução dos gosos e poderes. Só podeis encontrar a causa da insuficiencia por meio do apercebimento. Isto é, contemplando o ambiente e penetrando-o em seu significado, reveladas vos serão as hábeis subtilezas da auto-protecção.

No fim de tudo a auto-protecção é o resultado da insuficiencia, e como a mente foi treinada, apanhada em seu captiveiro durante seculos, não podeis disciplina-la, não podeis vence-la. Si o fizerdes perdeis o significado dos disfarces e subtilezas de pensamento e emoção por detraz dos quaes a mente se tiver abrigado; e para descobrir essas subtilezas tendes de vos tornar conscientes, apercebidos.

Ora, estar apercebido não é alterar. Nossa mente está acostumada ás alterações as quaes são meras modificações, ajustes e o disciplinar-se a uma condição; emquanto que se estiverdes apercebidos, descobrireis o pleno significado do ambiente. Portanto não ha que modificar e sim que libertar-se inteiramente desse ambiente.

Só quando todos esses muros de protecção são destruidos na chama do apercebimento, em a qual não ha modificação, alteração ou ajuste, mas sim compléto entendimento do significado do ambiente com todas suas delicadezas e subtilezas — só por meio desse entendimento se encontra o que é eterno; pois que nelle não ha o "tu" funccionando como um fóco auto-protector. Emquanto, porem, esse fóco auto-protector a que chamaes o "eu" existir tem que haver confusão, tem que haver disturbios, desharmonia e conflicto. Não podeis destruir esses embaraços disciplinando-vos, seguindo um systema ou imitando um modelo; só podeis comprehendel-os com todas as suas complicações, por meio do pleno apercebimento da mente e do coração. Então haverá um extase, haverá esse vivo movimento da verdade, que não é um fim, que não é uma culminancia, porem um viver sempre creativo, um extase que não pode ser descripto, porque toda a descripção necessariamente o destroe Emquanto não fordes, vulneraveis á Verdade, não haverá extase, não haverá immortalidade.